



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS  
ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA (PPGEAA)

MARIA JOSÉ CONCEIÇÃO DOS SANTOS

**VOZES SILENCIADAS: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE OUTRAS  
INTERPRETAÇÕES DO PROCESSO DE INTERIORIZAÇÃO DO CAMPUS UFPA  
NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL- PA A PARTIR DE 1970.**

CASTANHAL  
2020

MARIA JOSÉ CONCEIÇÃO DOS SANTOS

**VOZES SILENCIADAS: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE OUTRAS  
INTERPRETAÇÕES DO PROCESSO DE INTERIORIZAÇÃO DO CAMPUS UFPA  
NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL- PA A PARTIR DE 1970.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia- PPGEEA, da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos necessários para a obtenção de título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Tecnologias e Saberes Culturais.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos

Coorientador: Prof. Dr. Túlio Augusto P. de Vasconcelos Chaves

CASTANHAL- PARÁ  
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

- S237v Santos, Maria José Conceição  
Vozes silenciadas: : história e memória de outras interpretações do processo de interiorização do Campus UFPA no município de Castanhal-Pa, a partir de 1970 / Maria José Conceição Santos. — 2020.  
137 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos  
Coorientador(a): Prof. Dr. Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos Chaves  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2020.
1. UFPA Campus Castanhal.. 2. Interiorização. . 3. História.. 4. Memória.. 5. Sujeitos.. I. Título.

CDD 378.09811

---

MARIA JOSÉ CONCEIÇÃO DOS SANTOS

**VOZES SILENCIADAS: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE OUTRAS INTERPRETAÇÕES DO PROCESSO DE INTERIORIZAÇÃO DO CAMPUS UFPA NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL- PA A PARTIR DE 1970.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia- PPGEAA, da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos necessários à obtenção de Título de Mestre em Estudos Antrópicos, na Linha de Pesquisa em Linguagens, Tecnologias e Saberes Culturais.

Data da avaliação: 22/06/2020

Conceito: Aprovada

BANCA EXAMINADORA



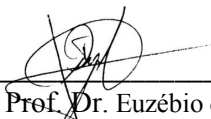
---

Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos  
(Orientador – PPGEAA/UFPA)



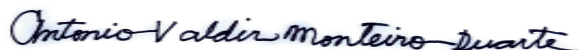
---

Prof. Dr. Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos Chaves  
(Coorientador – UFPA)



---

Prof. Dr. Euzébio de Oliveira  
(Membro – PPGEAA/UFPA)



---

Prof. Dr. Antônio Valdir Monteiro Duarte  
(Membro – UFPA)

CASTANHAL  
2020

Dedico este trabalho aos meus saudosos pais **José Caetano Santos Filho e Marlene Maria Conceição** (*in memoriam*). Sem eles, as minhas cores não existiriam e meus sonhos não se realizariam. Foram os primeiros companheiros na minha longa jornada. Ajudaram a escolher o melhor caminho, oferecendo conforto e colo nos momentos de insegurança. Obrigada, meus eternos parceiros, guardarei na memória os concelhos e o perfume do cheiro das cabeças esbranquiçadas que ainda me alimentam.

## AGRADECIMENTOS

Quando finalizei todas as etapas da pesquisa e entreguei a Dissertação pronta para a publicação, olhei para os lados e percebi o quanto obtive ajuda das pessoas, visto que, em todos os momentos, estavam sempre presentes e não me deixaram desanimar. Choraram com os meus lamentos, sorriram das minhas felicidades, lutaram para me ver vencer. Eu tive a sorte de encontrar vocês nesse percurso, em que a caminhada tornou-se mais tranquila. É por isso que não posso deixar de prestar meus sinceros agradecimentos.

A Deus, meu confidente mais íntimo e autor do meu destino.

À Ana Paula Santos Silva, a razão do meu viver, que diariamente ensina-me a ser mãe.

Ao meu esposo Rubens Matos da Silva, pela paciência das noites ausentes para dedicar-me a esta pesquisa.

À Sônia Marilene, minha irmã, mãe e amiga. Sem a sua presença nada disso seria possível. Te amo.

As minhas irmãs amadas, guerreiras e determinadas Sandra Maria, Socorro Santos, Isabel Cristina, Lurdes Maria e Sônia Marilene.

Aos meus amigos, que estiveram presentes, mesmo que em pensamentos, apoiaram-me, incentivaram-me em todos os momentos. Essa é a forma de retribuir o carinho que me dedicaram.

À Universidade Federal do Pará Campus Castanhal e aos amigos que nela trabalham. Convivi nesse espaço por um período curto, porém a experiência compartilhada me fez acreditar que ainda é possível encontrar ambiente de trabalho tranquilo e acolhedor. Posso dizer que durante minha jornada de funcionária pública municipal, a UFPA foi o lugar onde encontrei o meu ponto de equilíbrio.

E em especial ao meu amigo, professor e filósofo, **João Batista Santiago Ramos**, que não mediu esforços para que eu chegasse até o fim, ou como ele costuma dizer “tudo isso é só o começo, saiba que a vida não é fácil, mas pode tornar-se menos dolorida com uma boa taça de vinho”. A você, meu querido, um brinde de gratidão.

Se me perguntassem de qual cor estou hoje, eu não saberia responder pois a felicidade é intensa e as cores se agregam e transbordam em todo o contorno da minha existência, ficando impossível defini-las.

“A temporalidade da existência quer significar a consciência de não estar existindo em um mundo completamente fechado, preso em um presente cerrado e nunca aberto, pois o presente é sempre um em aberto consciente a um passado fundante e a um futuro que, expectante, chama (...) A história é um mover-se ‘tensional’ de um passado que tende a um futuro esperado e a confiança na sua realização prometida no presente. Este presente não é apenas o futuro realizado do passado, mas o abrir-se tendente a um futuro agora mesmo esperado e prometido”.

(RAMOS, 2012, p. 44).

## RESUMO

O trabalho tem como objetivo compreender a história da implantação do Campus da UFPA na cidade de Castanhal, a partir dos discursos e das narrativas dos sujeitos que vivenciaram o processo da interiorização a partir da década de 1970, com ênfase para o período do governo militar experimentado na UFPA. Relacionando o passado e o presente dessa trajetória, narrados segundo os documentos escritos e os sujeitos entrevistados, promoveu-se outra interpretação do processo histórico da instituição, uma vez que a história registrada carregou-se de ausências documentais, referentes aos períodos de lutas e acordos que se firmaram para a construção da Universidade no interior do Estado. O *locus* da investigação foi o Campus/UFPA, estabelecido na cidade de Castanhal, microrregião Nordeste do Estado do Pará. A pesquisa foi norteada pelos seguintes questionamentos: Quais movimentos ocorreram no sentido de conceber a interiorização do Campus-UFPA em Castanhal? Quais foram os projetos institucionais que impulsionam a UFPA para a cidade? Quais os sujeitos que participaram da implementação? A Ditadura Militar impactou na política de criação da Universidade? A investigação fora pautada na pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo e os procedimentos utilizados fundamentaram-se na história oral, com instrumentos basilados em entrevistas e questionários, tendo como suporte a técnica de análise de conteúdo, que definiu os rumos das informações coletadas. O estudo provou que existem contradições na maioria dos documentos registrados, que pontuam a interiorização da Universidade na cidade mediante a força política dos governos Federal, Estadual e Municipal. Nesse sentido, a história oral confronta-se com os documentos oficiais registrados, porque apontou a existência de vários projetos institucionais que impulsionaram a UFPA para a cidade de Castanhal. O processo de Interiorização ocorreu na década de 1970, movido por muitos entraves e conflitos. E existiram diversos elementos que intermediaram a ação, além da interferência de projetos oriundos do Centro Rural Universitário de Treinamento de Ação Comunitária (CRUTAC), do Ministério da Educação e do Departamento de Ensino Fundamental (DEF), com o intuito de estabelecer um convênio com a UFPA – por meio do Centro de Educação – e a Prefeitura, para implantar um polo Universitário na cidade, considerada uma das mais desenvolvidas da região.

**Palavras-chave:** UFPA Campus Castanhal. Interiorização. História. Memória. Sujeitos.



## ABSTRACT

The work aims to understand the history of the implementation of the UFPA Campus in the city of Castanhal, from the speeches and narratives of the subjects who experienced the process of interiorization from the 1970s, with emphasis on the period of the experienced military government at UFPA. Relating the past and the present of this trajectory, narrated according to the written documents and the interviewed subjects, another interpretation of the historical process of the institution was promoted, since the recorded history was loaded with documentary absences, referring to the periods of struggles and agreements that were established for the construction of the University in the interior of the State. The *locus* of the investigation was the Campus / UFPA, established in the city of Castanhal, northeastern microregion of the State of Pará. The research was guided by the following questions: What movements occurred in order to conceive the interiorization of the Campus-UFPA in Castanhal? What were the institutional projects that propelled UFPA to the city? Which subjects participated in the implementation? Did the Military Dictatorship impact the creation policy of the University? The investigation was based on qualitative bibliographic research and the procedures used were based on oral history, with instruments based on interviews and questionnaires, supported by the content analysis technique, which defined the direction of the information collected. The study proved that there are contradictions in most of the registered documents, which punctuate the University's interiorization in the city through the political force of the Federal, State and Municipal governments. In this sense, oral history is confronted with registered official documents, because it pointed to the existence of several institutional projects that propelled UFPA to the city of Castanhal. The Interiorization process took place in the 1970s, driven by many obstacles and conflicts. And there were several elements that mediated the action, in addition to the interference of projects coming from the Rural University Center for Community Action Training (CRUTAC), the Ministry of Education and the Department of Elementary Education (DEF), with the intention of establishing an agreement with UFPA - through the Education Center - and the City Hall, to set up a University campus in the city, considered one of the most developed in the region.

**Keywords:** UFPA Campus Castanhal. Interiorization. History. Memory. Subjects

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Mapa 1</b> - Vista superior da Universidade Federal do Pará do Município de Castanhal- PA...	28
<b>Organograma 1</b> - Universidade Federal do Pará.....	60
<b>Organograma 2</b> - Universidade Federal do Pará/Campus Castanhal .....	72
<b>Esquema 1</b> - Encaminhamento da pesquisa.....	29
<b>Figura 1</b> - Local onde funcionava o Serviço de Assistência Jurídica e Social da UFPA- Campus Castanhal. ....	64
<b>Figura 2</b> - Escola Estadual Cônego Leitão. Local onde funcionava o serviço da UFPA.....	66
<b>Figura 3</b> - Escola Estadual Lameira Bittencourt. Local onde funcionava o serviço da UFPA. .....	66
<b>Figura 4</b> - Estabelecimento alugado para atender os serviços da UFPA.....	67
<b>Figura 5</b> - Escola Estadual São João Bosco.....	67
<b>Figura 6</b> - Escola Municipal José João. ....	68
<b>Figura 7</b> - Casa alugada onde funcionava a secretaria administrativa da UFPA (CRUTAC). 68	
<b>Figura 8</b> - Prédio alugado para atendimento da UFPA- Secretaria Administrativa e Núcleo universitário. ....	69
<b>Figura 9</b> - Escola Estadual 28 de Janeiro.....	69
<b>Figura 10</b> - Escola Estadual Professor Benício Lopes.....	70
<b>Figura 11</b> - A base física própria da UFPA- Campus Castanhal. ....	70
<b>Figura 12</b> - Foto da assinatura do convênio entre a Universidade Federal do Pará e Prefeitura de Castanhal. ....	74
<b>Figura 13</b> - Núcleo da Universidade Federal do Pará na cidade de Castanhal. ....	75
<b>Figura 14</b> - Professor David Sá. ....	81
<b>Figura 15</b> - Registro de doação de imóvel pela empresa- Construtora Esquádrus- para a Prefeitura de Castanhal construir o Campus UFPA. ....	106
<b>Figura 16</b> - Registro de doação de imóvel do Empresário para a Construção do Campus UFPA/ Castanhal.....	107

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Identificação dos sujeitos, duração das gravações e números de páginas transcritas. .....	31
--	----

## LISTA DE SIGLAS

<b>BNDES</b>	Banco Nacional de Desenvolvimento
<b>CEP</b>	Comitê de Ética em Pesquisa
<b>CRUTAC</b>	Centro Rural Universitário de Treinamento de Ação Comunitária
<b>DEF</b>	Departamento de Ensino Fundamental
<b>FUNCAST</b>	Fundação Cultural de Castanhal
<b>FUNTEC</b>	Fundo de Desenvolvimento Técnico e Científico
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IFES</b>	Institutos Federais de Ensino Superior
<b>IPES</b>	Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>PA</b>	Pará
<b>PDI</b>	Plano de Desenvolvimento Institucional
<b>PDU</b>	Plano de Desenvolvimento do Campus Universitário de Castanhal
<b>PED</b>	Programa Estratégico de Desenvolvimento
<b>PNE</b>	Plano Nacional de Educação
<b>PNI</b>	Programa Norte de Interiorização
<b>PPGEAA</b>	Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia
<b>RU</b>	Regimento Interno
<b>SAJS</b>	Serviço de Assistência Jurídica e Social
<b>SEDUC</b>	Secretaria Estadual de Educação
<b>SNI</b>	Serviço Nacional de Informação
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>UFPA</b>	Universidade Federal do Pará
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco
<b>UFs</b>	Universidades Federais
<b>UNA</b>	Universidade Norte Americana
<b>UNE</b>	União Nacional dos Estudantes
<b>USAID</b>	United States Agency for International Development

## SUMÁRIO

<b>MEMÓRIA DE UMA ARTE-EDUCADORA: UM LIVRO COLORIDO EM ESTILHAÇOS DE SONHOS.....</b>	<b>13</b>
<b>1 ARGUMENTAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>18</b>
1.1 Arranjos do texto.....	20
<b>2 RELEVÂNCIA DA PESQUISA PARA A SOCIEDADE .....</b>	<b>22</b>
2.1 Objetivos.....	23
2.1.1 Objetivo Geral .....	23
2.1.2 Objetivos Específicos .....	23
<b>3 ASPECTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>25</b>
3.1 Lugar da pesquisa.....	28
3.2 Sujeitos entrevistados.....	28
3.3 Percursos da coleta do material .....	29
3.4 Material e método utilizado para a pesquisa .....	30
<b>4 PROPOSTAS E DISCUSSÕES TEÓRICAS .....</b>	<b>33</b>
4.1 A contribuição da história oral para a pesquisa acerca do Campus de Castanhal .....	33
4.2 Abordagens conceituais sobre o passado para compreender o presente .....	35
4.3 Memória, história e silenciamento dos sujeitos .....	38
4.4 Campus-UFPA de Castanhal- A história vista por baixo.....	42
4.5 A relação antrópica no contexto da UFPA em Castanhal .....	44
4.6 Marcos históricos do processo de interiorização das Universidades brasileiras .....	47
4.6.1 “Integrar para não entregar” .....	51
4.7 Os desafios da implantação das Universidades na região Amazônica.....	55
4.8 A Universidade Federal do Pará no processo de interiorização .....	58
4.9 A interiorização do Campus da UFPA na cidade de Castanhal.....	62
<b>5 A DESCRIÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA .....</b>	<b>74</b>
5.1 A história oficial registrada do Campus-UFPA de Castanhal .....	74
5.2 A história da UFPA/Campus Castanhal narrada nas vozes dos sujeitos.....	79
5.3 Análises dos resultados .....	94
5.3.1 Resultados das Categorias Norteadoras para análise.....	100
5.3.2 Temáticas analíticas.....	101
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>116</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>126</b>

## **MEMÓRIA DE UMA ARTE-EDUCADORA: UM LIVRO COLORIDO EM ESTILHAÇOS DE SONHOS**

Discursar sobre a minha vida e trajetória pessoal durante esses 44 anos de existência é como colorir um livro de desenhos. Em alguns momentos, esperava-se que essa colorimetria fosse feita com delicadeza para não ultrapassar as bordas e, ao mesmo tempo, preencher todos os espaços vazios. Em outros momentos, a ansiedade intensa causou atropelos na pigmentação, o que resultou em falhas e imperfeições nesse cartapácio.

A história também acusa que não houve o cuidado com certos parâmetros como o Matiz, que me fez ser intensa e dominante em sentimentos; o Brilho, pois houve momentos ofuscantes e outros totalmente apagados. Fui saturação quando consegui ser definida por uns e indefinida por outros.

Em alguns momentos, minha história foi colorida com cores fortes e quentes, outras com tons claros e suaves, mas, na maioria das vezes, estava com ausência de cor. O preto sempre esteve presente e isso não foi problema. Ao contrário, me possibilitava uma percepção visual, que poderia ser ajustada aos olhos dos outros e ajustar-se à minha própria existência. A ausência da cor em alguns momentos fez-se necessária.

### **Primeiros anos de existência...**

Nasci no dia 07 de março na cidade de Castanhal-Pa. Sou a sexta filha de uma família de seis meninas. Minha chegada nesse mundo foi aguardada pensando em um menino, que teria o nome de meu pai: José Caetano dos Santos Filho. No entanto, pelos atropelos do destino, eu cheguei, mais uma menina. E agora? Pensou minha mãe. E para amenizar o desapontamento de meu pai, decidi homenageá-lo, registrando-me com o seu nome: “José”. Sou Maria José Conceição dos Santos.

O nome registrado nunca foi problema, pelo contrário, seria um orgulho poder ser chamada de Maria José, me faria importante, foi o nome herdado da pessoa que eu mais admirava na minha vida, meu ídolo, minha referência, minha vida. No entanto, para a minha confusão mental, fui batizada pela família como “Mara”. Confesso que, em diversos momentos, perdi a identidade, não compreendia como poderia ser chamada nem apresentada. Enfim, cresci e entendi que o mais importante não era o nome de meu pai, mas os ensinamentos de vida que aprendi com ele durante meus 22 anos de convivência.

## **Pinceladas no ensino básico, fundamental e médio...**

Estudei em escolas públicas dos sete aos dezoito anos, frequentei a escola Municipal Emília Gimenez do 1º ao 5º ano. Passei para o fundamental maior e frequentei a Escola Estadual Padre Salvador Traccaioli. Aos quinze anos iniciei no ensino médio na escola Estadual Lameira Bittencourt. Aos dezoito formei-me em Magistério. Logo em seguida, passei no concurso público para docência do magistério da Rede Municipal de Ensino da cidade de Castanhal. Aos vinte e dois anos casei e me tornei mãe de uma menina. Nesse momento meu livro começa a ser preenchido com as cores mais intensas de felicidade.

### **1ª formação: Pedagogia e atuação profissional no magistério.**

Aos vinte e três anos de idade ingressei na Faculdade de Pedagogia. Essa formação me proporcionou práticas e metodologias educacionais que enriqueceram a minha atuação como docente e me levaram à apropriação de uma didática diversificada.

Quatro anos após a formação, iniciei a especialização em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar. Nela, aprendi a resolver, com autonomia, os problemas educacionais encontrados no ambiente escolar e a desenvolver projetos pedagógicos, metodologias e coordenar equipes educacionais. A princípio, a especialização me direcionou a atuar na Coordenação Pedagógica de escolas no município de Castanhal.

Aos vinte e nove anos, senti a necessidade de me aprofundar no ensino da Educação Especial para assessorar os professores que trabalhavam com alunos que apresentavam necessidades especiais. Assim, cursei outra especialização em Educação Especial e Inclusiva. Nessa formação, aprendi a intensificar a aceitação do novo e rejeitar qualquer forma de discriminação, além de entender que o outro tem suas especificidades. Porém, o livro da vida estava necessitando ser pigmentado, sentia as cores se apagando...

### **2ª formação: Artes Visuais**

Aos trinta e um anos, resolvi cursar Artes Visuais, a qual, posso afirmar, foi o ápice da minha vida profissional, pois nas disciplinas me identifiquei, apaixonei-me, compreendi-me. Entendi que a percepção visual proporciona formas e modos de ver a vida, além de dar cores, sabores, ânimo e impulsionar a caminhar por diversos segmentos.

Acredito que, nesse percurso da formação, meu livro era pigmentado em policromia e as cores eram nítidas, claras e intensas. Aproveitei todos os momentos, intensificava-me nas disciplinas. As cores pulsavam na minha veia.

### **Percurso profissional que impulsionou á pesquisa a nível de Mestrado**

Após os trinta e cinco anos de idade e atuando como artista visual, fui aperfeiçoando as técnicas em áudio visual, incluindo filmagens e fotografias. Envolvi-me em diversos projetos, tendo alguns deles premiados em festival de curta-metragem na cidade de Castanhal.

Em 2017, a Universidade Federal do Pará, nas suas atribuições, solicitou da Prefeitura Municipal de Castanhal, da Secretaria de Educação, a cedência de um profissional com experiência em vídeo documentário, para orientar um projeto institucional sobre a história do Campus. O documentário seria projetado no dia 28/11/2018, para comemorar os quarenta anos de funcionamento do Campus Universitário na cidade. E como faltavam algumas cores no meu livro, aceitei o convite e parti para a nova experiência, torcendo para encontrar uma cor diferente e perfeita.

A minha participação seria em um projeto institucional que teve como tema/título: “Reescrever a história do Campus por meio de documentário em audiovisual”. Para coordenar esse projeto, foi convidado o professor historiador Dr. Túlio Chaves, que orientou diretamente nas questões principais que eram necessárias para a execução dessa ação. Com isso, foi constituída uma equipe com quatro integrantes<sup>1</sup>, que ajudaram nas filmagens, na edição, no cenário e em outras etapas. Meu livro chegava a ficar cada vez mais perto das cores que eu desejava encontrar.

Esse projeto surgiu pela problemática encontrada no ano de 2017, quando a instituição estava completando 40 anos de funcionamento na cidade e não aparecia como uma história consolidada. Foi quando a coordenação geral do Campus<sup>2</sup>, sugeriu a elaboração do projeto institucional que retratasse a história do Campus UFPA Castanhal por meio de um vídeo documentário para celebrar esse momento especial. E como eu estava no meu habitat, existia um brilho intenso, que chegava a pulsar...

---

<sup>1</sup> Paula Oliveira Lopes (Redatora do Campus de Castanhal -Coordenadora da Assessoria de Comunicação/ASCOM). José Pablo Roniere (Aluno do curso de Sistemas de Informação e bolsista da Coordenação Geral) e João Paulo Freire (Aluno de Sistemas de Informação).

<sup>2</sup> Na Coordenação Geral do Campus estava o professor Dr. João Batista Santiago Ramos.



O objetivo da pesquisa institucional seria a construção de um banco de memórias a partir de depoimentos, que ficariam catalogados e disponibilizados para toda a comunidade do Campus. Dessa forma, seria suprida a grave ausência de dados sobre a instituição que, mesmo com quarenta anos de funcionamento, possuía poucos projetos de preservação das memórias de sua construção, instalação e recursos humanos que passaram por ali, conseqüentemente, deixando suas marcas.

O projeto teve duração de seis meses, sendo dois meses de negociação para que a professora Nazaré Sá, primeira coordenadora do Campus, cedesse seu depoimento. Foram convidados 32 sujeitos para contar essa história. Dentre eles, estavam os coordenadores eleitos durante o período, ex-alunos das primeiras turmas, ex-funcionários, dirigentes, empresários e políticos.

Participando diretamente das entrevistas com esses sujeitos, observamos o primeiro problema: os entrevistados se contradiziam nos seus relatos – causando dificuldades em compreender a versão verídica dos fatos, pois os discursos não se intercalavam em relação aos períodos e momentos históricos. Dessa forma, surgiu a necessidade de mudar o direcionamento do roteiro de entrevista, dando ênfase na seguinte questão: “O que você espera para o futuro do Campus?”; dentre outras questões um pouco mais específicas. Assim, as gravações transcorreram, porém, inúmeras dúvidas permaneceram, outras foram esclarecidas com os poucos documentos que o Campus possuía (recortes de jornais, documentos rasurados e depoimentos), mas nada consolidado. Fiquei roxa, não de raiva [risos] mas de vontade de querer saber mais detalhes dessa implantação. E a pergunta não calava: Como aconteceu a história da universidade em nossa cidade?

A ansiedade era o que impulsionava a descobrir com mais propriedade os reais motivos para essa consolidação. Foi a partir dessa problemática, dessa ausência mais firmada de documentação, que senti a necessidade de aprofundar a pesquisa no mestrado. O incômodo de querer ouvir, descobrir, discutir e entender, motivou o aprofundamento do estudo, levando a um viés científico. Afinal, não se planeja uma universidade sem luta e resistência, principalmente se essa universidade foi construída no interior do Estado de uma região da Amazônia, tão próxima da cidade de Belém e, ao mesmo tempo, longe dos outros municípios.

A história, até o momento fragmentada, ainda precisava ser tecida e, para que isso ocorresse, fez-se necessário ouvir, com mais austeridade, os sujeitos que, por anos, foram silenciados nesse roteiro. Também era necessário realizar a discussão teórica acerca dessa temática.

Atualmente, meu livro encontra-se na cor branca, a qual, mesmo aparentando uma ausência de cor, reflete, com os raios do sol, todas as cores existentes.

Contudo, entendi que as cores não foram meus desamores, não foram as minhas frustrações. Elas assemelham-se as minhas paixões, pulsões que, de certo, direcionaram a trajetória de minha vida. O meu livro sempre foi a mistura das cores e sempre será... Porque quanto mais cores ele refletir, mais bonito se torna.

## 1 ARGUMENTAÇÕES INICIAIS

Toda a história derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permiti-nos desafiar essa subjetividade: deslocar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na perspectiva de atingir a verdade oculta (THOMPSON, 1992, p. 197).

A pesquisa expõe, como foco principal, a história da Universidade Federal do Pará, na cidade de Castanhal, a partir de 1970. Trata-se de uma história recontada a partir das memórias de sujeitos que vivenciaram o início da implantação de um campus universitário no município, como unidade de ensino.

As memórias ouvidas nos ajudaram a organizar e interpretar esse recorte temporal da história do Campus, por meio das vozes dos sujeitos que estiveram próximos, atuando nessa consolidação e que, por algum motivo, não aparecem na história documentada, tão pouco foram identificados, o que nos leva a perceber uma ruptura, que dificultou a leitura e a interpretação. Para que a história do Campus seja consolidada, é necessário que ela seja firmada em suas identidades e memórias, e as vozes ouvidas desses sujeitos entrevistados, juntamente com os documentos oficiais, possibilitarão dar direcionamentos para este estudo.

Para Nora (1993), as memórias que não são destacadas, indagadas, exploradas e garantidas na sua integridade, se tornam subalternas, negadas, silenciadas e excluídas de tal maneira que, ao arrancar a memória, estamos apagando os fatos e causando uma ruptura na identidade de um povo e de uma nação.

As histórias escritas são falhas, na maioria das vezes, por não considerarem a totalidade dos relatos que dizem o acontecimento. Por isso mesmo, existe a necessidade, no presente, de partir para buscar, no passado, a explicação para o problema atual. Para entender como a história da universidade em Castanhal foi interpretada, torna-se impreterível ouvir as memórias dos sujeitos. A esse sentido o autor se reporta “los escritos facilitan con más razón estas transferencias de pensamiento entre generaciones muy alejadas, transferencias que constituyen propiamente la continuidad de una civilización” (BLOCH, 1949, p. 36).

Muitos documentos oficiais registrados foram constituídos por histórias incompletas. Esses registros, de certa maneira, deixaram lacunas na escrita das histórias. Por isso, a importância de se pesquisar a veracidade das informações sobre o problema que se coloca. Somente após o levantamento de todos os dados, ditos verdadeiros ou não, é que se documenta

a história. O documento escrito auxiliará no entendimento da história para as futuras gerações que, cada vez mais, estão se moldando às novas descobertas e significados.

A necessidade de aprofundar o assunto impulsionou a descobrir, com mais propriedade, como ocorreu essa consolidação. O incômodo de querer ouvir, descobrir, discutir e entender motivou o interesse para o estudo, levando-o a um viés científico e direcionando a pesquisa para o nível de Mestrado, sendo aprovada no PPGEAA - Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia.

Nesse sentido, apresenta-se a pesquisa com o tema: “Vozes silenciadas: história e memória de outras interpretações do processo de interiorização do Campus UFPA no município de Castanhal-Pa, a partir de 1970.” O estudo impactará em dois níveis importantes: de um lado, visa suprir uma demanda interna da Universidade que, até o momento, não possui nenhum trabalho de preservação das histórias e memórias de sua construção e implantação no início da década de 1970 e, de outro, uma demanda externa, ligada à comunidade local e aos movimentos sociais, que são parte integrante da comunidade universitária.

A problemática identificada neste campo de estudo, referente à história registrada do Campus-UFPA de Castanhal, destaca-se pelas ausências documentais, referentes aos períodos de lutas e aos acordos que se firmaram para a construção da universidade no interior do Estado do Pará. A história, quando permanece emudecida, causa uma certa curiosidade, para não dizer ansiedade, no que se refere à compreensão de seu processo de construção. Para que ocorra a interpretação, é necessário que haja desconstruções dos poucos documentos encontrados, devidamente ancoradas nas vozes silenciadas.

O silenciamento mantido por décadas sobre a história da universidade, em Castanhal, resultou em: a) não compreensão e falta de esclarecimento da cronologia dos períodos históricos que marcaram a instituição durante seu percurso inicial, ou seja, o momento em que se consolidou e foi implantado o Campus em Castanhal, com o programa PNI - Norte de Interiorização; b) ausência de referências dos sujeitos que contribuíram, de certa forma, para garantir uma educação superior no município e dos documentos escritos que firmaram uma instituição na região metropolitana de Belém; c) falta de uma relação entre passado e presente da história da UFPA Campus Castanhal, narrada a partir das memórias dos sujeitos.

A partir dessas implicações, almejou-se promover outra interpretação do processo de interiorização do referido Campus, observando que o estudo leva em consideração que a história

não deve ser contada por um único sujeito e, sim, entender que existiram outros agentes que fizeram parte da história e que, portanto, devem ser ouvidos.

Entende-se que a construção do prédio, onde funcionaria a universidade na cidade castanhalense, teve um significado para os sujeitos que buscavam uma instituição pública superior. Mas, para entender esse significado, faz-se necessário identificar quais os sujeitos que estiveram na cidade no período mencionado e que fizeram parte da implantação da universidade.

O que nos mobiliza no sentido de nos interrogar é: Por que, afinal, esses sujeitos não aparecem na escrita da história da Instituição no município? Como foram organizados esses discursos sobre a implantação da universidade? Por que algumas afirmações foram mais importantes que outras?

### **1.1 Arranjos do texto**

O primeiro Capítulo apresenta a pesquisa sobre o Campus da Universidade Federal do Pará na cidade de Castanhal a partir da década de 1970, expondo os desafios de aprofundar o estudo nas áreas da memória/história e as problemáticas encontradas que impulsionaram a pesquisa sobre o tema. Trata de uma compreensão acerca da interiorização da UFPA na cidade de Castanhal, narrada por diversas vozes.

O segundo Capítulo expõe a relevância da pesquisa para a sociedade e o que motivou o estudo em questão. Esclarece os objetivos que se buscaram alcançar para compreender a história da implantação do Campus Universitário da UFPA na cidade de Castanhal, tendo como foco os discursos e as narrativas dos sujeitos.

O terceiro Capítulo discute os aspectos metodológicos, utilizando os seguimentos da pesquisa qualitativa com as metodologias da entrevista da história oral e análise de conteúdo. Apresentam-se o lugar da pesquisa, os sujeitos entrevistados, o percurso da coleta do material e o método utilizado.

O quarto Capítulo percorre por propostas e discussões teóricas e expõe a contribuição da história oral para a pesquisa; as abordagens conceituais sobre o passado para compreender o presente; as memórias, histórias e o silenciamento dos sujeitos; a história vista por baixo do Campus UFPA de Castanhal; a relação antrópica no contexto da UFPA em Castanhal.

Apresenta, ainda, o marco histórico do processo de interiorização das universidades brasileiras, debatendo o tema: “Integrar para não entregar”, criado na época da intervenção militar, que possibilitou a distribuição das universidades para outras cidades. O capítulo também descreve os desafios da implantação das universidades na região amazônica, perpassando pela Universidade Federal do Pará no processo de interiorização e conclui com a Interiorização do Campus da UFPA na cidade de Castanhal.

O quinto Capítulo descreve os dados da pesquisa, apresentando a história oficial registrada do Campus UFPA de Castanhal, os documentos encontrados em Livros Atas e matérias de Jornais. Explana a história da UFPA/Campus Castanhal narrada nas vozes dos sujeitos entrevistados, com as perguntas norteadoras. Apresenta os quadros das categorias temáticas e culmina com as análises dos resultados.

## 2 RELEVÂNCIA DA PESQUISA PARA A SOCIEDADE

No início do ano de 2018, a UFPA/Campus Castanhal, comemorou 40 anos desde a assinatura do convênio, firmado no ano de 1978, entre a Prefeitura municipal da cidade e a Universidade Federal do Pará. Para comemorar as quatro décadas de existência da academia, formou-se uma equipe de profissionais e técnicos que desenvolveram um projeto institucional sob o tema: “Reescrevendo a história da UFPA Campus Castanhal por meio de um documentário em audiovisual”. O projeto tinha como objetivo conhecer a história da instituição e homenagear aqueles que fizeram parte dessa história.

Com a participação ativa nesse projeto, iniciado ainda no ano de 2017, foram entrevistados 32 sujeitos que estavam presentes desde o início da implantação da UFPA na cidade. Nessas entrevistas, observamos a existência de relações de poder que se firmaram durante esse processo de interiorização. Houve sujeitos que participaram ativamente das lutas pela consolidação do polo, alguns com cargos significativos dentro da Universidade e, ainda, sujeitos que não pertenciam à UFPA, mas que apresentavam interesse particular na ação.

Nas entrevistas surgiram muitas contradições nos relatos, o que dificultou a realização do projeto. Contudo, as gravações transcorreram e as inúmeras dúvidas permaneceram, pois havia uma ausência de documentos que firmassem a história do Campus.

O caminho foi descobrir quais as lutas e interesses existentes para a criação do centro acadêmico na cidade de Castanhal. Pode-se dizer que essa consolidação se tornou personalística, onde uma história destaca-se mais que a outra. Nesse contexto, entende-se que houve uma diversidade de agentes e entidades que, na época, estavam interessados e preocupados em implantar uma universidade que abrangeria a região Amazônica. Esses mesmos agentes que estavam conduzindo o manifesto tinham metas, projetos e expectativas que não foram projetados na história.

Diante dessa situação, tornou-se possível conhecer melhor o processo histórico de lutas que existiu para que ocorresse essa construção, uma vez que se compreende que não se cria uma Universidade sem um objetivo. Cada sujeito integrante nesse processo teve uma atuação e um propósito e essas informações foram ouvidas.

Além disso, a criação de uma unidade da UFPA na referida cidade foi firmada por interesses e lutas e, por isso, pensou-se num afinilamento do processo, que começa em 1970,

dentro de um contexto de intervenção militar, época em que havia forte repressão por parte do governo contra qualquer ação que não estivesse de acordo com a política nacional.

A cidade de Castanhal, em seu contexto, foi colonizada no final do século XIX<sup>3</sup>, no mesmo período em que a maioria das cidades brasileiras estavam vivenciando momentos de autoritarismo, de imposições de forças e poder por parte dos governantes locais. Não muito distante, na década de 1970, a UFPA começa a desenvolver atividades educacionais na cidade. Esse fato nos leva a acreditar que o Campus da UFPA foi movido pela ação da interferência militar. Para melhor compreender essa história, interpretamos as memórias dos sujeitos que viveram a época, relacionando-as aos documentos escritos.

A utilização da metodologia da história oral, com o suporte da análise de conteúdo, apresentou grande contribuição e garantiu a base que sustentou os pilares onde se fundamentaram os diálogos encontrados nas falas e memórias dos sujeitos entrevistados neste percurso.

## **2.1 Objetivos**

### 2.1.1 Objetivo Geral

Compreender a história da implantação do Campus Universitário da UFPA na cidade de Castanhal, a partir dos documentos que tratam do tema escrito e dos discursos das narrativas dos sujeitos que vivenciaram o momento da implementação na década de 1970.

### 2.1.2 Objetivos Específicos

- Verificar como foi interpretada, pela sociedade local, a concepção do Campus/UFPA na cidade de Castanhal, relacionando-a a uma história local e as memórias coletivas;
- Conhecer as narrativas dos sujeitos participantes do processo de construção e implantação do Campus UFPA na cidade de Castanhal;
- Compreender os discursos relacionados ao período do governo militar na UFPA/Campus Castanhal;

---

<sup>3</sup> Siqueira (2008)



- Analisar documentos, Atas e Jornais escrito e redigidos sobre o processo de implementação do Campus a partir da relação passado e presente da história UFPA/Castanhal.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para compreender o arranjo institucional que trouxe a Universidade Federal do Pará para a cidade de Castanhal nos anos 1970, como foi firmada essa implantação, quais os agentes que estavam no município e se existiu interferência da ditadura militar para a ação, foi necessária realizar pesquisas em diversos arquivos e entrevistas com diferentes sujeitos que conduziram o manifesto. Dessa forma, enunciamos suas vozes silenciadas, divulgando seus projetos, metas e expectativas referentes à concepção e ao processo de interiorização do Campus Universitário.

Utilizou-se o segmento da pesquisa qualitativa, visando a metodologia da história oral, como fontes de ferramentas adequadas e que apresentam informações sobre o tema e a técnica de análise de conteúdo, que definiu com precisão as informações coletadas.

A pesquisa foi realizada mediante a história oral e buscou-se a coleta de dados por meio de entrevistas e questionários. A história oral aparece como algo importante, ela pode proporcionar uma valiosa contribuição para a memória que não foi registrada. Além disso, a utilização dessa proposta nos estudos atuais mostra-se bastante favorável para diversas áreas de pesquisas. Eis a importância de se preservar a memória física e espacial do homem, pois uma pessoa que viveu no passado, suas memórias e lembranças, quando registradas, poderão abrir o entendimento para histórias e fatos coletivos atuais e que não ficaram documentados (THOMPSON, 1992).

Acredita-se que a escolha respaldou a metodologia da história oral, porque viabilizou interpretar as vozes do passado e busca encontrar e recuperar outras vozes que foram silenciadas: as de sujeitos que se mantiveram nesse período, que intermediaram a implantação da academia e que, com os órgãos competentes, negociaram a construção. Mesmo que cada sujeito tivesse apresentado um interesse, seja ele político, social, econômico ou mesmo educacional, esses sujeitos estiveram frente a um momento histórico, que faz parte de toda uma sociedade e toda uma região.

A história oral vai dar conta de mostrar aquelas áreas desconhecidas e pouco exploradas, que não aparecem na história documentada. Duas razões podem explicar o motivo de haver fatos desconhecidos em uma história: ficaram obscuras por conta de deixar evidente a história do vencedor ou ficaram escondidas por não haver interesse em pesquisa e aprofundamento maior sobre determinado tema (ALBERTI, 2005).

A análise do material coletado foi estruturada de acordo com a vivência e experiência dos sujeitos que estavam dentro do contexto da UFPA. Mediante a avaliação dos depoimentos, fez-se necessário realizar descrições, interpretações e transcrições das falas desses agentes para, assim, interpretar-se a realidade da instituição. Essas análises deram uma visão histórica do passado e do presente da UFPA. Isso por entender que o presente tem um lugar muito importante, contudo, segue-se atrás do passado, não para conhecer a origem do presente, mas para entender o processo de comparação do passado e do presente do Campus.

As transcrições dessas falas silenciadas foram utilizadas para se costurar essa história, compreender os fatos e os momentos pelos quais a universidade transitou, se houve ou não períodos de resistência e/ou acordos firmados e quais foram esses acordos. O que se sabe é que existiam políticas federais que intervinham diretamente nas universidades nos anos 1970.

Nos Aspectos Éticos, esta pesquisa está pautada no Art. 3º e seus respectivos parágrafos da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, que instaura os princípios éticos das pesquisas em ciências sociais e humanas. Aprovada no CAAE com o número: 30645319.8.0000.0018. E o parecer número: 4.157.290. Assim, os sujeitos desta pesquisa serão chamados por nomes fictícios: Maria, Francisca, Joana, Antônia, Raimunda e Socorro. Respeitando o TCL Termo de comprometimento Livre assinado para esta pesquisa.

Para analisar as falas, seguiu-se a teoria de Bardin (1977), utilizando a unidade de contexto, unidade de sentido e temáticas analíticas. Identificando que a análise de conteúdo é um método aplicado que utilizamos para compreender as formas de comunicação (BARDIN, 1977). Com isso, transcrevemos tudo que foi dito pelos informantes da pesquisa e, em seguida, realizamos as análises, observando as mensagens e comprovando se os discursos se intercalavam ou não. Assim, organizamos as falas de acordo com a temática aplicada.

“Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 1977, p.105).

Durante a utilização da categoria de análise, identificamos diferentes tipos de relações nas respostas dos entrevistados, nas quais, muitos desses *feedbacks* aproximaram-se de um contexto pessoal e restrito. A esse exemplo, Bardin (1977) cita que, ao realizar categoria de análise, o pesquisador precisa observar, nas respostas dos informantes, se existe alguma relação pessoal representativa nas suas falas. Cabe ressaltar que, nessa observação, muitos dos discursos se aproximaram de um viés personalístico. Eis a importância de se fazer essa

contrapartida, para verificar a possível existência de outra realidade histórica. Não esquecendo que, o objetivo da análise do conteúdo é a “manipulação de mensagem (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem” (BARDIN, 1977, p.46).

A partir das análises concluídas foi possível compreender que a instituição universitária foi, de fato, consolidada a partir de um contexto governamental, que existiram agentes por trás das negociações e que as discussões da interpretação da história local foram tecidas a partir da existência de uma história global, ou seja, nacional. A proposta visou o entendimento dessas relações entre o global, o local e uma história oficial.

Apropriamo-nos, ainda, da pesquisa qualitativa. Segundo Flick (2009), o método aborda campos de estudo que mostram uma variedade de informações a respeito de um assunto, no qual cada pessoa entrevistada expõe um pensamento específico. Com os dados coletados, o desafio do pesquisador é ler, entender e explicar esses fenômenos encontrados na pesquisa, para, posteriormente, dar o retorno à sociedade. Sem questionar que o desafio da pesquisa qualitativa é proporcionar, ainda, a investigação de um caso por meio de relatos de indivíduos que estão inseridos ao grupo.

Por se tratar de entender parte da história – que não aparece nos registros arquivados – de uma instituição consolidada no interior da região Norte, foi imprescindível ouvir esses sujeitos e observar os relatos de suas experiências e conhecimentos sobre a Universidade. Para isso, a pesquisa seguiu o viés qualitativo para um estudo que se apresenta amplo, diversificado e embasado em teorias epistemológicas e metodológicas existentes.

A pesquisa qualitativa é utilizada, também, quando se têm métodos de abordagens e conhecimentos diferentes. Contudo, a forma como a pesquisa é conduzida deve ser igual às demais, isso porque o pesquisador vai utilizar de todos os meios para conseguir material adequado para seu estudo, que não se prende a um conceito definido. Com isso, as hipóteses poderão ser adaptadas de acordo com a necessidade do problema. Os métodos e as teorias poderão mudar de acordo com o andamento do trabalho. O estudo analisa uma amplitude de informações para compreender um caso específico e possibilita utilizar diferentes textos na escrita. É flexível e aceita que os resultados sejam interpretados como um todo (FLICK, 2009).

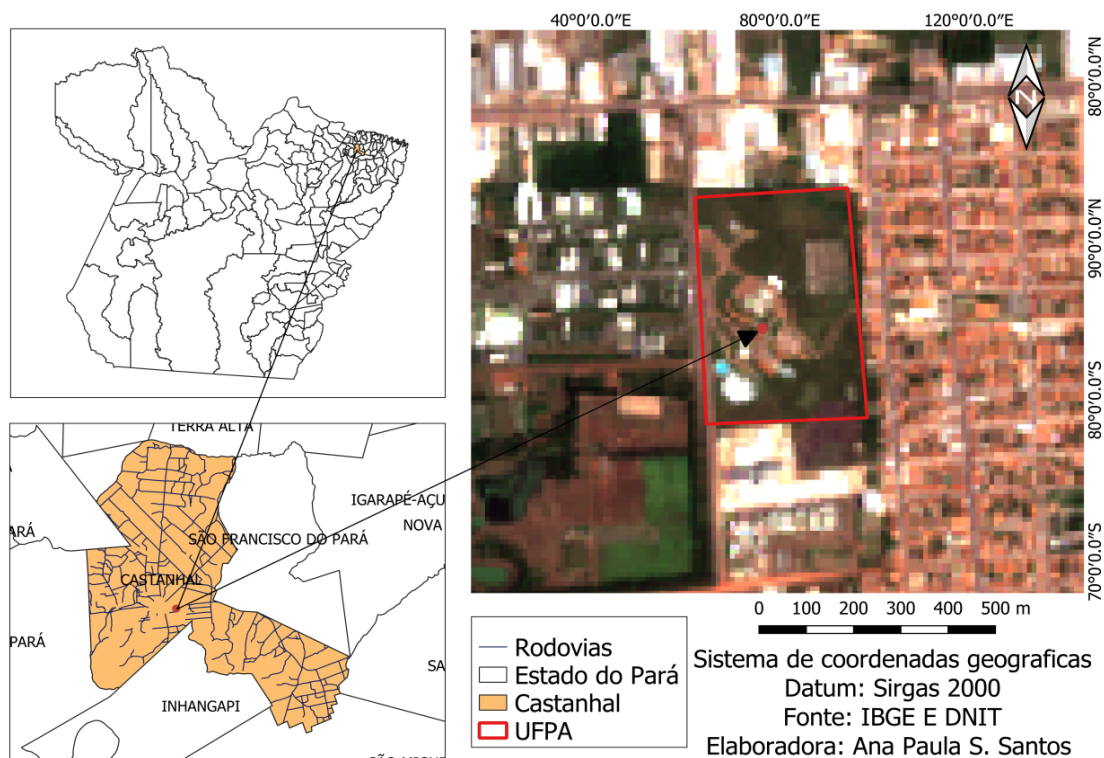
Dessa forma, a apropriação da pesquisa qualitativa com os instrumentos da metodologia da história oral e análise de conteúdo, fundamentou o estudo, suprimindo a necessidade de esclarecer respostas para os questionamentos sobre as narrativas da academia. Os elementos

encontrados nas matérias de jornais, livros, atas e arquivos confrontaram com as entrevistas realizadas e conceberam outras interpretações e significações dessa trajetória.

### 3.1 Lugar da pesquisa

A pesquisa foi realizada no Campus Universitário da UFPA, na cidade de Castanhal (Mapa 1), localizado à Av. dos Universitários, s/n, Bairro: Jaderlândia, Castanhal- PA, CEP: 68746-360. O Mapa 1 mostra o *locus* da pesquisa.

**Mapa 1** - Vista superior da Universidade Federal do Pará do Município de Castanhal- PA.



**Fonte:** Elaborado por SILVA, A.P.S. (2019).

### 3.2 Sujeitos entrevistados

Os sujeitos entrevistados se manifestam distintos dentro desse espaço e a sua singularidade tende a isso: a serem sujeitos individuais, que sentiram e colaboraram, a sua maneira, para a interiorização do Campus. Charlot define que: “o sujeito é um ser singular, dotado de psiquismo regido por uma lógica específica, mas também é um indivíduo que ocupa uma posição na sociedade que está inserido em relações sociais”(2000, p. 45).

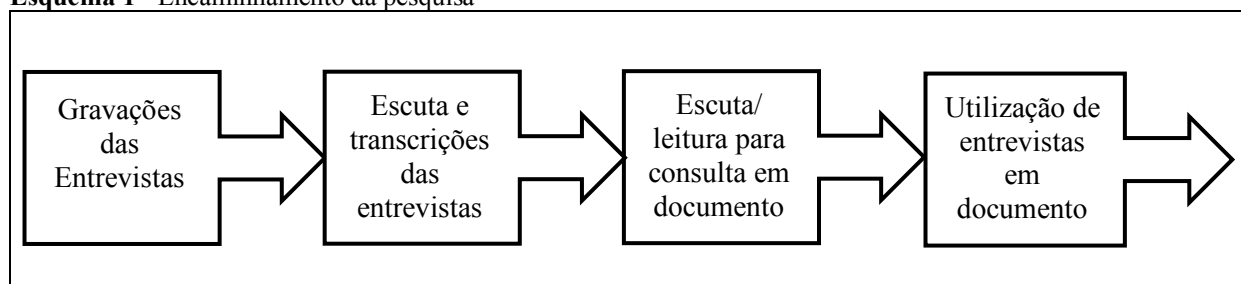
Compreendemos então, que o sujeito é um ser humano aberto para conhecer outras possibilidades, que é movido por emoção, pulsão e que exerce funções em um espaço social dentro de uma comunidade. É movido por relações, além de ser singular e se conhecer dentro desse espaço, compreende a sua história, sua importância e sua necessidade (CHARLOT, 2000).

A base para a compreensão da história é pensar nesses sujeitos como seres sociais, com perspectivas e posições distintas, que atuaram para a implantação de um Centro universitário na cidade de Castanhal, que estiveram presentes e que participaram da ação. É por meio dessa especificidade que serão ouvidos. Nesse sentido, optou-se por entrevistar seis (6) informantes, que estavam presentes e envolvidos nesse processo no início da década de 1970, por entender que esses agentes tiveram papel social e político dentro da Universidade. Suas participações se deram como coordenadores e vice-coordenadores, que estavam no período das negociações para a implantação do polo na cidade; ex-alunos, que se formaram nas primeiras turmas; ex-funcionários, que estavam atuando e participaram da conjuntura acadêmica e que vivenciaram as negociações.

Nesta pesquisa os informantes foram destacados com nomes fictícios: Sujeito I- Antônio; II- Maria; III- Francisca; IV- Raimunda; V- Joana e VI- Socorro, uma vez que o estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Pará, tendo como princípio o anonimato dos sujeitos.

### 3.3 Percursos da coleta do material

**Esquema 1** - Encaminhamento da pesquisa



**Fonte:** Elaborado pela autora (2019).

O processo de construção do roteiro para as entrevistas foi criado com perguntas abertas e semiestruturadas, a partir da compreensão de que os agentes que formaram esse processo são aqueles que estavam em posições sociais e hierárquicas distintas na universidade. Foram formuladas quatro questões-chave, que se encontram em anexo, para todos os entrevistados da

pesquisa. Contudo, as questões formuladas são díspares, em função da especificidade de cada sujeito. Buscou-se entender, a partir das entrevistas, e dos documentos analisados questões que surgiram acerca da concepção, da implantação e da implementação do Campus universitário.

- a) O movimento para a concepção da interiorização do Campus-UFPA em Castanhal;
- b) O projeto institucional que impulsionou a UFPA para Castanhal;
- c) Os sujeitos que participaram da implantação;
- d) O período da Ditadura Militar na política da criação da Universidade.

A finalidade foi ouvir, nas narrativas dos sujeitos, o que se esperava para o futuro da Universidade, relacionando ao passado e ao presente da história da UFPA em Castanhal.

### **3.4 Material e método utilizado para a pesquisa**

Para a gravação das entrevistas, utilizamos o aparelho profissional SONY- Plug In Power- IC Recorder, ICD PX 440- BATT: 1.5Vx2/ LR03 SIZE AAA/ Sony Corp. MADE IN CHINA- HECHO EM CHINA- 5V. 1451930. O instrumento é apropriado para gravar depoimentos e apresenta uma carga de duração de aproximadamente 3 a 4 horas seguidas de entrevistas. Faz a captação em áudio de forma precisa com excelente qualidade de som. O microfone sem fio facilitou para que as entrevistas ocorressem naturalmente, de maneira que os informantes ficaram desinibidos para relembrar suas memórias.

Para a transcrição das entrevistas, utilizamos o aparelho iPad mini 4. Com a instalação do programa Microsoft Word, trabalhamos com a tecla do ditado inteligente, o que facilitou a reprodução de forma legítima e em tempo hábil.

Os passos seguintes foram: Com um fone, ouvimos as entrevistas gravadas por meio do aparelho de gravação SONY. Ao mesmo tempo, na tecla de ditado do iPad, reproduzimos o áudio falado. Feito isso, copiamos as entrevistas transcritas para o computador, assim como o áudio. O passo seguinte foi fazer uma revisão minuciosa das transcrições das falas, atentando para pontuação, pausa, risos, choro ou outros sentimentos e situações não captadas no primeiro momento, respeitando, dessa forma, a íntegra dos depoimentos.

**Tabela 1** - Identificação dos sujeitos, duração das gravações e números de páginas transcritas.

	SUJEITAS					
	Maria	Francisca	Joana	Antônia	Raimunda	Socorro
Duração das gravações em áudio	35:02	20:34	08:16 26:44 16:14	X	10:11	38:48
Número de páginas transcritas	10	06	12	03	04	11

**Fonte:** Elaborado pela autora (2019).

A entrevista com a sujeita Maria foi realizada em sua casa, após o quinto encontro e transcorreu tranquilamente. Maria foi aluna da primeira turma de graduação em Pedagogia e cursou Licenciatura Curta e Plena pela UFPA na cidade de Castanhal, na década de 1970, quando os cursos funcionavam em prédios cedidos pela prefeitura.

A segunda entrevistada foi a senhora Francisca, que desde criança vivenciou o processo da interiorização da Universidade na cidade de Castanhal, onde acompanhava a sua mãe, que trabalhava na instituição como servente. Após o falecimento de sua mãe, por intermédio da Coordenação Geral do Campus, foi contratada pela Prefeitura, cedida para trabalhar na instituição como assistente de serviços gerais.

Joana foi a primeira vice-coordenadora do Campus-UFPA Castanhal. Acompanhou os períodos de negociações junto aos Coordenadores da época, participou de projetos políticos. Sua entrevista ocorreu na sua residência, e as informações foram imprescindíveis para a compreensão histórica.

Antônia foi funcionária da UFPA e atuou na Coordenação acadêmica, no início de sua implantação. Conheceu e acompanhou todo o processo. Contudo, hoje é uma senhora temerosa, e culpa os lapsos de memória. Assim, recusou a ceder entrevistas orais e, por muito incentivo, depois de cinco meses, conseguimos o seu depoimento por meio de questionário escrito.

Raimunda foi secretária da Coordenação Geral no início da Implantação da UFPA no município modelo. Presenciou a implantação e a interiorização do Campus na cidade. A sua entrevista foi realizada na sua residência. Após um longo diálogo, a testemunha foi recordando os acontecimentos da época.

A última entrevistada, em sua residência, foi Socorro, que atualmente é professora do Campus da UFPA em Belém e, na época da implantação do Campus em Castanhal, esteve à frente representando o Programa de Interiorização da Universidade. Podemos afirmar que essa



conversa foi surpreendente e a gama de informações propuseram outros encadeamentos para a história.

Após a realização das entrevistas, buscou-se relacionar os informes com os poucos documentos escritos e encontrados, tais como: jornais, livros atas, livros, panfletos, folder, banner, arquivos da universidade sobre o Campus de Castanhal e Arquivo Nacional. Para a coleta desses materiais foi pertinente a visita a órgãos públicos como a Câmara dos Vereadores da cidade de Castanhal, a prefeitura e a Fundação Cultural de Castanhal – FUNCAST, além do Arquivo Central e da Biblioteca Central, ambos da UFPA. Para subsidiar a pesquisa foram coletadas informações em artigos científicos que exploraram sobre a temática ou que tiveram aproximação com ela, utilizando bibliografia pautada em leituras críticas de autores que direcionaram a proposta de interiorização de universidades federais do Pará.

## 4 PROPOSTAS E DISCUSSÕES TEÓRICAS

### 4.1 A contribuição da história oral para a pesquisa acerca do Campus de Castanhal

A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para o futuro construídos por elas mesmas (THOMPSON, 1992, p. 337).

A ausência de documentos escritos sobre a história do Campus de Castanhal, no recorte temporal de 1970, deixou uma lacuna na história de sua formação. Como a ausência dessa documentação é evidente e existe o desejo de se interpretar essa história, o recurso que se utilizou para isso foi a história oral, a qual apresenta um conjunto de questões importantes e responde, de imediato, à pouca quantidade de documentações escritas disponíveis sobre o tema.

Portelli (2001, p.14) afirma que “De qualquer maneira que possa ser, a história oral expressa a consciência da historicidade da experiência pessoal e do papel do indivíduo na história da sociedade em eventos públicos”. Ao utilizarmos as memórias dos sujeitos para fazer a leitura dos períodos históricos, as narrativas sobre o Campus passaram a serem vistas por outra perspectiva, de entender que existiram momentos de tensão e conflitos que marcaram o período da implantação. A memória bem explorada possibilitou a compreensão do passado pouco documentado da instituição pública federal.

A história oral modifica o conteúdo da história documentada. Pode ser considerada um método para melhor conhecer a própria história. A história oral proporciona ao indivíduo o sentido de pertencimento a determinado lugar, principalmente quando relata suas experiências vividas e certos acontecimentos passados. Os documentos arquivados terão novas configurações a partir do reforço da história oral relatada pelos informantes (THOMPSON, 1992).

A história oral proporciona voz àqueles que foram esquecidos ou mesmo excluídos de sua própria história e dá visibilidade para aparecerem nos documentos escritos. A história oral representa a garantia de uma história com viés ideológico, onde se busca a representação de sujeitos e ações que não foram registradas nos documentos oficiais (JOUTARD, 2000).

Uma vez que a história oral pesquisa diretamente a memória, ela busca informações mais concretas e profundas. Deve-se encarar que a memória não é somente para preservar informações do passado e arquivar essas lembranças para o presente e o futuro e, sim, observar

que a memória é a própria história não documentada, que ainda experimenta preconceito e busca a garantia de reconhecimento (PORTELLI, 2000).

A história oral é um método que pode ser utilizado como documento para comprovar determinado fato social. Contudo, é importante a compreensão de que o fato mencionado não é passado, porque tudo que falamos hoje é presente, mesmo que o assunto se refira ao passado. Não se trata do que aconteceu na época, mas sim entender a maneira como foi efetivada essa interpretação (ALBERTI, 2005).

Para isso, a história oral vai dar conta desse processo de interpretação, no qual o objetivo que se quer alcançar não é necessariamente entender a história da UFPA, no passado, mas entender como é que algumas interpretações sobre essa história se formaram e se, de alguma maneira, foram mais vitoriosas que outras.

Ainda de acordo com a autora, a entrevista oral vai reforçar a compreensão dos acontecimentos do passado e como ele é visto na atualidade. Segue a sua explanação:

A entrevista de história oral - seu registro gravado e transcrito - documenta uma versão do passado. Isso pressupõe que essa versão e a comparação de diferentes versões tenham passado a ser relevantes para estudo na área de ciências humanas. Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências versões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações (ALBERTI, 2005, p.19).

A história oral não será utilizada para entender o passado em si, mas a utilizaremos para entender o contexto atual, a partir de um dado elemento identificado nos depoimentos. É importante compreender que as pessoas que concordaram em ceder seus depoimentos não estão no passado e, sim, no presente. E, para compreender esse passado das memórias das pessoas que hoje falam no presente, buscou-se aprofundar a leitura do conceito de memórias, pois entende-se que, nesse sentido, a memória não será um mecanismo de gravação. Isso porque toda vez que mudamos, ela muda junto. A memória não está parada no tempo, ela dá conta desse processo de transformação temporal.

A história oral busca dar conta de documentos que não foram registrados oficialmente ou ficaram silenciados na memória pessoal (“impressões particulares”). Porém, ela precisa driblar a grande problemática da atualidade, que resulta na forma como as histórias são ouvidas e interpretadas. Um dos desafios está no uso exacerbado das tecnologias cada vez mais avançadas, referindo-se às formas de comunicação, e isso dificulta uma interação pessoal propriamente dita. Dessa forma, a experiência da história oral acaba sendo deixada de lado,

pode-se acabar perdendo informações extremamente importantes do entrevistado. A essência da história oral está em ouvir, olhar, perceber e sentir as memórias de quem viveu naquele momento. Nesse sentido, a memória aqui é um fator primordial para trabalhar com a história oral e dar um significado para a pesquisa (ALBERTI, 2005).

Ainda a história oral conferiu credibilidade para a pesquisa, porque ela atua de maneira interdisciplinar, como defende Albertti:

A história oral pode ser empregada em diversas disciplinas das ciências humanas e tem relação estreita com a categoria como biologia, tradição oral, memória, linguagem falada, método qualitativo etc. Dependendo da orientação do trabalho, pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados (2005, p.17).

Assim, utilizaremos esses depoimentos para dar conta desse processo de pesquisa, que perpassa pela interdisciplinaridade, uma vez que falamos de história, memória, filosofia e cultura, dialogando, também, com a Literatura da História Oral e com as narrativas em áudio.

#### **4.2 Abordagens conceituais sobre o passado para compreender o presente**

Para embasar o presente projeto de pesquisa tivemos que, previamente, compreender, no presente, os acontecimentos do passado da história do Campus UFPA de Castanhal. E, para isso, foi necessário nos reportarmos à leitura de autores, por considerar a importância de suas discursões sobre a relação da história do passado e do presente. Isso nos fez perceber que os acontecimentos, tanto do presente quanto do passado da universidade, estão permeados de lacunas que continuarão sendo abertas, inclusive por esta pesquisa e, nesse sentido, importa entender de que forma essas interpretações do passado e do presente contribuíram para o registro dessa história.

Foi imprescindível voltar ao passado para pensar o presente da história universitária e entender como e de que maneira essa história ficou registrada. Analisar o passado é ouvir as vozes outrora silenciadas, através das narrativas dos sujeitos que vivenciaram os acontecimentos acerca da implantação acadêmica. Nesse sentido, o passado é, antes de tudo, o presente, uma vez que é movido pelos problemas atuais.

Marc Bloch (1949) afirma que a história se torna mais sólida quando se compreende o presente pelo passado e o passado pelo presente. Mesmo que uma história recorde o passado, os questionamentos são do presente. É no momento presente que buscamos entender um problema que se apresenta como movente da história. Dessa forma, rememora-se o passado

para tentar compreender o presente e mesmo o próprio passado. Existe uma indissociabilidade entre o passado e o presente.

Para Jaques Le Goff (2003), o passado e o presente são elementos fundamentais para a compreensão do tempo e dos acontecimentos que marcaram uma história. O presente é um fato que se confronta com o passado complexo, isso porque o passado que não tem uma interpretação inteligível vai interferir no entendimento do presente. Portanto, quando uma sociedade não reconhece seu passado e suas histórias, perde-se sua identidade coletiva.

Segundo Agostinho (XI 20-26, apud LE GOFF, 2003, p. 209), o fator tempo interfere no passado e no presente, porque vivemos em um tempo presente, contudo, ainda buscamos o passado para entender um problema que atualmente nos aflige. Nesse sentido, voltamos ao passado para entender as coisas do presente. Assim, vivemos no presente e habitamos nas indagações desse mesmo presente. O presente das coisas futuras nos impulsiona a entender que o problema está no presente e por isso mesmo busca-se encontrar a solução para o futuro. Precisa-se viver esse presente, responder às questões no presente, para, assim, garantir as histórias futuras.

Le Goff (2003) ultrapassa o entendimento de presente e passado e transporta-o para uma visão da psicologia, reforçando a ideia de que a memória coletiva é imprescindível para mostrar o passado, o presente e o futuro, no que corrobora com o pensamento de Halbwachs (1990), quando se reporta à memória coletiva e social.

Le Goff perpassa pela consciência histórica e afirma: “A maior parte das sociedades considera o passado modelo do presente. Nessa devoção pelo passado há, no entanto, fendas através das quais se insinuam a inovação e a mudança” (2003, p. 217). Por mais que falemos do passado, as histórias escritas há de serem revistas para que se engendre a mudança e o novo de uma nova história. O passado não será o elemento principal, mas ele contribuirá para o esclarecimento de um problema do presente. Por exemplo, na Antiguidade grega, existia uma relação do passado e do presente, onde se valorizava apenas o passado e se descartava o presente. O passado mostrava-se autoritário frente ao presente.

No século XX existiu um deslumbramento do futuro e este começa a ser valorizado. Contudo, ainda é mantida a presença do presente e do passado, isso porque, para entender o futuro, era indispensável a relação entre presente e passado. Mesmo em meio ao progresso e à modernidade, era necessário voltar ao passado para entender um problema atual. Para fazer esse descolamento temporal, era, e ainda é, preciso apropriar-se de memórias e recordações. Ainda

assim, todos os debates vão refutar que o passado não é descartado, e é através dele que se compreenderão o presente e o futuro (LE GOFF, 2003).

Segundo o autor, existe uma necessidade de se voltar ao passado para que, enfim, “a história tenha um sentido, é a exigência de toda a sociedade atual [...] a exigência do sentido passa sempre por um pensamento do passado” (MARC AUGÉ, 1977, p.149, apud LE GOFF, 2003, p. 227). De certo modo, o século XXI é a vivência desses acontecimentos. É certo que, atualmente, buscamos, em vários momentos, ações vividas no passado para projetá-las no presente.

Para firmar esse conceito, o autor esclarece que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado” (BLOCH, 1941, p.47, apud LE GOFF, 2003, p. 227- 228). Não adianta debater o passado, tão pouco colocá-lo numa posição privilegiada como absoluto e verdadeiro, se não se consegue compreender o atual presente.

Do mesmo modo que o autor se referia ao século anterior, refere-se ao passado e ao presente, o que se torna determinante para o século atual, onde o que se projeta é uma visão etnocêntrica de um passado de lacunas em sua história. “Estamos, talvez, assistindo ao início de uma transformação profunda das relações do passado com o presente” (LE GOFF, 2003, p. 228). É possível, portanto, imaginar que o autor estivesse fazendo uma premonição dos acontecimentos.

A história é quem vai nos dizer como recordar o tempo. Para ela, o conceito de passado vai além do tempo, relaciona-se diretamente com a memória. Assim, tudo é história, então, tudo é relativo, porque não se sabe se os acontecimentos foram verdadeiros ou não (RICOEUR, 2007). Nesse sentido, a história se torna estranha, porque ela sozinha não consegue dar conta de um problema social. Por isso mesmo, a história se aproxima da memória, “a história só nos atinge através das modificações que impõe à memória, pois a memória constitui a primeiríssima relação com o passado” (2007, p. 374).

Toda a história tem uma memória, porém essa memória não daria conta de lembrar de fatos que aconteceram em momentos distintos do tempo. A memória será considerada a salvadora da história de uma sociedade. Assim, torna-se a base para a história, porque é a única que se aproxima do passado. Dessa forma discute que:

(...) a memória é do passado. Sem a memória, jamais saberíamos que algo ocorreu, antes que se faça disso um relato. A história sabe que há o passado porque a memória já o disse antes dela. Por menos fiável que seja a memória, por menos fiel que ela seja ao passado, ela é nossa primeira abertura em relação a ele (ARISTÓTELES, apud RICOEUR, 2007, p. 374).

Não há como falar de história sem se reportar à memória para entender um passado, o qual, para Ricoeur (2007), está fechado, consolidado, firmado, irrevogável e que não se abre para outras perspectivas de leitura, que se determina único e verdadeiro. O passado que determina, por meio opressivo, os sujeitos de sua história.

É nesse sentido que a memória entra com o dever de mostrar a veracidade das informações e revelar, também, que existiram pessoas que contribuíram para uma história. A memória tem uma dívida com a sociedade e é cobrada a pagá-la. A forma que ela tem de recompensar é narrar os feitos que ocorreram no passado. O passado é também uma culpa, porque não consegue abraçar todas as informações de uma época distante. Assim, algumas vezes, a memória é falha, justamente porque não alcança essas informações que ocorreram em momentos diferentes. O passado poderia ter um futuro se os homens o tivessem explorado com fidelidade e registrado as informações corretamente. Desse modo, não haveria a necessidade de buscar a memória. O passado desacompanhado seria genuíno e assistiria o futuro, sem que precisasse de comprovações (RICOEUR, 2007).

Pode-se entender que a história da universidade é uma história problemática, porque foi construída por um passado cheio de lacunas. Por isso as memórias são tão importantes, uma vez que elas vão dar conta das informações esquecidas ou escritas incorretamente no passado. O passado da história do Campus não poderá ser desvinculado da memória dos sujeitos, da sua interpretação atual, dos discursos silenciados. A história da instituição carrega-se de problemas e é a partir desses problemas que ela será ouvida e reescrita, com base nas memórias individuais e coletivas.

#### **4.3 Memória, história e silenciamento dos sujeitos**

Baseado no discurso de autores que dialogam na mesma linha de memória e história evidenciando a diferença que há entre elas, pois ambas se concentram em lugares de relações de poder, compreendemos o registro da história do Campus de Castanhal. De acordo com os materiais coletados, existe uma história oficial, com uma visão nacional dos sujeitos que, naquele contexto, eram integrantes dos governos municipal e estadual, que buscavam reconhecimento, deixando evidente que a Universidade foi interiorizada na cidade, mediante os interesses desse público em questão. Os acontecimentos foram registrados sem qualquer

compromisso com a sociedade. Segundo Nora (1993), quando se legitima uma história, estamos descartando a memória vivida pelos sujeitos.

As memórias dos sujeitos que foram ouvidos nas entrevistas imprimiram uma outra interpretação do processo de interiorização da universidade. Para esses sujeitos, a interiorização partiu de uma visão de um único agente, que apresentou interesse pela implantação da educação superior no município. Algumas memórias são coletivamente construídas e estão socialmente firmadas em discursos que enfatizam o personalismo e as relações de poder que existiram no período da implantação do centro universitário em Castanhal.

Algumas histórias foram oficializadas e algumas memórias silenciadas. Aqui, não importa evidenciar a verdadeira, mas pontuar que houve interpretações diferenciadas por esses agentes. Para Halbwachs (1990), a memória oficial é a história contada a partir de um lado, a narrativa que evidencia o lado do vencedor e exclui qualquer manifestação de outras memórias.

Observamos que a memória é diferenciada da história, isso porque a memória é individual e coletiva. É individual quando se tratam das lembranças dos sujeitos que viveram determinados acontecimentos do passado. A lembrança se refere a uma experiência pessoal e, em alguns momentos, essas lembranças se tornarão falhas, impedindo o indivíduo de recordar-se com precisão de seu passado. A memória coletiva chega para reforçar essa memória individual, porque evidencia que vivemos em uma sociedade, mantemos relações com um grupo social e esse grupo preenche as lacunas deixadas pela memória individual (HALBWACHS, 1990).

É necessário preservar a memória física e espacial do homem, pois, em relação a uma pessoa que viveu no passado, suas memórias e lembranças, quando registradas, poderão abrir o entendimento para histórias e fatos coletivos atuais e que não ficaram documentados. (THOMPSON, 1992).

A história é incompleta, porque narra somente os acontecimentos nacionais. Desse modo, acontecimentos conhecidos através de livros de história, nos quais os sujeitos não tiveram a oportunidade de aparecer, implicam em uma história que não é todo o passado, nem tudo aquilo que restou do passado, porque ela não ouviu as memórias de todos os sujeitos (HALBWACHS, 1990).

A história não assegura a autenticidade dos fatos que ocorreram no passado, portanto, ela não é todo o passado, ela não ouviu todas as partes dos sujeitos envolvidos, não se preocupou em registrar as suas memórias e lembranças, não deu a importância para a veracidade dos



relatos e dos acontecimentos. Dessa forma, a história fica incompleta distanciada da verdade (HALBWACHS, 1990).

Nora discute que existe um arquivamento de lugar denominado de nacional. Esse arquivamento é de histórias que foram constituídas por memórias nacionais. Ainda segundo o autor:

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas censuras ou projeções. A história porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e ninguém, o que lhe dar uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidade temporais, às evoluções e as relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (1993, p. 09).

A descrição da memória e da história citada por Nora (1993) foi pertinente para a compressão do estudo, porque evidenciou a diferença que apareceu entre a escuta das entrevistas das memórias e a análise dos documentos encontrados, referentes à história do Campus de Castanhal. Isso porque a história da instituição carrega-se de lacunas, para não dizer que a história discursa uma série de contradições de fatos e momentos. Os registros encontrados do passado não apresentam um significado consistente. Em contrapartida, a memória, mesmo estando no passado, dá conta de preencher as lacunas existentes na história. Ela se firma em lembranças e acontecimentos, busca citar os detalhes nas mais íntimas recordações. E essas rememorações fizeram a diferença no momento de se interpretar e se reescrever um documento. De acordo com Nora (1993), por mais que a memória evoque o passado ela nunca será passado, sempre será presente. O autor também pondera que a história mutila uma memória quando ela apaga todo o seu passado, quando ela desrespeita o lugar de memória do outro.

“Os lugares de memórias são, antes de tudo, restos” (NORA, 1993, p. 12), porque se valoriza tudo que é de interesse de uma classe, menos a memória. O lugar da memória é essa relação de poder que existe quando se busca valorizar apenas algumas lembranças de fatos ocorridos, algumas lembranças que se querem eternizar na memória, justamente para que não seja perdida. É o que o autor chama de “arquivos” (NORA, 1993). Há uma contradição da própria sociedade, que valoriza o que é o novo e exclui o antigo, que dá importância a uma

história contada e silencia a memória e, depois, volta ao passado para compreender sua história.

Portelli (2000) afirma que a memória não é somente para preservar informações do passado e arquivar essas lembranças para o presente e o futuro, mas é importante considerar que a memória é a própria história não documentada, que ainda experimenta preconceitos e faz-se na busca de garantir seu reconhecimento.

Ouvir as memórias/narrativas dos sujeitos, tanto individuais quanto coletivas, resultou na compreensão do passado, contribuindo para a interpretação de outras histórias.

É demasiada a diferença entre as memórias coletivas das pessoas que não tiveram a oportunidade de falar e a memória coletiva organizada pela visão da sociedade, dos poderes locais. Nesse sentido, o autor pondera que:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o estado desejam passar (MICHAEL POLLAK, 1989, p. 06)

Isso significa que as memórias coletivas devem ser ouvidas na íntegra, que a sociedade não deve desprezar as outras memórias. Com essa iniciativa, a história apresenta um melhor fundamento, principalmente se for contada por todas as partes. O não silenciamento dessas vozes garantirá a legitimidade da história. Assim, na escrita, o silêncio não poderá existir. O silêncio também fala, o silêncio é uma forma de resistência (POLLAK, 1989).

Para Pollak (1992, p.2), identificam-se, na memória, elementos constitutivos que podem ser entendidos como momentos vividos pela própria pessoa que fala, a sua vivência, as suas experiências particulares. E momentos “vividos por tabelas” detêm uma memória vivida por outras pessoas que perpassam por gerações e são repassadas por décadas, que chegam a projetar o próprio emissor no passado.

A história da academia universitária na cidade castanhalense é carregada de elementos constitutivos de memórias, tanto individuais quanto elementos vividos por tabelas. Esses fatos foram observados nas entrevistas com alguns sujeitos, que contaram as suas memórias, baseando-se nas histórias dos seus precedentes.

Então, os discursos se organizaram a partir das relações de poder que existiram, tanto na história nacional, onde há uma preocupação em se mostrar a implantação do Campus,

organizada por como um projeto governamental, quanto na história oral, onde as memórias dos sujeitos relatam que a implantação da Universidade partiu de uma ação individual.

#### **4.4 Campus-UFPA de Castanhal- A história vista por baixo**

A história da UFPA, como unidade na cidade de Castanhal, foi registrada por uma visão oficial daqueles que estavam no poder e que viviam em um contexto político. Esses registros não evidenciaram a história de sujeitos que também tiveram contribuição e passaram por esse processo. Até o momento, não se tem conhecimento a respeito de estudos que pesquisaram a interpretação desses sujeitos e como viam e sentiam a implantação da Universidade no interior do Estado.

A história vista por baixo, buscou informações e pontos de vistas diferentes daqueles registrados pela elite da época. Proporcionou voz a quem não teve oportunidade de falar. Eis a necessidade de ouvir a funcionária de serviços gerais, a secretária da Universidade, a aluna da primeira turma, a professora e coordenadora do polo e a professora da UFPA – representante do Projeto de Interiorização –, que atuou na gestão universitária como pró-reitora de Ensino.

Importa dizer que cada sujeito desempenhou um papel e apresentou uma visão política diferente e ao mesmo tempo semelhante sobre a implantação do polo universitário em Castanhal. E que muitos depoimentos contradizem com a história registrada em documento.

A história, para Burke (1992), é objetiva e, por isso, existe a necessidade de se explicar como os fatos realmente aconteceram. É inaceitável olharmos o passado por um ponto de vista particular e individual, porque uma história apresenta outros fatos e outros acontecimentos. Isso explica a importância de ouvir a história contada da academia e interrogar outros sujeitos que não foram apontados na história.

A dinâmica da história vista de baixo é justamente considerar a opinião das outras pessoas em relação à história de seu passado (BURKE, 1992). Nessa busca pela informação é que se mostra fundamental que uma história seja contada e recriada e que todos tenham acesso a essa interpretação.

Atualmente, vários estudiosos defendem histórias e buscam evidenciar os marginalizados, aqueles que não foram registrados, mesmo mostrando um papel tão significativo quanto aquele desempenhado pelos sujeitos lembrados. Em outras palavras, as suas experiências vividas demandam serem ouvidas e valorizadas. Burke (1992) considera que é

bem verdade que parte das histórias do mundo, independente do seu país e do povo subalterno, é considerada “a história do dominado”.

Para Sharpe (1951 apud Burke, 1992), a discussão dessa história é tentar compreender esse povo no passado, suas expectativas, experiências e seu entendimento diante da situação, no mesmo sentido de experiência e consciência de classe que Thompson reporta: as experiências que são criadas a partir da interação com outras culturas.

Logo, é importante destacar que as histórias vistas por baixo vão revelar uma outra versão das narrativas que estavam ocultas e apontam dois pontos relevantes:

A primeira é servir com o um corretivo à história da elite, A segunda é que, oferecendo esta abordagem alternativa, a história vista de baixo abre a possibilidade de um a síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de história (SHARPE, 1951, p.168-72 apud BURKE,1992, p53-54).

Com base nesse entendimento de histórias registradas, a principal função da história vista de baixo é reparar a história contada por uma visão oficial dos dominadores da elite, dos sujeitos que, na circunstância, estiveram no poder. Ouvir os sujeitos subalternos que vivenciaram os acontecimentos torna a história mais completa, especialmente porque eles presenciaram os fatos. Para Sharpe (1992, p. 59), trabalhar com a visão vista de baixo ajuda a evidenciar outras áreas da história que, por muito tempo, ficaram condenadas ao absolutismo da escuridão.

Ouvindo os relatos dos sujeitos sobre a história do Campus Universitário de Castanhal descobrimos inúmeros acontecimentos bem diferentes daqueles registrados em documentos oficiais. A exemplo, são as informações cedidas pelos sujeitos, de extrema relevância para esta pesquisa, sobre o processo de interiorização da Universidade e dos agentes que lutaram para que a ação se concretizasse no município. Nesse sentido, nos reportamos à conclusão do autor:

Por conseguinte, nosso ponto final deve ser que, por mais valiosa que a história vista de baixo possa ser no auxílio ao estabelecimento da identidade das classes inferiores, deve ser retirada do gueto (ou da aldeia de camponeses, das ruas da classe trabalhador, dos bairros miseráveis ou dos altos edifícios) e usada para criticar, redefinir e consolidar a corrente principal da história. A história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós-nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar. Mas também, com o passar dos anos, vai desempenhar um importante papel, ajudando a corrigir e a ampliar aquela história política da corrente principal que é ainda o cânone aceito nos estudos históricos britânicos (SHARPE, 1992, p.61- 62).

De certa forma, a história da Universidade como polo em Castanhal engendrou-se nesse debate, pontuado, aqui, como uma história vista por baixo. Ao longo da pesquisa, descobriram-se fatos relevantes e importantes para serem explorados e mencionados na história oficial. Essas

descobertas nos permitiram conhecer melhor o passado e compreender que existiram muitos outros acontecimentos que, caso não fossem esmiuçados e ouvidos, ficariam escondidos e até mesmo invisibilizados por todos aqueles que fazem parte da história social.

#### **4.5 A relação antrópica no contexto da UFPA em Castanhal**

Castanhal, por ser considerada uma cidade em desenvolvimento, situada no interior do Estado do Pará, em meados dos anos 1970 foi indicada para sediar um polo da Universidade Federal do Pará. Com a implantação consolidada houve uma intensificação das relações antrópicas, de certo que a ação proporcionou mudanças e avanços, tanto tecnológicos quanto educacionais. Isso interferiu na cultura e na identidade da comunidade local.

Com a implementação do Campus, o município passou a receber um número considerável de universitários, que migraram de outras cidades com o intuito de cursar o nível superior. Com a aproximação desses sujeitos, convivendo no mesmo espaço público, as interações de relações se uniram e interferiram na construção das identidades sociais e culturais dos sujeitos locais.

Damatta apud Fernandes (2018) afirma que o social e o cultural são relações independentes de fatores genéticos ou mesmo de fatores naturais. Contudo, podem naturalmente ser desenvolvidas. É provável que a troca de relações configuradas no convívio do espaço universitário tenha proporcionado a antropização desses indivíduos, conforme observamos no conceito dos autores Fernandes e Fernandes:

Pensar em antropização é necessariamente considerar a interação entre grupos distintos que utilizam o mesmo território e que são atingidos diretamente por transformações mútuas que afetam os saberes ambientais, ideologias e identidades coletivamente criados e historicamente situados – que cada grupo social utiliza para estabelecer e manter este território comum, em regime de propriedade, vínculos afetivos, história de ocupação na memória coletiva, uso social e formas de defesa (2018, p. 89).

No mesmo sentido é que Ramos discute a interação do homem no sentido antropológico ao afirmar que:

O homem vive relacionando-se com outros homens em um mundo enchido de coisas, entes, enfim. A reflexão, este voltar-se como olhar para o existente, exige-se que seja sobre alguém e que esteja embasado em cultura, uma cosmovisão, uma antropológica, ou seja, prévios acontecimentos que pautam e sustentam a investigação sobre o homem, a cultura em um certo estar ou situar-se na realidade (2012, p. 46).

A discussão neste ensaio reflete a interação humana na cultura ambiental, social e na identidade dos sujeitos. O estudo da realidade humana parte de conhecimentos de sua interação com os outros seres que interferem nos acontecimentos e na condição humana. Assim, a cidade de Castanhal foi diretamente afetada por essa ação e sofreu impactos, tanto ambientais quanto sociais. Ratifica-se tal fato, a partir dos relatos dos informantes sobre a existência de uma evolução significativa da qualidade do ensino ofertado para a população de nível fundamental e médio das escolas do município, pontado na fala de Joana:

Então, o desenvolvimento da educação, essa promoção assim, foi muito elogiada e surtiu efeito assim muito benéfico. Atualmente, não se vê aqui um professor que não seja formado, habilitado, especialista, mestrado, doutorado então assim foi um crescimento assim, praticamente incrível em um curto período de tempo (2019).

No discurso de Joana, a interiorização da UFPA na cidade de Castanhal beneficiou muitos professores que trabalhavam em escolas, mas que não possuíam a formação adequada. Para ela, a iniciativa trouxe avanços significativos para a educação e a aprendizagem dos alunos das redes estadual e municipal.

Coorborando com esse posicionamento, a senhora Antônia relata que o projeto de interiorização da Universidade, como polo para a cidade, promoveu uma transformação na realidade educacional do município, principalmente para aquelas pessoas que não tinham condições financeiras. Segundo a informante a educação foi um incentivo para a melhoria da qualidade de vida:

Para a comunidade, várias etapas, esforços coletivos, novas relações com o conhecimento, com a sociedade e o poder, pois a construção do projeto de Interiorização UFPA tem sua raiz na potência da transformação e essa realidade foi possível (...) para conduzir o projeto de ensino e pesquisa- Interiorização UFPA em Castanhal aos horizontes almejados. Uma visão de futuro justo e solidário, para atender a população de baixa renda (ANTÔNIA, 2019).

Para Maria, uma das alunas do primeiro curso ofertado em Castanhal, o projeto de interiorização ganhou forças devido ao projeto Gavião, o qual favoreceu todos os indivíduos da região. “O projeto Gavião que eliminou quase todos os professores leigos principalmente da zona rural então os educadores dos municípios que eram quase desprezados a maioria, dificilmente tinha um qualificado” (MARIA, 2019).

Outro fator determinante dessa interação antrópica foi que a cidade passou a ser considerada a mais desenvolvida de toda a região do Salgado. Fernandes e Fernandes (2018) consideram o termo antrópico como reflexo do humano e de suas habilidades em suas relações com o ambiente e com seus pares.

Nesse sentido, pensa-se a existência de relações antrópicas, a partir da qual se constitui toda uma narrativa envolvendo a cidade de Castanhal, a universidade, os alunos, os professores, os empresários, os políticos e todos aqueles que se relacionaram nesse âmbito. Os perfis diferentes interferiram na formação da personalidade de uns sobre os outros. Individualmente, cada personagem apresentou uma ação no meio em que estava inserido.

Para a compreensão da relação antrópica que existiu nessa interação, utilizou-se o conceito de Fernandes e Fernandes (2018, 99- 100). De acordo com os autores, existem aspectos percebidos como: a) Territorialidade são os espaços em que os sujeitos estão inseridos e atuam, no mesmo contexto; b) Produto e produção: nesse sentido são os objetos que exploram os recursos; c) Etnicorracialidade e religiosidade: consideramos aqui todas as práticas culturais e sociais desenvolvidas pelos sujeitos.

A exemplo, a “Territorialidade” é o polo universitário da UFPA na metrópole castanhalense. “Produto e produção” são aqui compreendidos como os alunos, professores, empresários, políticos e toda a comunidade universitária. “Etnicorracialidade e religiosidade” são as ações dos sujeitos que proporcionaram relações e construções de identidades.

As discussões a esse respeito se colocam no sentido de identificar o homem como natureza, como um dos elementos da natureza. Existe uma interferência do homem na natureza e vice-versa. É a essa intervenção que Lima (2015, p.110) chama de “fator antrópico”:

Nesses casos, supõe-se que, a priori, os fatores de origem natural e os fatores de origem humana não se intercambiam, senão por meio de um horizonte de discernimento segundo o qual toda relação se traduz, a posteriori, em uma relação homem-meio.

Estamos diariamente interferindo e sendo interferidos pela natureza. Nossas atitudes mudam de acordo com as mudanças ao nosso redor. Assim, entender o homem como natureza é entender que existe uma relação que vai além de fatores ambientais e ecológicos. O homem é um elemento da natureza e está ligado aos outros elementos, há, portanto, uma inter-relação (LIMA,2015).

Somos responsáveis pelas mudanças ambientais, sociais e econômicas e, ao mesmo tempo, temos a necessidade de promover essas transformações em nosso meio. Segundo Lima (2015, p. 112), isso relativiza a nossa existência e a nossa realidade: “Entender o homem como natureza supõe entrever uma condição ontológica, um sentido de ser; ao passo que reclamá-lo como mero fator antrópico supõe submetê-lo a relações de causalidade”.

Somos uma mistura de personalidades e estamos inseridos no contexto da natureza. E cada indivíduo intervém, a sua maneira, nesse meio, de acordo com as suas necessidades físicas, econômicas, materiais, capitalistas. Cada indivíduo interfere a sua maneira e, conseqüentemente, é interferido por ela.

Isso não quer dizer que o homem tem a culpa pela destruição da natureza e tão pouco negligencia a responsabilidade humana por essa ação. Importa é entender que o homem e a natureza têm uma relação que, de certo, interferiu nessa construção social. É necessário entender essa relação como um fator antrópico. Esse fator social da natureza é a interação homem-natureza, que precisou existir como um processo histórico do próprio homem. O homem careceu modificar a natureza para ele também ser modificado (LIMA, 2015).

A relação antrópica permuta por esse diálogo, de interação e cumplicidade, no qual cada sujeito tem a sua parcela de contribuição para que essa relação ocorra e para que se faça acontecer essa construção social.

Na história do Campus universitário não poderia ser diferente. De fato, houve a interação dos sujeitos sociais, que foram modificados pela implantação da academia. Tão certo que existiu uma carência da UFPA vir para a cidade e intervir no meio comunitário. Assim, ela também foi modificada por esse ambiente, assumindo os anseios dos sujeitos locais e criando, nesse espaço, a sua própria identidade.

#### **4.6 Marcos históricos do processo de interiorização das Universidades brasileiras**

Nas últimas décadas, as universidades, paulatinamente, vêm contribuindo para o avanço do senso crítico e reflexivo da sociedade de modo geral. Isso porque as universidades derrubaram certos preconceitos e garantiram a sua autonomia, enquanto instituições determinadas para o ensino, estando diretamente ligadas à formação social e intelectual dos cidadãos e comprometidas com a sociedade que as mantêm.

Existem muitas pesquisas e estudos científicos que debatem sobre as universidades e sua importância dentro do paradigma de um contexto social, onde muitos pesquisadores, ao longo de todo percurso histórico, mostram-se interessados em conhecer o processo das instituições e suas atividades dentro dos Estados brasileiros (BRUNET, 1997).

Na contemporaneidade, as universidades são temas discutidos e nos impulsionam a conhecer a história do processo de sua implantação, ocorrido no território brasileiro. O tema



sobre a interiorização das Universidades Públicas Federais decorreu de perspectivas distintas, com olhares diferenciados. Contudo, nos encaminham para a mesma direção: a trajetória de universidades, consolidadas em regiões brasileiras, que ao longo de um percurso avançam nas suas independências, rompem as fronteiras e adquirem as suas autonomias.

Para melhor esclarecimento, as universidades surgiram na Idade Média, entre os séculos XI e XII. O seu ensino era monopolizado pela Igreja Católica, a qual detinha as universidades aos seus poderes, controlando, centralizando e direcionando o seu ensino. A forma como a Igreja Católica, por décadas, conduziu o ensino universitário, impediu seu avanço e causou um atraso na aquisição dos conhecimentos por parte dos educandos. (BRUNET, 1997).

As histórias das primeiras universidades surgem no século XIII e suas ações não eram valorizadas pelos poderes governamentais. Portanto, nesse período, o maior objetivo das universidades foi defender a sua importância enquanto instituição educacional e legitimar que o “fazer universitário” destinava-se à execução de um trabalho de saber peculiar. Além disso, era preciso garantir um trabalho específico dentro de uma sociedade e dar condições para os alunos avançarem no ensino, capacitando-os para além das fronteiras de um ensino básico. Instigava-os à educação, a pesquisas e à inovação de conhecimentos dentro de determinado campo científico, de um campo de saber (BRUNET, 1997).

Nesse percurso histórico e com o avanço do conhecimento promovido pelo ensino superior, os discentes desenvolveram o senso crítico epistemológico e começaram a exigir, da própria universidade, qualidade nos cursos e no ensino propriamente dito. Dessa forma, as universidades sentiram a necessidade de inovar e avançar na busca de novos procedimentos metodológicos e científicos para atender à demanda solicitada pelos alunos. Contudo, a tomada de decisão causou conflitos com a autoridade religiosa, que não aceitou a desobediência e a autonomia das universidades e, autoritariamente, exigiu a sua total servidão (BRUNET, 1997).

Inicia-se, então, a primeira dificuldade que a universidade teria que enfrentar: a busca pela independência e pela autonomia frente à Igreja Católica. A vitória chegou de imediato, pois o Papa concedeu a licença para a universidade funcionar. Com o consentimento da autoridade religiosa, as universidades passaram a adquirir o prestígio das outras autoridades estatais, civis e militares, como instituição fundamental própria e *sui generis*. E, assim, garantiu significativa importância social (BRUNET, 1997).

No entanto, logo essa autonomia acadêmica entrou em decadência, pois todo o privilégio dado às universidades pela Igreja e pelo Estado tornaram-se débitos que as universidades teriam que “pagar”. Assim, acabaram perdendo a posição adquirida, recaíram no processo ideológico e permaneceram por um longo período vivendo de regresso e dificuldades (BRUNET, 1997).

O período de regresso que as universidades brasileiras passaram se estendeu até o século XIX e resultou na total decadência de seus cursos. Após esse século, as universidades começaram a adquirir certa autonomia e a se consolidarem como instituição democrática. Assim, suas pesquisas científicas começaram a ser valorizadas (BRUNET, 1997).

Para Guimarães (1997), toda a trajetória da extensão universitária pública no Brasil teve sua origem baseada no modelo de extensão das universidades norte-americanas. Ainda de acordo com o autor, as universidades brasileiras surgem entre 1914 e 1917, com a denominação de “Universidade Popular na Universidade Livre de São Paulo”.

A principal finalidade dessa universidade era desenvolver cursos em diversas áreas que atingissem uma grande parte da população, especialmente a classe popular. Partindo disso, a universidade ampliou seus horizontes e formou-se, então, a escola de Agronomia - Lavra e Viçosa. O propósito da construção dessa faculdade foi levar o conhecimento científico para assistir aos produtores rurais nas suas atividades e nos seus negócios (GUIMARÃES, 1997).

As universidades brasileiras seguiram o modelo das universidades norte americanas, por entender que a estruturação do sistema de ensino, defendida por essa universidade, era excelência em educação pública superior. Além disso, o avanço da tecnologia e a globalização ocorridas nesse processo de ensino possibilitaram repensar e avançar a estrutura acadêmica dos cursos universitários.

De fato, a extensão se concretiza depois da criação do Movimento Estudantil, por meio da União Nacional dos Estudantes (UNE). Em 1938, os estudantes se entusiasmaram com outro movimento existente na época e, a partir desse momento, reivindicaram por uma universidade mais comprometida com a sociedade e com o ensino superior no Brasil. A discussão foi favorável, porque criaram-se muitas perspectivas para levar a universidade aos bairros populares. Contudo, é importante destacar que toda essa manifestação militante se

deusobre a coordenação de Paulo Freire que, naquela conjuntura, trabalhava na UFPE<sup>4</sup> (GUIMARÃES, 1997).

Porém, essa crise do século XIX que as universidades enfrentaram ainda se perpetuou no século XX, não com a mesma proporção da crise anterior, mas, apresentando uma crise hegemônica, onde se buscava entender qual a verdadeira função da universidade dentro de um contexto educacional e social. Em seguida, veio a crise da legitimidade, quer dizer, a universidade passa, então, a discutir e defender a questão democrática de saberes para todos os cidadãos, independente de classe social. E, por fim, a crise institucional, na qual a universidade precisaria justificar para a sociedade em geral a importância de sua produtividade e isso se relacionava tanto com o mercado de trabalho empresarial quanto com a autonomia social (SANTOS, 2005).

Santos (2005) lembra que todas essas crises históricas que a universidade atravessou no século XX repercutiram na descaracterização política, social e intelectual do ensino universitário. Isso porque as universidades deixaram de ser o meio pelo qual se produziam conhecimentos que seriam utilizados para atuar no mercado de trabalho e passam a assumir função de produtora de mão-de-obra, ou seja, passam a se tornar o próprio mercado, um mercado patrocinado por diversas instituições financeiras.

A crise institucional foi, para não dizer que ainda perdura, a pior crise, da qual a universidade não consegue libertar-se por completo. Isso se deve a diversos fatores e um deles diz respeito à dependência financeira da universidade em relação ao Estado. Essa dependência afetou diretamente a autonomia pedagógica e científica da universidade. Assim, a autoridade do Estado, por décadas, manteve sob seu controle o ensino universitário (SANTOS, 2005).

A partir do momento em que o Estado decide reduzir toda a garantia financeira cedida à universidade, alegando que a educação, como um bem público, não pode ser assegurada diretamente pelo Estado, as universidades declinam em meio à estabilidade. Então, a universidade, quando perdeu a prioridade financeira, foi induzida a uma crise institucional que perdurou por, exatamente, trinta anos (SANTOS, 2005).

Sem o patrocínio cedido pelos órgãos públicos, as universidades entraram em conflito. Essa tensão acabou desestabilizando os cursos, o ensino e a pesquisa. Nesse processo, elas passaram a ser reféns, tendo que lutar por sua própria autonomia.

---

<sup>4</sup> UFPE- Universidade Federal de Pernambuco.

A crise institucional que as unidades universitárias sofreram foi incentivada pela Ditadura Militar, quando houve uma redução da autonomia das universidades, sendo proibidas de propagar o conhecimento crítico e científico. Dessa maneira, as universidades foram obrigadas a aderir a projetos modernizadores (SANTOS, 2005).

#### 4.6.1 “Integrar para não entregar”

Os projetos modernizadores visavam, antes de tudo, à ampliação do ensino superior para todas as regiões brasileiras e as suas discussões iniciaram em 1964, quando um grupo intitulado de IPÊS<sup>5</sup>, respeitando as políticas estabelecidas pelo presidente da república, o senhor Castelo Branco, articulou seminários para, então, discutir a situação da educação em territórios brasileiros. Em outras palavras, o grupo defendia as mudanças na educação superior e sugeriu que se seguisse o modelo de Universidade Norte Americana (MOTTA, 2014).

O interesse desse público visava à existência de uma universidade atuante, que suprisse a necessidade de um ensino superior no país, por acreditar que, naquela época, as universidades não dispunham de um modelo pré-definido a seguir, tão pouco uma ideologia que direcionasse a padrões específicos de funcionamento. Optavam, então, pela semelhança com os modelos universitários norte-americanos, uma vez que estes se encontravam mais próximos naquela ocasião.

Para Motta (2014), outra problemática enfrentada era a fragilidade do MEC, que não apresentava propostas sólidas para melhoria do ensino superior. A insegurança que o MEC transmitia foi consequência dos anos de política militar. Vale lembrar que, nos anos do Regime Militar, os governantes tomavam as decisões, inclusive aquelas que diziam respeito às universidades do país. Assim, criaram a Lei nº 4759, aprovada em 1965, que autorizava as universidades a agregarem a palavra “Federal” no contexto da palavra “universidade”. É importante destacar que, nesse período, as universidades encontravam-se sob total domínio do Regime Militar, o qual, por meio do autoritarismo, centralizava as ações e tolhia a autonomia do ensino superior das instituições.

Em 1965, houve um acordo entre o MEC e a Usaid<sup>6</sup> para discussão de projetos modernizadores. O objetivo maior desses projetos era atender à exigência do mercado

---

<sup>5</sup> Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais

<sup>6</sup> United States Agency for International Development.

universitário. Os principais temas discutidos pontuavam a respeito da valorização e da publicação de livros científicos, como também da organização e do planejamento de programas de ensino. No ano seguinte, devido às circunstâncias em que se encontravam as universidades brasileiras, propôs-se um novo acordo entre as bases envolvidas, que previa: monopolizar a direção das universidades, isto é, indicar os dirigentes para assumir a função de coordenação dos *campi* e, dessa forma, manter o controle político sobre as instituições; determinar a fundação de novos departamentos, por exemplo, outros setores que desafogariam o setor administrativo; incentivar a prática da independência financeira dos órgãos governamentais, e o principal tópico discutido foi incentivar a criação de novos *campi* universitários (MOTTA, 2014).

É importante destacar que a modernização das universidades teve impulso a partir da expansão das bolsas de pesquisa na pós-graduação, especificamente com a criação do programa FUNTEC<sup>7</sup>, que era diretamente ligado ao BNDES<sup>8</sup> e tinha como objetivo ampliar a formação técnica e qualificar os discentes para atuarem diretamente no mercado de trabalho (MOTTA, 2014).

Contudo, ainda eram necessários avanços e investimentos para a melhoria do ensino superior. Então, criou-se um PED - Programa Estratégico de Desenvolvimento, o qual apontava as falhas da educação superior e buscava salientar que as universidades tinham a obrigação de doutrinar os alunos para atuarem, exclusivamente, como mão-de-obra no mercado de trabalho. Outra atribuição do PED era impedir que os professores evadissem do seu país de origem para trabalhar nas universidades estrangeiras. É importante ressaltar que os docentes não se evadiram do Brasil por vontade própria e, sim, por perseguições políticas sofridas na época da Ditadura, os famosos “expurgos” (MOTTA, 2014).

O Regime Militar criou planos mais específicos para garantir uma política de modernização, visando à melhoria das universidades brasileiras. O Projeto Rondon<sup>9</sup> foi um desses planos, criado com um viés epistêmico de divulgar valores militares para alunos civis e adotar o patriotismo como principal modelo ideológico de valor, além de direcionar os alunos à obediência frente ao autoritarismo militar, presente na época. Cabe ressaltar que o projeto forneceu planos de interiorizar as atividades acadêmicas para outras regiões, ou seja, incentivou a transferência de *campi* para áreas isoladas do território brasileiro e encaminhou

---

<sup>7</sup> Fundo de Desenvolvimento Técnico e Científico

<sup>8</sup> Banco Nacional de Desenvolvimento

<sup>9</sup> Projeto criado sob a tutela militar para homenagear o Marechal do Exército Cândido Mariano Rondon. Ver (Motta, 2014, p. 89)

discentes e docentes de cursos diversificados, que funcionavam nos centros das capitais, para atenderem em pontos afastados das cidades (MOTTA, 2014).

Com a filosofia de integrar o conhecimento para regiões carentes e áreas isoladas e de difícil acesso, a operação Rondon deu início à interiorização das universidades brasileiras. Pode-se dizer que a região Amazônica foi um dos territórios que se beneficiou com essa ação. E, como o Estado do Pará está localizado no território da região Amazônica, acredita-se que houve benefícios com essa expansão (MOTTA, 2014).

A operação Rondon foi desenvolvida principalmente para doutrinar os jovens ao regime militar. No entanto, ela foi ganhando repercussão nacional, à medida que disponibilizava condições para os alunos se deslocarem da sua universidade polo, das cidades metrópoles, para atender à população humilde das regiões mais carentes. Esses alunos assistiam às comunidades, oferecendo atendimento em diferentes especialidades como: medicina, advocacia entre outras. Com essa prática, a operação avançou consideravelmente, dando origem à atuação do Programa Rondon II, que teve como tema: **“Integrar para não Entregar”** e chegou a atender a cerca de 50 mil estudantes em um ano (MOTTA, 2014, p.91,93).

O tema do projeto Rondon II é utilizado nesta pesquisa para ampliar o debate sobre o processo de consolidação da interiorização das universidades, mostrando que a política de planejamento prevista no Projeto Rondon I transformou as ações e criou programas e projetos que serviriam para consolidar novos *campi* universitários nos territórios brasileiros.

Motta (2014) afirma que o projeto Rondon funcionou até o ano de 1989 e atendeu a milhares de pessoas em diversas cidades. É notório que houve vários programas que ajudaram as universidades a avançar, porém, o programa Rondon, mesmo apresentando uma visão patriota, como o principal meio de organização de uma sociedade; mesmo com o único objetivo de formar mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho, previa que as universidades seriam uma estratégia para o desenvolvimento do país em relação à ciência e à tecnologia.

Percebe-se que o governo militar promoveu esse plano de desenvolvimento para manter, sob seu domínio, as universidades e suas questões ideológicas. Mesmo com o autoritarismo opressor a que as universidades foram submetidas em meio a políticas de conflitos, ainda assim, conseguiram avançar, em parte, na sua autonomia.

A respeito das discussões sobre as modernizações universitárias, não se pode esquecer que as universidades exploradas são as instituições públicas e não as privadas. Essas universidades – as públicas – tiveram a iniciativa de se reinventar, indo de encontro aos poderes governamentais, desconstruíram-se, desobedecendo às regras e aos valores que, por décadas, lhe foram impostos.

Mesmo que as universidades tenham sofrido controle político durante as décadas de 1960 e 1970 e isso tenha afetado as suas atribuições acadêmicas e sociais, o direcionamento do Regime Militar, frente a essas questões, foi favorável ao seu desenvolvimento. Isso levou as universidades a adotarem políticas de planejamentos acadêmicos e a aperfeiçoarem o ensino superior em toda a região. Assim, começam a lutar pela sua autonomia.

De acordo com Brunet (1997, p. 83), a constituição de 1988, no art. 207, veio para consagrar essa autonomia quando prevê que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. A partir da vigência desse documento são garantidos, às universidades, o direito constitucional de gozar de sua autonomia científica e de organizar a sua estrutura de colegiado, além de criar sua política acadêmica.

Para melhor compreender a definição de autonomia, Morosini (1997, p.96) explica que “autonomia é a condição de a universidade autodeterminar-se, autogovernar-se, e em consequência, libertar-se de coações e de constrangimentos externos”. Com a autonomia garantida, foi-lhe concedida a liberdade de formar discentes, de investigar ações e de tomar decisões financeiras e administrativas.

As universidades somente alcançaram sua autonomia, porque se mostraram como um espaço de luta, de relações de forças, de estratégias, de interesses e de contradições. Essa estratégia política que adquiriram serviu para desenvolver seu capital científico, o que favoreceu a disputa desse jogo. Assim, a disputa permanente de poder se consolidava nos *campi* das universidades com as reformas na educação superior do Brasil e somente foram definidas através de suas forças dominantes (CATANI e OLIVEIRA, 2002).

As universidades conquistaram a sua autonomia, mostrando-se instituições reconhecidas por sua capacidade de pesquisa nas diversas áreas do conhecimento científico e pelo retorno que elas forneciam para a população. Isso ocasionou uma troca de reconhecimento: as universidades dispõem dos seus serviços para a sociedade e a sociedade retribui reconhecendo e valorizando a ação universitária.

“Quanto mais os campos são autônomos, mas eles escapam das leis que lhe são atribuídas” (BOURDIEU, 2004, p.30). Isso significa que, com o avanço nas pesquisas e no ensino, as universidades foram desenvolvendo sua autonomia e livrando-se dos seus dominadores e das deliberações que, por anos, lhes foram exigidas. A autonomia conquistada, frente a outros campos foi de extrema importância para o avanço das pesquisas e a qualidade do ensino das universidades.

Portanto, a extensão universitária pública no Brasil surge com a perspectiva de avançar, mesmo que esse avanço tenha sido considerado, por muitos, como retrocessos. Mas todo retrocesso também traz experiências que, quando bem aproveitadas, direcionam a novos rumos e a novas esperanças de acertos.

Ainda se sabe pouco sobre as universidades, suas histórias, suas conquistas e dificuldades, mas de um fato tem-se certeza: as universidades federais brasileiras abriram novos rumos à educação superior e proporcionaram conhecimentos científicos a grande parte da população e aos Estados brasileiros que, por sua vez, engajados na luta, também se mostraram interessados em implantá-las nos seus espaços.

#### **4.7 Os desafios da implantação das Universidades na região Amazônica**

A região da Amazônia é abrangente em suas dimensões e, apesar de ser uma região extensa, possui poucos habitantes em relação às outras regiões brasileiras, o que ocasionou um atraso na implantação do ensino superior. A outra explicação para esse atraso seriam as áreas de difícil acesso, que tornavam impossível a expansão dos cursos para a população amazônica. É possível que esses fatores tenham resultado no baixo índice de escolaridade da educação superior.

Para Fernandes (2014), o fator que resultou nessa lentidão do progresso do ensino superior na Amazônia foi a divisão da região. Isso porque, até o século XIX, ela ficou dividida entre o Estado do Pará e Rio Negro, Município do Estado do Paraná. Em consequência disso, a região permaneceu sem investimentos próprios para avançar.

O desenvolvimento das cidades brasileiras aconteceu de forma diferente, para não dizer desigual. Isso gerou uma distância nos padrões econômicos, sociais e tecnológicos. Assim, existiram dificuldades para desenvolver infraestrutura adequada, o que gerou a desvalorização de determinados territórios. Esse subdesenvolvimento abrangeu, também,



outros segmentos, não somente o de produção de mercadorias em processo industrial, mas também afetou a implantação de ensino superior para essas regiões (FERNADES, 2014).

Contudo, houve iniciativas incansáveis que discutiram propostas para o aumento e o acesso de cursos superiores que atendessem aos pontos mais isolados da região. Essa política de acessibilidade mostra que existiram interesses em promover uma educação emancipadora, pública e de qualidade, garantindo à população o direito à pesquisa, ao ensino e à extensão.

De acordo com o Programa de Interiorização/Extensão do Serviço Público Federal da Universidade Federal do Pará, as primeiras discussões de caráter regional sobre a criação do processo de interiorização ocorreram em maio de 1986<sup>10</sup>, na cidade de Belém, durante a realização do seminário “O processo de Interiorização das Universidades Amazônicas”, quando se constatou que todas as IFES da região já desenvolviam atividades acadêmicas no interior de seus estados.

De 1986 a 1989 criaram-se diretrizes para estabelecer o I PROJETO NORTE DE INTERIORIZAÇÃO<sup>11</sup> (I PNI) da UFPA, no qual foram definidas, como prioridade, as ações voltadas à formação de professores de primeiro e segundo graus, como também, o resgate histórico e a preservação do patrimônio artístico e cultural, além disso, visava orientar a realização de pesquisas aplicadas. Esse conjunto de ações deveria influir diretamente nas transformações das bases educacionais e sociais dos municípios e dos Estados como um todo e, indiretamente, em seu desenvolvimento econômico.

Para a execução do projeto, a UFPA implantou oito *campi* universitários, distribuídos em algumas microrregiões do Estado: Região do Baixo Tocantins, com sede em Abaetetuba; Região Transamazônica, com sede em Altamira; Região do Nordeste paraense, com sede em Bragança; Região do Médio Tocantins, com sede em Cametá; Região Guajarina e salgado, com sede em Castanhal; Região Sul-Sudeste do Pará, com sede em Marabá; Região do Tapajós, com sede em Santarém e Região do Marajó, com sede em Soure (I PROJETO NORTE DE INTERIORIZAÇÃO).

Esses *campi* serviram de base para a realização de cursos de licenciatura, reciclagem e capacitação, projetos artístico-culturais, projetos de pesquisas aplicadas, treinamento e

---

<sup>10</sup> É importante ressaltar que apesar das primeiras reuniões acerca da interiorização da UFPA só ocorrerem em maio de 1986, várias ações e projetos já estavam sendo implementados no município de Castanhal, como por exemplo a realização de Cursos Polivalentes na cidade que possibilitaram a implantação do ensino de 1º grau em toda a microrregião. Contudo, somente em março de 1994 foi inaugurada a base física própria da UFPA.

<sup>11</sup> MOURA, Karla Raquel Silva. ‘O curso de pedagogia e mercado de trabalho no município de Castanhal’. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Pedagogia, Universidade Federal do Pará. Castanhal, 2003.

assessoramento às comunidades. Para assegurar essa execução, diversas estratégias e medidas foram adotadas como a solicitação de recursos aos ministérios da Educação, da Cultura, da Aeronáutica e da Ciência e Tecnologia, bem como às agências regionais de desenvolvimento e às agências nacionais de fomento, além dos governos estaduais e municipais (I PROJETO NORTE DE INTERIORIZAÇÃO).

Então, por que se construir uma universidade na Amazônia? Esse questionamento possibilita entender que todas as construções das universidades, fora da sede, foram moldadas de acordo com a evolução histórica, política e cultural de sua localidade. Essa região, assim como outras regiões, cidades e estados, foi colonizada de acordo com os padrões europeus. Contudo, pode-se perceber que os espaços mudaram, evoluíram. E uma das evoluções viabilizou implantações de universidades dentro do universo amazônico.

A crítica que Mello (2007) aponta diz respeito a essa subordinação em que a Amazônia foi colonizada, um de seus dilemas é por ser uma região periférica, subordinada, tanto pelo imperialismo quanto pelo colonialismo. Eis a necessidade dessa reinvenção.

Ressalta-se que ainda no século XXI é visível o seu subdesenvolvimento em relação as outras regiões brasileiras. Aí reside a importância de estudos sobre essa temática para a reflexão de uma região que enfrentou as desigualdades sociais que lhes foram impostas e fez-se reinventar, apostando na educação superior como o início de um processo emancipatório.

Para reforçar a ideia, Mignolo (2006) entende que toda a realidade social, cultural e econômica de uma região ocorre por meio da colonialidade do poder, que explora a diversidade epistêmica e relaciona a outras formas de conhecimentos.

Percebe-se que o colonialismo, por anos, moldou o sistema brasileiro e toda a ideia que se tinha sobre ciência, sendo percebida segundo um modelo europeu, no qual, a política de ensino era estabelecida de acordo com os padrões determinados.

Toda essa discussão nos leva a refletir sobre alguns conceitos de modernidade, que foi o fator essencial para a implantação das universidades na região amazônica. É nesse fundamento que Mello (2007) alerta para o desenvolvimento da modernidade como uma transformação tecnológica e científica de um povo, ou seja, quando surge um novo paradigma de cultura humana.

Nos estudos de Mello (2007), o Brasil e a Amazônia se constituem numa mesma sociedade, respeitando a mesma organização. Quando a modernidade chega, e adota o uso da ciência e da tecnologia, desestabiliza toda essa organização. O meio social sofre uma ebulição.

Para Mello (2007, p.33), “é um estado permanente de desencaixes e reencaixes, de desterritorializações e reterritorializações”. Com isso, as mudanças que ocorrem afetam a sociedade como um todo.

Esse estado de “ebulição” é a maneira não estática de se fazer inventar. Todo esse debate serve para dizer que o mundo globalizado, tecnológico e científico foi resultado da modernidade, assim como a modernidade espelha-se em um mundo globalizado e implica em diferentes questões e influencia diretamente a cultura de uma sociedade. À medida que avança, a modernidade causa uma desorganização social, refletindo em conflitos do passado e do presente. Por exemplo: uma pesquisa científica consolidada hoje poderá, amanhã, sofrer alterações e ser refutada com a descoberta de novos conceitos.

Portanto, a modernidade foi um fator determinante para a construção das universidades federais em todo o território amazônico, pois através das mudanças tecnológicas e científicas as universidades, ao longo desse processo histórico, puderam garantir seu espaço na sociedade, impondo-se como instituições públicas, gratuitas e de qualidade no ensino.

Assim, a Amazônia, a passos lentos, progrediu em diferentes aspectos, levando as universidades a acompanharem, seguindo esses passos, as mudanças ocorridas. A Universidade Federal na Amazônia busca se identificar como uma universidade que, mesmo passando por dificuldades em executar seus cursos, é uma instituição pública, que apresenta um ensino de qualidade e que visa à formação científica e política dos seus discentes.

Hoje, a preocupação é mostrar que as universidades estão voltadas para atender a uma demanda social, para transmitir conhecimentos aos diversos públicos. Isso inclui os que se encontram afastados das grandes metrópoles. As universidades federais provam que não existem barreiras que impeçam o desenvolvimento do conhecimento científico.

#### **4.8 A Universidade Federal do Pará no processo de interiorização**

A sede da Universidade Federal do Pará está localizada na cidade de Belém, capital do Estado. Atualmente, a cidade tem como representante o prefeito Zenaldo Rodrigues Coutinho Júnior. Belém está localizada no norte brasileiro, distante 2.146 quilômetros de Brasília. É conhecida como "Metrópole da Amazônia", uma das dez cidades mais movimentadas e atraentes do Brasil. É a 2ª mais populosa da região, a 12ª do país e a 177ª do mundo, além de possuir o maior aglomerado urbano da região. A cidade de Belém, considerada a maior da

linha do Equador, é também classificada como a capital de melhor qualidade de vida do Norte do Brasil.<sup>12</sup>

No site do IBGE, a cidade de Belém apresenta uma área territorial de 1.059,458 km<sup>2</sup>. De acordo com os dados coletados de 2018, a população estimada é de 1.485.732 pessoas. A densidade demográfica estimada em 2010 é de 1.315,26 hab/km<sup>2</sup>. E a escolarização, segundo o IBGE, é de 96,1 %, englobando alunos de 6 a 14 anos.<sup>13</sup>

A Universidade Federal do Pará foi criada para oferecer serviços educacionais de ensino superior, pesquisa e extensão a todos os paraenses que almejam ingressar em uma faculdade. Foi criada segundo a Lei nº 3.191, de 2 de julho de 1957. Assim, elaborada pelo Decreto nº 65.880, de 16 de dezembro de 1969, logo foi modificada por novo Decreto condizente com o nº 81.520, de 4 de abril de 1978 (MELLO, 2006, p.18).

Durante todos esses anos, a UFPA avançou consideravelmente nos seus cursos, chegando a atender a 16 municípios através de seus *campi* e núcleos universitários e apresentando aproximadamente 40 cursos de graduação em grande parte da região. A universidade preocupou-se em desenvolver, com responsabilidade e compromisso, cursos voltados para a região amazônica. Mas, para isso acontecer, ela necessitou romper com alguns obstáculos: estabelecer estratégias para chegar até as regiões mais isoladas da sociedade e, depois, identificar as potencialidades econômicas e sociais de cada região e, dessa forma, poder promover um conhecimento mais específico, que atenda aos anseios da população (COSTA, 1997).

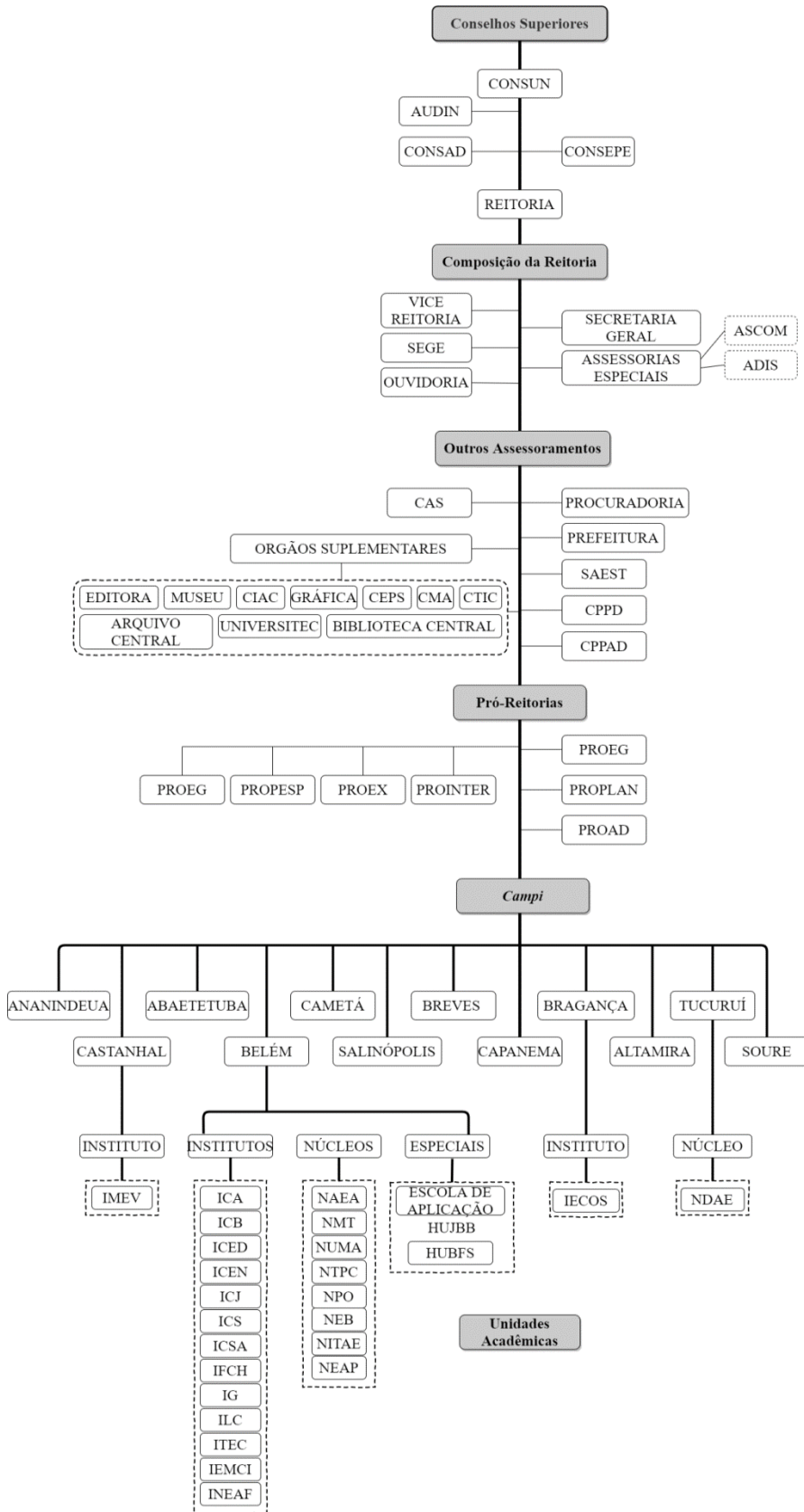
Abaixo Organograma 2, destaca-se o organograma da Universidade Federal do Pará, contendo a estrutura dos conselhos superiores, a composição da reitoria, outros assessoramentos, as pró-reitorias, a distribuição dos *campi* e das unidades acadêmicas. Pode-se observar, através do organograma, o desenho estrutural dos *campi*.

---

<sup>12</sup> Portal do IBGE <https://www.ibge.gov.br/>.

<sup>13</sup> Ibid.

**Organograma 1 - Universidade Federal do Pará**



Adaptado do Portal UFPA (2019).

**Fonte:**

Em relação ao Estatuto Geral da Universidade Federal do Pará, a UFPA é considerada como uma universidade *multicampi*<sup>14</sup>. Ainda segundo esse documento a instituição tem como princípios:

- I. a universalização do conhecimento;
  - II. o respeito a ética a diversidade cultural e epistemológica;
  - III. pluralismo de ideia e de pensamento;
  - IV. ensino público e gratuito;
  - V. a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;
  - VI. a flexibilidade de método, critério e procedimento acadêmico;
  - VII. a excelência acadêmica;
  - VIII. a defesa dos direitos humanos e a preservação do meio ambiente
- (2006, p.18).

O Estatuto acima enfatiza o papel da Universidade Federal do Pará como uma entidade social, voltada para a formação do cidadão. O artigo evidencia o ser humano como ser social, integrado em uma sociedade plural, mas que tem necessidades específicas. E essas necessidades precisam ser respeitadas e garantidas.

Costa (1997) discute o processo de redefinição ao qual as universidades vêm sendo submetidas no novo século. Apresentando um outro perfil, não se preocupam somente em preparar mão-de-obra qualificada, mas em formar alunos para a vida, em formar seres humanos éticos na sua totalidade.

No ano de 2006, foi publicado no Diário Oficial da União uma nova versão do Estatuto da Universidade Federal do Pará, com o propósito de se pensar em um novo milênio para as universidades: “sociedade do conhecimento”. As transformações pelas quais a sociedade vem passando nessas últimas décadas, sejam de ordem tecnológica, social ou científica, interferem diretamente na transformação do ensino superior. Assim, as universidades precisam acompanhar esse processo de evolução, ao mesmo tempo em que se exige que as universidades desempenhem com qualidade seu papel enquanto instituição de ensino e satisfaçam aos anseios da sociedade, respondendo, de imediato, aos problemas sociais e científicos (MELLO, 2006).

Isso revela que o conhecimento também precisa estar em constante transformação. A experiência de um sujeito, adquirida em um determinado campo de saber, faz com que o mercado industrial tenha que avançar em novas tecnologias, em conhecimento científico. Quanto mais conhecimento a sociedade absorve do meio, mais exigente ela se torna, fazendo com que os meios necessitem aprimorar seus conteúdos e, assim, satisfazer a necessidade

---

<sup>14</sup> De acordo com o Art.26 O Campus é uma unidade regional da Universidade instalada em determinada área geográfica, com autonomia administrativa e acadêmica. (Estatuto Regimento Geral da UFPA, 2006, p. 27)

dessa sociedade. A exigência vai se tornando recíproca em determinados momentos da existência (LIOTOU, TSOLKAS, PASSAS, MERAKOS, 2015).

A universidade tem que ser pensada como uma instituição aberta, que provoque novas maneiras de pesquisar, que incentive a curiosidade dos seus alunos, mas levando em conta o meio cultural e econômico em que eles estão inseridos.

As universidades, como um mundo de descobertas científicas e tecnológicas, levam o conhecimento aos públicos mais distantes. Essa interiorização que as universidades vivenciaram dependeu, acima de tudo, de incentivo de todos os meios: sociais e políticos.

#### **4.9 A interiorização do Campus da UFPA na cidade de Castanhal**

Com um breve resumo sobre a história da cidade de Castanhal, vista pelos historiadores locais Hugo Luiz de Souza<sup>15</sup> (2010), José Leôncio Ferreira de Siqueira<sup>16</sup> (2008) e Carlos Araújo<sup>17</sup>(2000), observamos que a cidade passou por mudanças e uma série de acontecimentos que anteciparam sua modernização e seu progresso.

De início, é importante compreender que Castanhal está localizada a 68km da cidade de Belém, capital do Estado do Pará. Abrange uma área de 1.029,191 km<sup>2</sup> e uma população estimada em 179.036 habitantes. A origem do nome da cidade de Castanhal veio do Igarapé Castanhal que, em suas margens, possuía muitas árvores de castanheira<sup>18</sup>.

A formação da etnia do povo Castanhalense recebeu duas contribuições: a primeira veio dos imigrantes nordestinos e a segunda ficou por conta do povo indígena da tribo Tupinambá. Dessa forma, seu povoamento surgiu a partir da mestiçagem entre brancos, pardos e nativos (SOUZA, 2010).

Para Souza (2010), a chegada da Estrada de Ferro, no final do século XIX, ligando a capital Belém à cidade de Bragança, no extremo leste do Estado, deu início ao período de desenvolvimento econômico, comercial, turístico e social da região Bragantina.

De acordo com Siqueira (2008), o distrito foi criado no dia 06 de junho de 1899, passando à categoria de Vila no dia 15 de agosto de 1901, com a Lei nº 646. Contudo, em outra

---

<sup>15</sup> Escritor Castanhalense. Dentre suas obras publicadas está: Castanhal e suas raízes: Evolução de uma cidade.

<sup>16</sup> Escritor nascido na cidade de Vigia do Pará. Assumiu a cadeira nº 39 do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Dentre suas obras está: Trilhos o Caminho dos Sonhos (memória da estrada de ferro de Bragança).

<sup>17</sup> Escritor Castanhalense que pesquisou e escreveu a Síntese da história antiga de Castanhal.

<sup>18</sup> Bertolethia Excelsa.

pesquisa, desenvolvida por Araújo (2000), o Núcleo Colonial de Castanhal, o primeiro núcleo de povoamento, deu-se no ano de 1889 e, em 1º de Maio de 1893, por Henrique Santa Rosa<sup>19</sup>, foi declarado Núcleo Colonial de Castanhal, sendo elevado à categoria de Vila no dia 15 de Agosto do ano de 1899, através da Lei nº 646.

A cidade mencionada, em seu contexto, foi colonizada no século XIX. Siqueira (2008) pontua que as principais atividades foram a agricultura e o comércio. Em virtude de sua privilegiada situação geográfica, foi programada para ser eixo ferroviário e hoje passou a ser, naturalmente, um eixo rodoviário com convergência de todos os municípios da região, fato que acelerou o crescimento da cidade, seu progresso e a sua modernidade.

Com o avanço, o município deu início a novas construções, tais como a implantação da Universidade Federal, uma instituição pública consolidada no interior de uma cidade que ainda estava em desenvolvimento.

Para que a implantação da universidade ocorresse na localidade foi necessária a existência de relações de poder que se firmaram em um complexo jogo de disputas sociais, de interação, de resistência ou mesmo colaboração. Nesse sentido, a universidade já se constituía de movimentos políticos onde já havia o debate entre universidade, prefeitura, vereadores, Ministério da Educação e alunos.

Assim, o Campus foi consolidado na cidade de Castanhal mediante esses movimentos em que os sujeitos se cruzaram, encontraram-se em reuniões e debates para decidirem sobre o futuro do Campus enquanto unidade acadêmica. Esse impulso tomado resultou no melhor desenvolvimento do município castanhalense.

A UFPA/Campus de Castanhal tem suas histórias, mas seu maior desafio foi, e ainda é, estabelecer um relacionamento dialógico e articulado com a sociedade. Um desses propósitos é entender o processo de interiorização da universidade. Por que se fazer uma interiorização? Interioriza-se para ampliar a qualidade de ensino e difundir a UFPA para outras regiões? Pensa-se mesmo em disseminar o conhecimento? Ou será isso uma mera estratégia política de dominação de ideologias?

A universidade se tornou *multicampi*, que é um conceito que as universidades adotam para disseminar outros *campi* em diferentes regiões. A universidade estabeleceu uma espécie de rede, que distribuiu outros serviços para os interiores do Estado. Sendo assim, precisou

---

<sup>19</sup> Diretor da Repartição de Obras Públicas no Pará.



fazer a interiorização para outros municípios devido a algumas necessidades, tais como: a educação do ensino básico era muito falha, carente e fragilizada; quase não se encontrava o ensino superior nessas regiões; nessas localidades existia muita riqueza em recursos naturais, que não eram valorizados e aproveitados para estudo e, por último; a necessidade de se implantar universidades nas regiões da Amazônia, a fim de que os discentes aplicassem conhecimentos na realização de pesquisas científicas e, dessa forma, dar resultados para a sociedade (MELLO, 2006).

A construção do Campus da UFPA na cidade de Castanhal enfrentou divergências políticas e organizacionais, primeiro porque essa construção estava localizada no interior do Estado do Pará, uma região muito próxima a Belém. Por conta dessa proximidade, houve pressões para que não fosse implantada. Por outro lado, a cidade de Castanhal foi estrategicamente criada para ligar a capital do Estado aos outros municípios e a criação da universidade favoreceria os outros municípios circunvizinhos. Os cidadãos que residiam nesses municípios, que estavam mais distantes da capital, teriam mais possibilidades de estudar em uma faculdade que estivesse fixada próxima de seu município.

Em relação ao Campus de Castanhal, na área de Extensão foram executados pequenos projetos que foram fundamentais para a sua implantação. Podemos citar como exemplo o Projeto de Serviço de Assistência Jurídica e Social da UFPA- SAJS, (Figura 1) que atuou por mais de 10 anos com a população carente de vários municípios, dando assistência em termos jurídicos.

**Figura 1-** Local onde funcionava o Serviço de Assistência Jurídica e Social da UFPA- Campus Castanhal.



**Fonte:** Arquivo da UFPA- Campus Castanhal.

O Projeto Gavião I e o Projeto Gavião II<sup>20</sup> tinham como objetivo, respectivamente, capacitação dos professores leigos<sup>21</sup>, em nível de 1º grau, e habilitação do curso de Magistério, em nível de 2º grau. De acordo com a proposta do projeto Gavião, a Universidade Federal do Pará viu a necessidade de oferecer uma educação de qualidade para os alunos da zona rural do Estado do Pará.

Os projetos atendiam a uma população de seis mil docentes leigos das regiões Bragantina, Guajarina e Salgado, num total de 32 municípios. Em 1991 foi assinado um convênio entre a Secretaria Estadual de Educação e a Universidade Federal do Pará, visando à implantação do Projeto Gavião em todos os municípios paraenses. Na cidade de Castanhal, com o projeto Gavião II, no ano de 1992, foi concluído o curso de Magistério, no total de 52 alunos (PROJETO GAVIÃO, 1994).

A UFPA iniciou seu trabalho em Castanhal no ano de 1965, realizando cursos de extensão, mas somente em 1973, começou a realizar Cursos Polivalentes na cidade e, com isso, o ensino de 1º grau foi implantado em todo município e na microrregião. A partir do dia 14 de abril de 1978, a Universidade Federal do Pará e a Prefeitura Municipal de Castanhal celebraram o convênio que garantia a implantação e o funcionamento do Campus Universitário na localidade. Somente em março de 1994 é que foi inaugurada sua base física própria.

De 1965 a meados de 1994 a Universidade esteve funcionando como uma instituição itinerante. Seus cursos eram oferecidos nas escolas ou em estabelecimentos alugados pela prefeitura de Castanhal. As figuras abaixo destacam a trajetória dos lugares em que a academia atuou.

A Figura 2 mostra a escola Estadual Cônego Leitão, situada no centro da cidade, na qual funcionaram diversos serviços da UFPA.

---

<sup>20</sup> Proposta pedagógica do projeto Gavião, março de 1994 – disponível na biblioteca central do Campus UFPA Castanhal

<sup>21</sup> O projeto Gavião definia como Professores Leigos aqueles que não possuíam capacitação e habilitação.

**Figura 2-** Escola Estadual Cônego Leitão. Local onde funcionava o serviço da UFPA.



**Fonte:** Arquivo da UFPA- Campus Castanhal

A Figura 3 mostra mais uma escola: Lameira Bittencourt, situada no bairro Estrela.

**Figura 3 -** Escola Estadual Lameira Bittencourt. Local onde funcionava o serviço da UFPA.



**Fonte:** Arquivo da UFPA- Campus Castanhal

A Figura 4 traz uma casa que foi alugada para uso dos serviços da Universidade.

**Figura 4** - Estabelecimento alugado para atender os serviços da UFPA.



**Fonte:** Arquivo da UFPA- Campus Castanhal

Na Figura 5 vemos a escola São João Bosco, situada no bairro do Cariri, utilizada pela Universidade;

**Figura 5** - Escola Estadual São João Bosco.



**Fonte:** Arquivo da UFPA- Campus Castanhal

Na Figura 6, a antiga fachada da escola José João, no bairro Saudade I, sede dos serviços do Campus.

**Figura 6** - Escola Municipal José João.



**Fonte:** Arquivo da UFPA- Campus Castanhal

Na Figura 7 temos uma casa de aluguel utilizada como a secretaria administrativa do Campus.

**Figura 7** - Casa alugada onde funcionava a secretaria administrativa da UFPA (CRUTAC).



**Fonte:** Arquivo da UFPA- Campus Castanhal

A Figura 8 mostra um prédio alugado para uso do Núcleo Universitário e da secretaria administrativa da UFPA.

**Figura 8** - Prédio alugado para atendimento da UFPA- Secretaria Administrativa e Núcleo universitário.



Fonte: Arquivo da UFPA- Campus Castanhal

Na Figura 9 observamos a escola 28 de Janeiro, localizada no bairro Pirapora, disponível pela Prefeitura de Castanhal para o desenvolvimento das atividades da UFPA.

**Figura 9** - Escola Estadual 28 de Janeiro.



Fonte: Arquivo da UFPA- Campus Castanhal

Na Figura 10 encontra-se a escola Estadual Professor Benício Lopes, situada no bairro do Milagre, próximo à BR 316, rodovia que liga a cidade à capital e aos diversos municípios:

**Figura 10** - Escola Estadual Professor Benício Lopes.



Fonte: Arquivo da UFPA- Campus Castanhal

A Figura 11 destaca o primeiro bloco do Campus Universitário, inaugurado em 29 de março de 1994<sup>22</sup>.

**Figura 11** - A base física própria da UFPA- Campus Castanhal.



Fonte: Arquivo da UFPA- Campus Castanhal.

<sup>22</sup> Arquivo geral da UFPA- Disponível na Biblioteca do Campus de Castanhal

Foram implantados oito *campi* da UFPA nas oito microrregiões do Estado. A construção do Campus de Castanhal foi o segundo monumento construído e, para elaborar o projeto, foi contratado o arquiteto João Castro Filho, que fez um desenho pensando na harmonização entre a arquitetura e o clima do ambiente amazônico. O arquiteto apostou na construção do monumento, planejando relacioná-lo aos saberes milenares da região amazônica, descrevendo a cidade de Castanhal como Amazônia firme, distante dos rios e próxima da estrada de ferro Belém-Bragança. Pensou a ferrovia como símbolo importante para o progresso da cidade e, assim, relacionou o pavilhão a um trem e as salas de aulas a um vagão.<sup>23</sup>

Pensando nos costumes culturais da região em pendurar roupas no varal, o arquiteto planejou um varal de concreto que sustenta as salas de aulas, simbolizando as salas como roupas penduradas no varal e, assim, todas recebem ventilação. O governo do Estado do Pará, em convênio com a UFPA, financiou a construção do prédio, que foi elaborado com dois pavimentos, 16 salas de aula e área de recreação<sup>24</sup>

O Campus de Castanhal cresceu em estrutura física e investiu em cursos variados, visando garantir uma educação de qualidade e, certamente, atender às necessidades, não somente da população local, mas também de outros municípios. Hoje, é referência em ensino, pesquisa e extensão e é uma instituição reconhecida e valorizada em todo o Estado paraense e no Brasil.

O Organograma 1 especifica a atual estrutura organizacional do reportado Campus, estabelecido a partir do seu Regimento Interno, aprovado pelo Conselho da Unidade, em dezembro de 2016. Com o objetivo de suprir a demanda da comunidade acadêmica, que cresceu consideravelmente nesses últimos 40 anos houve a necessidade de serem criados alguns setores. A seguir observamos a ilustração do Organograma 1:

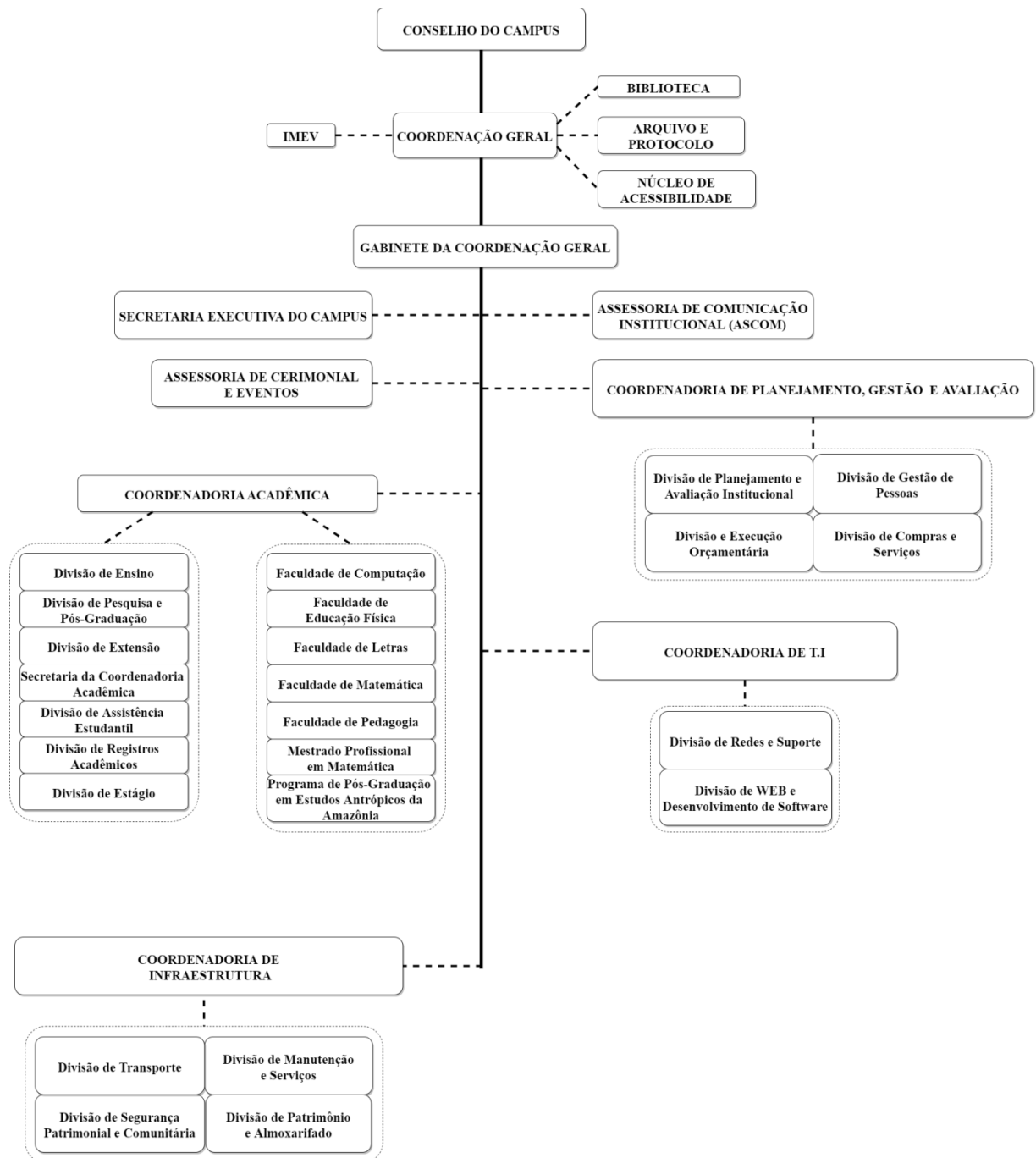
---

<sup>23</sup> Recorte de jornal encontrado na biblioteca do Campus de Castanhal- Jornal e ano não identificados- Título: “Construir amazônico”.

<sup>24</sup> “Construir amazônico”. Loc.cit.



**Organograma 2 - Universidade Federal do Pará/Campus Castanhal**



**Fonte:** Adaptado do Regimento Interno do Campus de Castanhal (2019).

O Plano de Desenvolvimento do Campus Universitário de Castanhal (PDU) foi idealizado para vigorar nos anos de 2017 a 2020<sup>25</sup> seguindo a mesma linha de concepção do

<sup>25</sup> Plano de Desenvolvimento do Campus Universitário de Castanhal-2017/2020.

Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Universidade Federal do Pará/UFPA, elaborado para os anos de 2016 a 2025.

De acordo com o histórico do Campus de Castanhal/ UFPA<sup>26</sup>, o referido Campus é um polo da Universidade Federal do Pará, que empenha-se na parceria com a instituição Superior da UFPA- Belém, assim busca seguir as normas do Estatuto e Regimento Geral da Universidade. O mesmo documento enfatiza que o objetivo da Universidade é o ensino, a pesquisa e a extensão por meios de cursos de formação, orientado pelo Regimento Geral da UFPA- Belém.

Ainda nesse documento destaca que o Campus Universitário de Castanhal, dos anos de 1970 a 2019 teve a frente de sua gestão os seguintes dirigentes: David Maria de Amorim e Sá, dos anos de 1978 a 1982; Maria de Nazaré Espinheiro do Nascimento Sá, de 1982 a 1997; João Batista Santiago Ramos, de março de 1997 a setembro de 1997; Neila Reis Correia dos Santos, de setembro de 1997 a março de 1998; João Batista Santiago Ramos, de 1997 a 2000; Adriano Sales dos Santos Silva, de 2000 a 2003; Dário Azevedo dos Santos, de 2003 a 2007; Adriano Sales dos Santos Silva, de 2007 a 2015 e João Batista Santiago Ramos de 2015 a 2019. Atualmente o Campus universitario encontra-se na gestao do professor Bruno Souza Lyra Castro, de 2019 a 2023.

---

<sup>26</sup> Material disponível na biblioteca Central do Campus de Castanhal.

## 5 A DESCRIÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

### 5.1 A história oficial registrada do Campus-UFPA de Castanhal

Nos documentos coletados sobre a história do Campus não existem registros da memória coletiva e prevalece uma história contada a partir da visão dos governantes locais. Para se ter o entendimento dos fatos, relacionamos aqui alguns documentos coletados que evidenciam uma história constituída em matérias de jornais, panfletos, livros atas e outros documentos escritos.

De acordo com o PDU<sup>27</sup> (2017), o Campus é uma “Unidade Regional da UFPA”, consolidada na sua autonomia acadêmica. Suas ações são atribuídas pelo Estatuto e Regimento Geral da UFPA e a sua criação se deu no dia 14 de abril de 1978. Houve um convênio firmado entre a prefeitura de Castanhal e a Universidade Federal do Pará para esse fim. A parceria resultou em um Núcleo de Educação e em projetos de extensão para o ensino superior.

A Figura 12 mostra, no dia 14 de abril de 1978, a assinatura do convênio entre a prefeitura de Castanhal, na pessoa do então prefeito Almir Lima e a Universidade Federal do Pará, representada pelo reitor Aracy Amazonas Barreto.

**Figura 12** - Foto da assinatura do convênio entre a Universidade Federal do Pará e Prefeitura de Castanhal.



**Fonte:** Arquivo da UFPA- Campus Castanhal.

---

<sup>27</sup>Plano de Desenvolvimento do Campus Universitário de Castanhal.

Na Figura 13 destaca-se o Núcleo de Educação e Execução de Programas de Extensão, local onde funcionaram as atividades da UFPA na cidade de Castanhal.

**Figura 13** - Núcleo da Universidade Federal do Pará na cidade de Castanhal.



**Fonte:** Arquivo da UFPA- Campus Castanhal

Costa (2014) esclarece com firmeza o funcionamento dos Núcleos que asseguravam os cursos para a formação:

Núcleos destinados à preparação de docentes do de 1º e 2º graus de ensino. Os Núcleos de Educação estavam sediados em municípios do Estado do Pará e dos então Territórios do Amapá, Rondônia e Roraima, sob a responsabilidade conjunta da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG) e do Centro de Educação (CE), projetados para subsidiar o III Plano Setorial de Educação e Cultura (COSTA, 2014, p. 160)

Tanto no PDU quanto nas matérias encontradas em jornais e, ainda, nos registros em livros atas, não é evidenciada a figura do professor David Sá, como citada nas memórias dos sujeitos entrevistados. Quando aparece, é citado apenas como alguém que estava nos bastidores, como se verifica nesta reportagem, de 1978:

Por ocasião da realização do 1º Encontro de Educadores das Zonas Guajarina e Salgado, em Castanhal, em outubro passado, o magnífico reitor Dr. Aracy Barreto sensibilizou-se de tal maneira, vendo as carências e ao mesmo tempo o desejo do aprimoramento do Magistério dos 32 municípios presentes aquele encontro, que decidiu dar continuidade a uma das metas de sua gestão, que é, não só a Universidade presente em função de extensão, mas também de Centros de Educação em Santarém e Castanhal conforme noticiário da imprensa local amplamente divulgado. Assim sendo, em outubro, a Prefeitura Municipal através do seu gestor, Almir Tavares Lima, solicitou em ofício ao Dr. Aracy Barreto que implantasse em Castanhal os serviços de Extensão e de Núcleo de Educação. No início deste mês, o Dr. Aracy Barreto recebeu em audiência o prefeito Municipal de Castanhal que se fazia acompanhar do seu assessor de Educação, Prof. David Maria de Amorim Sá e da Profª. Maria de Nazaré Espinheiro do Nascimento Sá, ambos auxiliares de ensino da UFPA. E residente em Castanhal. Nesta ocasião o Dr. Aracy Barreto juntamente com

os três sub-reitores, professores Cónego Ápio Campos, Jussê Goncalves e Diniz Ferreira, decidiu que no próximo dia 14 fosse assinado o Convênio entre a UFPA e a Prefeitura de Castanhal e que posteriormente fosse elaborado pela sub-Reitorias Projeto Castanhal (BASTOS, [n.p], 11 mar 1978).

Ainda a referida matéria descreve que a implantação do Campus Universitário seria o resultado da atitude tomada do então reitor Dr. Aracy Barreto e do prefeito Almir Tavares Lima, os quais demonstravam interesse em qualificar professores para atuar no ensino superior.

Outra reportagem do mesmo jornal, também registrada no ano de 1978, sequer cita a pessoa do professor David Sá, observado no texto abaixo:

Dentro da política de Interiorização para qual está voltada a Universidade Federal do Pará, visando à expansão do ensino em toda a região amazônica, será instalado no município de Castanhal, em cerimonia a ocorrer no próximo dia 14, às 09 horas, na sede do Ginásio Loyola Passarinho, um Núcleo de Educação da própria UFPA, a exemplo do que já existe em Santarém. A implantação da referida unidade de ensino mantida por nossa Universidade naquele município decorre de convênio celebrado com a Prefeitura local, cujos estudos iniciais datam de outubro do ano passado, quando ali esteve o reitor Aracy Barreto, acompanhado de seu assessor especial, Profº Meirevaldo Paiva, em demorado contato com o prefeito Almir Tavares Lima. Naquela oportunidade, os estudos básicos para a instalação do Núcleo de Educação foram realizados, o que culminará com a solenidade do próximo dia 14, quando a UFPA. será definitivamente instalada naquele progressista município paraense. O ato será presidido pelo reitor Aracy Barreto, devendo ainda contar com a presença dos sub-reitores de Ensino, Extensão e de Planejamento, além de cerca de 32 prefeitos das zonas Bragantina e Guajarina, área de influência da Universidade (UFPA chega a Castanhal. Belém, [n.p], 1978).

A preocupação do jornal é evidenciar que os políticos locais, e aqui é excluído o senhor David Sá, tinham interesse em trazer a UFPA para Castanhal, com intuito de expandir o ensino superior para toda a região amazônica. O jornal mostra a presença constante do senhor reitor e do prefeito, como sendo os principais responsáveis pela cimentação do Campus.

Nas memórias dos entrevistados, existiram outras cidades que reivindicavam seus direitos para garantir a construção de um polo da UFPA em sua região. Contudo, a publicação do jornal “O Estado do Pará”, em alguns momentos, deixa transparecer que a construção da Universidade Federal, como polo na cidade de Castanhal, aconteceu pacificamente e que o município foi beneficiado por estar localizado em um território que interligava as outras regiões, assim explica a matéria:

A Universidade Federal do Pará cumpriu na manhã de ontem, em Castanhal, mais uma etapa, e talvez a mais importante, do processo de interiorização do ensino superior ao celebrar com a Prefeitura Municipal de Castanhal convênio que possibilitará a implantação do Núcleo de Educação superior naquele município, objetivando qualificar recursos humanos para atuar no ensino de 1º e 2º graus. (...) A escolha do município de Castanhal para servir de Polo de Desenvolvimento capaz de atingir as zonas Bragantina, Guajarina e do Salgado, deveu-se sua localização estratégica, necessitando ainda de cooperação técnica, científica e prática, por tratar-se de regiões que carecem de recursos humanos qualificados capazes de promover o

alcance dos objetivos. (UFPA assinou convênio para implantar núcleo: Castanhal. Belém, [n.p], 1978).

Os registros escritos contrastam com as diversas memórias dos sujeitos da pesquisa. Em alguns momentos, a história oficial do Campus de Castanhal entra em divergência com as memórias dos entrevistados, os quais relataram que a localização geográfica da cidade era um dos maiores empecilhos para implantação, uma vez que a cidade de Castanhal fica próxima da cidade de Belém, portanto, da sede da Universidade Federal. Isso contradiz a matéria do jornal, no qual consta que a escolha da cidade de Castanhal, como sede para a implantação de um Campus da UFPA, deveu-se por sua privilegiada localização territorial.

Em um recorte de jornal, encontrado nos arquivos do Campus de Castanhal, cujo título era “Convênio marca a interiorização da UFPA em Castanhal”, é possível observar que o texto foi redigido um dia após a assinatura do convênio:

Foi assinado ontem em Castanhal o convênio entre a Universidade Federal do Pará e a Prefeitura Municipal de Castanhal, pelo qual aquela entidade se compromete a instalar nesse município um Núcleo de Educação e de Atividades Extensionistas, para a formação de recursos humanos que deverão ser um fator de desenvolvimento econômico para toda a zona bragantina, guajarina e do Salgado. O convênio firmado em sessão a que compareceu o reitor Aracy Barreto, outras autoridades universitárias, e representantes do Executivo e Legislativo estadual, evidencia a posição de Castanhal como polo de desenvolvimento de uma região carente de recursos humanos qualificados para promover seu desenvolvimento (Convênio marca a interiorização da UFPA em Castanhal, [S.I.:s.n. ], 1978).

Nota-se que existe uma preocupação em demonstrar que a iniciativa adotada pelos governantes locais para implantar a Universidade na cidade foi uma excelente estratégia, por entenderem que a cidade não possuía outras condições de avançar em seu desenvolvimento, senão através da UFPA.

Outro jornal que embasou esta pesquisa foi “A Província do Pará”, no qual foi encontrada uma matéria sobre o Núcleo Educacional da UFPA e as suas atividades que estavam sendo desenvolvidas na cidade. Assim segue a matéria:

A pró-reitoria de extensão da UFPA. distribuiu para a imprensa e para a comunidade o cartel de atividade que o Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão sediado em Castanhal está desenvolvendo na comunidade. As atividades de extensão estão com os seguintes cursos: Análises Clínicas; Eletrônica; Instalações elétricas; sabão caseiro e conservação de alimentos (...) SAJS que vem funcionando há algum tempo em nossa comunidade com um excelente serviço conta atualmente com sete alunos de direito, um professor e nove funcionários que prestam serviço à comunidade e a pessoas carentes que necessitam de amparo jurídico (...) Na realidade o núcleo da UFPA que tem como a coordenadora a professora Nazaré Espinheiro Sá, vem desenvolvendo um grande trabalho e só vem merecendo o elogio da comunidade. (NÚCLEO Educacional da UFPA com várias atividades. A Província do Pará, [n.p], 1986).

Percebe-se a preocupação da pró-reitoria em sugerir que o jornal divulgue o funcionamento do Núcleo da UFPA, revelando o interesse em demonstrar que a implantação da academia foi um projeto das autoridades locais.

Nas análises dos Livros Atas encontrados na Câmara dos Vereadores correspondentes aos anos de 1970 a 1980, nota-se a construção de outros discursos, em se tratando da importância de se implantar a UFPA na Cidade, o que pode ser observado no livro ata nº 15, da Sessão realizada na Câmara Municipal de Castanhal no dia 20 de junho de 1977. Observamos o trecho da Ata:

(...) se encontravam presente o senhor Secretário de Educação, Prof. David Amorim Sá, juntamente com seus auxiliares, Prof. Francisco Lacerda e Profª Georgina Rocha Nascimento(...)” Em seguida o presidente passou a palavra ao Secretário de Educação Prof. David Amorim Sá, que iniciando suas palavras disse que teve o imenso prazer em receber o convite do Vereador Valdir, por que sentiu que a Câmara quer conhecer de perto o problema educação e por isso agradecia ao vereador Pismel pelo convite. Mesmo a respeito da pessoa que lhe antecederia, mas com a vivência de vice-secretário de Educação de Estado e 20 anos de Magistério, estava hoje a frente da secretaria de Educação de Castanhal. (...) disse também que já é projeto, trazer todo professor leigo a fim de fazer um curso de atualização (...) dizendo também que uma das preocupações mas talvez a longo tempo, da Universidade Federal do Pará poderá vir à Castanhal como em Rondônia e Macapá. Nesse momento usou a palavra o senhor presidente perguntando ao professor David, qual seria a área que se trazia com mais facilidade. Respondeu o Prof David em termos gerais a área de Educação. Dizendo o senhor presidente que preferia Enfermagem, pois na área de Educação, Castanhal já está muito bem servida (LIVRO ATA, 1977, p. 54,55,56, 57).

No discurso do senhor David Sá percebe-se o seu interesse na melhoria e no progresso da educação castanhalense e que, mesmo sendo confrontado, alegou a sua prioridade à educação. Existia uma pressão em torno da Secretaria de Educação para que esta visasse algumas áreas em detrimento de outras. É importante também destacar que, nesse período, o Campus ainda não estava consolidado. Some-se a isso o fato de não haver nenhuma outra universidade que atendesse à cidade de Castanhal. Na perspectiva do senhor David Sá, município seria a iniciativa que ajudaria a promover a educação superior continuada. É o que observamos nessa escrita:

(...) O Sr. Presidente convidou o Professor David Sá, Secretário Municipal de Educação, juntamente com seus auxiliares, para comporem a mesa. (...) Neste momento o Sr Presidente colocou a palavra à disposição do Professor David Amorim Sá, que primeiramente dirigiu-se aos presidente, vereadores, Diretores, secretários, professores e pais de alunos que se encontravam presentes. Continuando o Sr. Secretário (...) falando que a Educação se faz com carinho e inteligência (...) Preocupação com o magistério- para que dentro de pouco tempo, não termos mais na rede de Educação o Prof Leigo, afirmando que no próximo ano, Castanhal não terá mais prof. Leigo, não só Castanhal, como toda a região Bragantina. A seguir, falou sobre a implantação da Universidade Federal do Pará em Castanhal adquirida através do grande esforço do Sr. Prefeito (LIVRO ATA, 1978, p. 99,100 101).

O trecho acima mostra que, um ano após a visita do Secretário de Educação à Sessão da Câmara dos Vereadores, o discurso permanece em prol da melhoria da educação, principalmente do ensino superior. O professor David Sá continua defendendo a importância da Universidade Federal do Pará na cidade de Castanhal e em toda a região Bragantina. O objetivo do gestor de educação era diminuir o número de professores leigos que existiam no município e em toda essa região.

Nos livros atas existe uma relação de poder que se consolida nas diferentes sessões. Além disso, existem divergências nas informações. O senhor David Sá, como Secretário de Educação, sabia da necessidade de se formar professores capacitados para atuar na educação do município. No entanto, existia um jogo político de poder que elevava outros sujeitos que, até esse momento, não apareceram nas memórias dos entrevistados, tão pouco nos jornais, como, por exemplo, a figura do deputado Jorge Arbage, que é citado no trecho abaixo:

(...) A seguir a presidência usou a palavra anunciando que estava de posse de um projeto de Lei nº 12 de 1979 de autoria do senhor Deputado Jorge Arbage, autorizando o poder Executivo a instituir a Fundação Universidade Federal do Pará, no Estado do Pará, esclarecendo que o citado Deputado está demonstrando que realmente quer trabalhar prol de nosso município e por esse motivo solicito votos de congratulações ao ilustre Deputado ( LIVRO ATA, 1979, p. 60).

No documento citado, a presença do Deputado na implantação da UFPA no município se configura a uma outra interpretação para a história: de que existiram relações políticas que se estabeleceram fortemente, vinculando a figura do deputado ao processo de interiorização da Universidade. Cabe ressaltar que não encontramos quaisquer referências a Jorge Arbage nas narrativas dos sujeitos entrevistados.

## **5.2 A história da UFPA/Campus Castanhal narrada nas vozes dos sujeitos**

A voz consegue, como nenhum outro meio, trazer o passado até o presente. E sua utilização altera não só a textura da história, mas seu conteúdo. Desloca o centro de atenção, das leis, estatísticas, administradores e governos, para as pessoas (THOMPSON, 1992 p. 334).

A exposição das histórias orais relatadas pelos sujeitos entrevistados revela um cenário acobertado, marcado por momentos importantes sobre a história da implantação da UFPA no município de Castanhal, abrindo outras possibilidades de interpretar a história oficial registrada, até o momento, sobre a instituição.

Na história oral evocam-se as narrativas dos sujeitos, suas experiências individuais e coletivas. Na história oral, são apresentados casos diferentes sobre um determinado tema que



se busca abordar, por isso, a necessidade de utilizar as entrevistas com os informantes que vivenciaram a história em períodos específicos de sua vida, levando-se em consideração a interpretação histórica de seu passado. Tal interpretação, perpassa por todo um processo de coletar documentos, gravar entrevistas, transcrever, editar e publicar (ALBERTI, 2004).

No processo das narrativas ouvidas e transcritas sobre essa história, a do Campus, cada sujeito apresentou seu conceito sobre o tema explorado. Importa dizer que a experiência de cada um, desenrolou-se em momentos e condições diferentes. Contudo, esses sujeitos participaram desse período e intermediaram a implantação do Campus no município, inclusive com os órgãos superiores, participando, direta ou indiretamente, das negociações para a sua construção física, as quais foram efetivadas com o governo do Estado.

Mesmo que esses sujeitos tenham apresentado um interesse, seja ele político, social, econômico ou mesmo educacional, estiveram à frente de um momento histórico, atuando, de algum modo, para a concretização de um polo universitário.

Os primeiros questionamentos dirigidos a todos os entrevistados foram: **Como se deu o início da história da implantação da UFPA na cidade de Castanhal?** O objetivo era identificar se houve algum projeto institucional que impulsionou o Campus para a cidade.

Considerando as respostas referentes a essa pergunta, percebeu-se que a maioria dos sujeitos entrevistados atribuíram a implantação do Campus apenas a um sujeito. Assim, seus relatos apontaram para a figura do professor David Maria de Amorim e Sá como o principal articulador do processo de interiorização do Polo na cidade. A Figura 14 mostra a imagem do professor David Sá:

**Figura 14** - Professor David Sá.



Fonte: Arquivo da UFPA- Campus Castanhal

Iniciamos o debate sobre a implantação do Campus com a senhora Antônia, que, por um longo período, chegou a ocupar cargo administrativo dentro da UFPA em Castanhal. Além de sua atuação como gestora, participou dos processos de luta que marcaram essa história. Observou-se, em sua resposta, o interesse em apontar o professor David Sá como um personagem relevante em todo esse processo. Assim é observado a fala de Antônia:

O professor David Maria de Amorim Sá tinha desenvolvido um trabalho de articulação com a UFPA na pessoa do magnífico Reitor Dr. Aracy Amazonas Barreto, em virtude de ter, primeiramente, a vontade política e o que foi de fundamental importância a experiência no campo educacional. Através de encontros de educadores, movimentos que possibilitou realizar um diagnóstico preliminar terrível: a precariedade nas zonas bragantina e salgado, em que a figura do professor leigo era em quadro desolador.

O professor David Sá foi Secretário Municipal de Educação de Castanhal. Coordenador dos Encontros de Educadores das zonas Bragantina, Guajarina e Salgado; Foi presidente da UNDIME-PÁ; Mentor do projeto Gavião que atingiu o universo paraense, possibilitando a extinção da figura (realidade: professores Leigos). Dessa forma, possibilitando condições de ingresso para os níveis de ensino: 1º e 2º graus e ensino superior. Coordenador das atividades extensionistas e de pesquisa do Campus de Castanhal (2019).

As lembranças que evocamos são aquelas que temos mais facilidade de aprofundar, porque estão ao nosso alcance, são as mais íntimas e lembrá-las é uma maneira de deixá-las vivas na memória (HALBWACHS, 1990). Talvez isso explique a fala de Antônia, que conviveu com o senhor David no mesmo período da implantação do Campus. Na sua

explanação, defende-o intensamente como o sujeito que proporcionou a mudança da educação nos municípios circunvizinhos, principalmente por ter elaborado o projeto Gavião.

Outra entrevistada que deu destaque à figura do professor David Sá como protagonista na implantação do Campus foi a senhora Joana, que também ocupou cargo de gestão nos primeiros anos da UFPA no município. A sua resposta à primeira pergunta revela esse aspecto:

A visão do professor David de ter feito o projeto Gavião, preparado a clientela, porque não poderia ser fundada uma universidade sem clientela, fazer cursos, por exemplo, ou fazer um vestibular pra um curso se não tem, se não tem, assim candidato suficiente para montar uma sala de aula. [...] Ele que programou e fundou o Projeto Gavião da necessidade que tinha, como uma universidade progredir né? Se nessa época já eram 40.000 professores leigos. E se o Campus aqui dividido, porque o projeto de interiorização era dividido em oito campi. Então aqui, a abrangência aqui era a zona salgado... bragantina, guajarina e salgado. Então, o pessoal do interior, principalmente, não tinha uma formação, então todos precisavam ainda ser habilitados (...). E foi assim que iniciou (2019)

Nas memórias de Joana, o motivo que levou a Universidade a avançar no processo de interiorização foi a “sacada” do professor David Sá, quando elaborou o projeto Gavião. O objetivo do gestor, com o projeto, era qualificar mais de quarenta mil professores que não dispunham do nível médio na área do magistério. Isso abrangeria as áreas Bragantina, Guajarina e Salgado.

As memórias individuais e coletivas se cruzam frequentemente. Assim, o indivíduo participa de duas espécies de memórias e pode escolher aquela que quer lembrar. A memória individual refere-se às lembranças próprias e particulares e ela se apoia e se fundamenta na memória coletiva, porque retira dela alguns elementos que serão necessários para compor a história. Em contrapartida, a memória coletiva não se confunde com as individuais, porque a memória coletiva faz parte de um grupo social (HALBWACHS, 1990). A lembrança e a memória individual de Joana decorrem de sua vida pessoal. Assim, ela se lembrará de momentos únicos, que somente a ela interessaram, e que experimentou.

A senhora Francisca, presenciou o início da história da UFPA no município quando ainda criança, acompanhando sua mãe, que trabalhou nos serviços gerais da Instituição. Após o falecimento de sua genitora, Francisca, por vinte anos, atuou em seu lugar, cumprindo exatamente as mesmas atribuições. Ao perguntarmos como se deu o início do processo de interiorização, obtivemos a seguinte resposta:

Eu me lembro do início que minha mãe começou a trabalhar ne? Ela..dona Nazaré botou ela pra trabalhar como servente aqui e na época a prefeitura ela começou, ela ficou certo de que ela dava os funcionários para a universidade para universidade poder trabalhar aqui, em Castanhal, inclusive a minha mãe era uma dessas funcionárias aqui.

Eu comecei a trabalhar na verdade quando a minha mãe começou a trabalhar aqui né? que já tem quarenta anos ne, porque a mamãe vinha trabalhar e eu vinha porque só era duas funcionárias lá na casa perto da Visão. Que eram a dona Lúcia e a mamãe. Então eu estudava no Cônego quando eu saía do Cônego eu corria para lá ai eu ajudava. Eu ia no supermercado, ajudava no açougue, eu fazia mandato, eu ajudava em alguma coisa (...) faz quarenta anos né que eu participo da vida da universidade, ai que eu entrei pro meu trabalho mesmo foi depois que minha mãe morreu (FRANCISCA,2019).

As lembranças transmitidas pela sua genitora evidenciam o que Halbwachs (1990, p. 71) chama de lembranças reconstruídas: “A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”. É a isso que Pollak (1992, p. 02) chama de “memórias vividas por tabelas”, que são os acontecimentos vividos por um grupo social. É possível que essas lembranças não sejam as lembranças individuais da entrevistada e, sim, lembranças coletivas do círculo de sujeitos ao qual estava inserida.

Embora Francisca não tenha deixado claro na fala anterior sobre os entraves do processo para a implantação da Universidade, compreendeu que houve lutas e dificuldades. Segundo a entrevistada:

Não sei isso aí, não posso te falar...[pausa] pode ser pelo empenho de seu David com dona Nazaré que eles eram muito guerreiros. Pode ser isso. Porque eles lutaram muito para chegar o Campus aqui pra Castanhal, tanto ele como o Almir Lima que na época era o prefeito, ele também foi muito também dedicado ao Campus em Castanhal, eu acredito que foi isso né? (FRANCISCA, 2019).

Nesse sentido, compreende-se que a figura do Professor David aparece de forma intensa na resposta da entrevistada. Mesmo que não tenha acompanhado o processo, ainda assim, em suas lembranças, o nome do professor é destacado.

No decorrer das discussões, a senhora Maria, ex-aluna da primeira turma de graduação em Pedagogia, explicou o porquê da UFPA em Castanhal, assim como os momentos de lutas e resistência que ocorreram para a efetivação da implantação. Segue seu depoimento:

(...) Por quê? Por causa de muita briga viu? [risos] Por causa de muita confusão! Porque Capanema também queria, Bragança também queria né? Que é devido aqui ficar bem próximo de Belém, mas aí nessa época aqui é... era cidade tida como uma cidade modelo, uma das cidades mais desenvolvidas do Pará e que ela centralizava todas as outras: Marapanim, Curuçá, quem vem aqui pra Bragança todo esses municípios... e aí foi que foi a luta do David com a Nazaré pra conseguir pra cá né, porque os outros queriam né? Parece que ainda teve uma indicação política né? Porque tinha muita política no meio dessa época, a política era mais brava do que é agora né? Mas eles conseguiram né trazer pra cá porque muita gente dizia: ‘Por que aqui em Castanhal se Belém é um passo?’”(2019)

A fala da Maria reforça que um dos empecilhos para a implantação da Universidade No município era a sua situação geográfica, uma vez que Castanhal está localizada a 68km da

cidade de Belém, próxima o suficiente da capital do Estado. Em algumas discussões, seria mais favorável implantar um Campus da UFPA em uma cidade que estivesse mais distante da sede. Por essa razão, Castanhal não se enquadrava nas exigências solicitadas. Ainda na análise do comentário, notamos o nome do senhor David, como um personagem ativo em busca da implantação do polo.

Para que uma memória tenha uma sustentação é fundamental que ela tenha proximidade com outras memórias, quer dizer, que tenha pontos em comum com outras memórias. Essa comunhão são as lembranças que nos recordam. Com essa dinâmica, as lembranças poderão ser afirmadas e reconstruídas a partir dos dados em comum (HALBWACHS, 1990).

O mesmo questionamento foi dirigido à Socorro, professora da Faculdade da UFPA-Belém. Na época da implantação do Campus em Castanhal, esteve coordenando o Programa de Interiorização dos polos universitários. Sua fala pontua outros aspectos:

Bem, precisa dizer que é interiorização da Universidade ela começa paulatinamente, inicialmente o Professor Camilo Viana ele ia pelos municípios do Pará ele fazia palestras dava cursos entendeu? Criou o CRUTAC entendeu? Então isso tudo é o início da interiorização da universidade. Posteriormente na década de 70, na época já da ditadura militar, o Ministério da Educação, por meio do DEF, Departamento de Ensino Fundamental do MEC, fez um convênio com a Universidade Federal do Pará por meio do Centro de Educação, pra que ele levasse, para que ele pudesse fazer os cursos de... especialmente de Licenciatura Curta nos diferentes pólos que foram escolhidos na época. Entre esses polos está Castanhal. (...) Então, aí quando foi na década de 80/85 mais precisamente quando o professor José Seixas Lourenço assume a Reitoria da UFPA, tá certo? Me convida para a Pró-Reitoria de Ensino, e eu lembro muito bem que na primeira reunião, logo no dia da nossa posse ele falou sobre o Projeto da Interiorização. Aí eu falei para ele: não vamos cometer os mesmos erros que já fizemos de levar as Licenciaturas Curtas. Vamos levar a Licenciatura Plena e ele concordou plenamente (SOCORRO, 2019).

No relato são ressaltados outros acontecimentos para o período da interiorização, dando outras significações e revelando que o início do processo da interiorização para o município foi realizado por meio da parceria entre o Ministério da Educação e a UFPA, com o objetivo de levar os cursos superiores para outras cidades. A ideia era avançar para as Licenciaturas Plenas, não mais prendendo-se às Licenciaturas Curtas. Em relação à escolha da cidade de Castanhal para compor o cenário universitário, a informante é enfática nos seus pronunciamentos:

Agora eu sei te dizer os polos que a pró-reitoria escolheu, quando ele disse que era pra fazer o projeto nós fizemos. Eu pedi à Nazilda, que hoje ela ainda está viva aí, mas ela está com problema de saúde. Eu disse: faça uma pesquisa, vá lá no IDESP e me diga quais são os municípios que têm mais condição de receber esse projeto, e aí ela trouxe os polos: Castanhal, trouxe Santarém. Trouxe esses polos e nós colocamos. Agora se teve bastidores eu não sei te dizer, aí eu não sei te dizer. Comigo não teve! Os outros eu não sei te dizer. (...) Castanhal é o segundo ou terceiro município mais desenvolvido. Primeiro Belém, Santarém e Castanhal. É um polo de desenvolvimento.

E na época foi por isso, era um polo de desenvolvimento dessa área (SOCORRO, 2019).

Segundo a entrevistada, o município foi escolhido por ser a terceira cidade mais desenvolvida e, naquele contexto, apresentava condições econômicas e sociais que sustentaram a sua implantação. “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51). Vale ressaltar que a informante, embora tenha coordenado o Programa de Interiorização da UFPA para as outras cidades, não viveu diretamente a interiorização da Universidade no município.

Em relação aos seus conhecimentos sobre o Projeto Gavião e sobre o professor David, Socorro explicou que:

O professor David era responsável por um projeto chamado Gavião. Esse projeto Gavião ele dizia que era Gavião, porque Gavião voa e pega o pinto onde ele estiver. Ele ia buscar os professores leigos onde estivessem para dar formação. Ele foi por muito tempo Coordenador desse projeto aí nessa área todinha, não só do Nordeste paraense, mas também em outras partes do Estado do Pará (2019).

Embora os outros diálogos tenham lembrado do senhor David Sá, Socorro não atribui a implantação do polo à imagem do professor David, alegando que não o conheceu pessoalmente. No entanto, tinha conhecimento do Projeto Gavião e da contribuição que esse projeto proporcionou à sociedade.

Nesse sentido, entendemos que as lembranças são exclusivas e são explicadas de acordo com o meio social no qual o indivíduo está inserido. Cada pessoa lembra e relata o seu ponto de vista e o que presenciou (HALBWACHS, 1990).

Para melhor esclarecimento, o projeto Gavião tinha por intuito oferecer aos professores das zonas rurais do Estado do Pará cursos de magistério ofertados pela UFPA por meio do Campus de Castanhal. Assim buscava capacitar e habilitar mais de seis mil docentes leigos<sup>28</sup>.

O segundo questionamento vai tentar compreender: **Quais os prováveis sujeitos que intermediaram a implantação do Campus UFPA na cidade de Castanhal ?** Entender que uma Universidade não se constrói sozinha, tão pouco por uma história individual, é o que nos possibilita aclarar, que por traz de todo um cenário, existiram pessoas que estavam diretamente ligadas a essa ação, como pode ser constatado no relato de Maria:

Olha, alguns prefeitos do interior esse interior assim mais... como é que se diz.. assim mais simples né, eles também fizeram um pouco de luta porque sabiam que ia beneficiar os municípios deles né? O único que a gente sabe que puxava era Bragança

<sup>28</sup> Informação obtida do Projeto Gavião. Disponível na Biblioteca David Sá - Campus Castanhal.

e Capanema por que já eram cidades grandes, antigas como Bragança já tinha tido polivalente lá. Eles queriam que fosse implantado lá. Mas esses municípiolos menores: Marapanin, Curuçá, São Caetano, ao redor, Inhangapi, todos eles sabiam que Castanhal era um centro que pertencia a essa região e dava mais apoio para eles, tanto que eles ajudavam muito, sabe muito mesmo. As diretoras de lá vinham, eles davam bolsa de estudos, eles ajudaram bastante para se alojarem aqui.(...) Muitos professores do Lameira Bittencourt todos porque nessa época o David tinha sido de lá o Diretor, Nazaré também, muitos professores faziam questão que viesse para cá (...) Tinha um movimentozinho que tinha aqui que eles também ajudavam bastante tanto é que a Nazaré conta que da vez que elas foram para a UFPA atrás [...] eles locaram mais de 20 ônibus e a maioria estudantes, professores tudo, que iam pedir, exigia essa vinda [...] Foram muitos anos de luta mesmo né? Até que nós conseguimos, graças a Deus! (MARIA, 2019).

A implantação não se resumiu somente à figura do professor David Sá, apontada por alguns informantes nas primeiras arguições. Existiram outros personagens que fizeram parte da essa história e que apareceram nos relatos, mesmo que discretamente. No relato acima, percebe-se a presença dos prefeitos dos municípios circunvizinhos, das Diretoras das escolas, dos professores e dos estudantes. Isso nos leva ao entendimento de que uma história tem outras interpretações a partir do momento que evidencia outros elementos, que não apareceram na história oficial. Assim, a história vista de baixo “proporciona também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história” (BURKE, 1992, p. 59). Na história do Campus, os sujeitos estavam ocultos pelo simples fato de não serem lembrados.

Em relação à entrevistada Socorro, quando perguntamos sobre a presença de outros sujeitos na luta para a implantação da academia, ela é objetiva nesse tópico: “O Professor José Seixas Lourenço<sup>29</sup>, quando assumiu a Reitoria da UFPA (...) e Nilson Pinto de Oliveira<sup>30</sup>, que é vivo, é Deputado Federal” (SOCORRO). De acordo com a informante, esses nomes merecem ser evidenciados por seus desempenhos. E, pontualmente, vai relatando outros sujeitos, chegando a informar que a sociedade civil apresentou um papel fundamental para a implantação. Observado no seu esclarecimento:

A primeira reunião ele disse: vamos interiorizar a universidade. Então foi um projeto que ele trouxe para a reitoria, o Seixas Lourenço, entendeu? E como eu era Pró-Reitoria de Ensino eu que tinha que coordenar essa área da graduação entendeu? A Pró-Coordenadoria de Ensino na época, a Coordenação Acadêmica e o Ensino de Graduação. Então, eu particularmente recebi junto com a reitoria inúmeras caravanas de tudo que era município, querendo a interiorização da universidade, está certo? Então é preciso dizer que foi a sociedade civil que arrancou essa interiorização. Claro que houve uma ressonância na reitoria, mas que era muita luta: era vereador, era

<sup>29</sup> 1982-1985 – Reitor da Universidade Federal do Pará. <http://amabrazil.org.br/equipe/jose-seixas-lourenco/> < 22/01. Às 17:21>

<sup>30</sup> Licenciou-se do mandato de Deputado Federal na Legislatura 1999-2003, para exercer o cargo de Secretário Especial de Promoção Social do Estado do Pará, de 5 de março de 2001 a 8 de abril de 2002. <https://www.camara.leg.br/deputados/74352/biografia> <22/01. Às 17:21>

prefeito, eram as entidades, as forças vivas da comunidade que vinham aqui em caravanas. Cansei de receber, eu mesma fui a Santarém, fui a Abaetetuba, fui a Altamira, tudo para dizer que nós íamos implantar a universidade porque a sociedade estava requerendo, está entendendo? Então houve isso em massa está certo? Eu me lembro até de alguns atores da época, pressionando a gente pela universidade (SOCORRO, 2019).

Seus relatos afirmam que existiram pressões de outros sujeitos para efetivar a interiorização da UFPA em outros municípios, contudo, Socorro ressalta que o critério que favoreceu a escolha para a implantação do Polo foi a cidade que, naquela época, estava mais desenvolvida. Para a professora, a sociedade apresentou um papel fundamental para essa tomada de decisão, porque se reuniu em massa para pedir a implantação da Universidade.

Para Burke (1992), é relevante apontar a história registrada em documentos, vista e escrita por aqueles que estavam no poder. Contudo, evidenciar a história oral – contada por sujeitos ocultos – e as experiências pessoais dentro dessa realidade, uma realidade bem diferente daquela contada pelo jornais, propicia, com integridade, outras interpretações históricas.

A senhora Joana, indagada sobre outros sujeitos e seus envolvimento na participação da interiorização do Campus, aos poucos vai relatando os diferentes personagens que atuaram na história. Destacou as dificuldades para se conseguir o terreno para a construção da Universidade, o que, segundo ela, só foi possível graças a uma atitude notável do empresário Carlos Gripp. Segue sua explicação:

Muitas dificuldades, muitos entraves, muitas pedras fundamentais que não... Ah! vamos fazer a pedra fundamental ali. Eu fui não sei em quantas pedras fundamentais. A última é que foi aqui, através do grande empreendedor Carlinhos Gripp que cedeu toda a posse que tinha da fazenda para fazer o Campus, que eram 20 blocos, como está hoje. Outros gestores deram o apoio que eles poderiam dar no momento. Por exemplo: o governo do Hélio Leite, o governo mesmo do Titan... eles davam altura o atendimento, não que a gente necessitava totalmente, mas o que podia ser articulado, por exemplo: para cursos, para encontros, liberavam espaços, dispensa de professores para poder... A questão da diretora da URE, Estado... Porque assim, os projetos Integrados e Integralizadores, precisavam ser Estados e Municípios juntos, Universidade, Estado e Município juntos. Então, a Universidade fazia alguma coisa, havia a liberação sim das gestões do Estado. Vários passaram por isso. Por exemplo a professora Graça Lago assumiu a direção da URE. Quando ela assumiu a direção da URE ela facilitou!

A Graça Lago trabalhou muito bem porque ela era advogada então ela trabalhou muito na parte jurídica da Universidade, ela ajudou bastante.

Olha quem trabalhou muito foi a Deuzarina, ela é até nome de escola. O professor David também trabalhou muito, porque foi diretor do Lameira Bittencourt, certo? E a Deuzarina trabalhou muito no projeto Gavião. A professora Raimundinha. A professora Raimundinha trabalhou muito no projeto Gavião junto comigo (JOANA, 2019).

O discurso acima revela que, antes do empresário Carlos Gripp ceder o terreno para a construção do Campus da UFPA, houve outras propostas para a construção de sua base física, tanto, que a entrevistada participou de vários momentos da inauguração da pedra fundamental.



Joana também narra que houve apoio de gestores, do governo Hélio Leite, do Governo Paulo Titan, das professoras Graça Lago, Deuzarina e Raimundinha e do professor David Sá. Muitos desses nomes, até o momento, não aparecem na história oficial. A história oral vai mostrar as memórias dos excluídos, dos marginalizados e da minoria. Quando destacamos as memórias subalternas, elas logo irão contrapor a memória oficial (POLLAK, 1989). A evidência dos sujeitos esquecidos dará outro significado para a história.

Antônia reforça o mesmo entendimento sobre a doação do terreno para a construção da base física da Universidade, dando mérito ao empresário Carlos Gripp e abordando sobre as parcerias que as Prefeituras proporcionaram, cedendo espaços para que as atividades do Campus acontecessem, bem antes da construção. De acordo com sua narrativa:

A doação de uma área para as futuras instalações físicas do Campus de Castanhal, pelo empresário Carlos Gripp. Compromisso financeiro através da locação de uma residência-alojamento para professores e alunos, incluindo, inclusive, os que viriam desenvolver atividades extensionistas em Castanhal, São Francisco do Pará e Inhangapi. Cessão de prédios em determinadas escolas, para as atividades universitárias, aulas, biblioteca, mini-curso (ANTÔNIA, 2019).

No relato acima, é possível observar que, direta e indiretamente houve agentes que estavam presentes no momento da implantação da Universidade na região e que, de alguma forma, articularam toda a dinâmica do processo com os órgãos públicos. Aqui, foi citada a participação de empresários e políticos. “A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira” (THOMPSON, 1992, p. 137). Nesse sentido é que se busca ouvir, dos informantes, parte de uma história que não foi contada e que nos interessa, porque é através dela que poderemos interpretar a nossa própria identidade.

No terceiro questionamento buscou-se evidenciar: **Houve impactos da Ditadura Militar para a criação do Campus universitário?** O intuito era entender como os sujeitos interpretaram esse momento.

Ao iniciar a entrevista, notou-se um esquivamento quando o assunto abordado referia-se à política do Governo Militar da época, que coincidiu com as implantações das universidades públicas federais brasileiras. Compreendeu-se, nos diálogos, a cautela de alguns sujeitos com a temática. Ao perguntarmos à senhora Francisca sobre o envolvimento dos primeiros gestores da academia com o regime político vigente, a entrevistada foi enfática:

Eu nunca vi eles envolvidos durante meu período de trabalhar com eles eu nunca vi eles envolvidos com política! Eles nunca chegaram assim pra gente e dizer: ‘olha faça assim, assim...’ Não, não, nunca, nunca, nunca! Não teve isso com a gente, nunca. Eu nunca vi eles com esse tipo de procedimento, se eles conversavam eram em quatro

parede entre eles, pra gente escutar nunca, não eu nunca vi! [...] A Dona Nazaré, ela sempre, e o professor Davi eles nunca tomaram parte da política, eles sempre ficavam em cima do muro porque eles precisavam das gestões que fossem entrar né? Então, eles achavam melhor não tomar parte disso (2019).

Francisca demonstrou surpresa com a pergunta e ao mesmo tempo negou veementemente que não houve quaisquer interferências da Ditadura Militar. Para Thompson (1992, p. 154), “Essencial também, é que haja uma disposição para lembrar (...) Inversamente, a lembrança pode ser inibida pela relutância: quer uma fuga consciente a fatos desagradáveis, quer uma repressão inconsciente”. Tomemos o exemplo da resposta da entrevistada: talvez ela não quisesse lembrar ou mesmo tivesse receio de falar sobre o tema.

Apesar de as discussões abordadas nesta pesquisa mostrarem a interferência direta do Governo Militar na gestão das universidades públicas, a memória de Maria também contradiz esse contexto e explica em sua narrativa:

Olha eu não sei te dizer porque eu acho que já estavam no final, já estavam para uma abertura para a democracia, então eu acho que não tinha como eles impedirem alguma coisa não sei, não posso te dizer isso porque eu não tenho assim aquele conhecimento, mas já nessa época a gente não tem assim noção. Se foi lá no centro né lá entre eles, entre senadores, porque nessa época a gente não tinha nem assim um representante (2019).

Thompson (1992) cita a memória como subjetividade: é o que o sujeito acredita e o que de fato aconteceu. Aqui, existe uma história contada de maneira subjetiva. Falar da Ditadura Militar, de alguma forma, para alguns, ainda é um tabu. Essa lembrança tem um significado diferente na memória das pessoas. Isso termina interferindo na forma como eles querem lembrar. “Em suma, a história não é apenas sobre eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamento, mas também sobre como eles são vivenciados e lembrados na imaginação” (THOMPSON, 1992, p. 184). Por essa razão é que nos vem o seguinte questionamento: Por que, para alguns, é tão difícil aprofundar o debate?

Na memória de Raimunda, ao responder se houve ou não algum tipo de manifestação de alunos para a melhoria da qualidade de ensino e se houve ou não repressão por parte dos governantes em relação ao assunto, o relato foi o seguinte:

Olha, que eu me lembre aqui não! Não existiu isso, porque até então, era tudo normal, tudo tranquilo. Vinham os professores normal de Belém, vinha estagiário de serviço social, porque não tinha o curso aqui, mas os alunos da universidades eles vinham fazer estágio aqui em Castanhal. Então aqui eles tinham um alimento, tinham café da manhã, tinham hospedagem. Que eu tenha presenciado nunca aconteceu isso aqui! (RAIMUNDA, 2019).

A explicação acima nega a existência de momentos críticos e de conflitos, assegurando que tudo estava adequado e agradável naquela situação. A universidade estava atendendo a todas as demandas e isso era o suficiente.

Para Thompson (1992), as recordações e os esquecimentos são tidos como diferentes para os indivíduos entre si. Se para alguns, lembrar de momentos do passado é dificultoso, para outros, é uma forma de contestação. Tal contestação é observada no discurso de Socorro, que contradiz os outros depoimentos e, sem receio algum, enfatiza que, mesmo tendo vivenciado apenas a fase final da Ditadura Militar, ainda presenciou essa face na Universidade Federal do Pará-Belém, onde ocorreram diversos casos de agressão e demonstração de totalitarismo. E com clamor pontua que:

A ditadura militar? É a pior coisa que existe. Pra você ter uma ideia, a gente não podia reunir, porque uma reunião já era suficiente para considerar que era alguma coisa aqui... pra gente fazer uma reunião, era assim um passava no ouvido do outro olha [...] vai ter uma reunião em tal hora e em tal lugar. Tá certo? E encheu de gente. Hoje passa nos microfones e não tem gente pra participar da reunião, entendeu? Era uma vigilância tremenda que você tinha, o 477 que caçava os alunos, professor e funcionários, que por acaso se achassem em qualquer tipo de manifestação, foi uma época muito dura, especialmente pra juventude que, queria um outro país, queria a reforma agrária, queria a reforma da educação, era contra o projeto MEC Usaid entendeu? Eram essas as nossas bandeiras de luta da época, sabe? Ninguém queria... Sabe a gente queria era isso, que o povo tivesse cidadania, tivessem direito, o que era negado para eles. Ainda é negado até hoje (SOCORRO, 2019).

Como podemos observar, a professora Socorro possui uma memória bastante objetiva, pois seu discurso indignado ressalta o período da Ditadura Militar, sofrido na UFPA, no início dos anos 80. Suas recordações explicam sobre o Decreto 477. Para Motta (2014, p. 156) “o Decreto-Lei n.477 foi um dos instrumentos repressivos mais draconianos produzido pelo regime militar (...) Ele tornou-se um símbolo da ditadura”. O decreto foi elaborado para arruinar as reivindicações promovidas pelos estudantes. Para os militares, o movimento era considerado audacioso frente ao governo (MOTTA, 2014).

Assim, a resistência do silêncio demonstrada pelos cinco entrevistados sobre o tema da ditadura militar, reflete a problemática, ou mesmo, a ausência de uma escrita completa sobre o Campus. Mesmo que tenham negado nas suas falas a existência de repressão do movimento político, foi observado medo, nervosismo e algumas vezes a recusa de falar sobre o assunto. Para (BLOCH, 2002. p.80.) “A história ainda não é tal como deveria ser. Não é uma razão para imputar á história tal como pode ser escrita o peso de erros que so pertencem à história mal-compreendida”. Nesse contexto, permite-se aprofundar e aproximar as falas de todas as testemunhas para compreender se o período militar interferiu de alguma maneira na implementação do polo universitário no município.

O último tópico visa estabelecer a relação entre passado e presente da história do Campus, com as seguintes indagações: **O que se esperava de uma Universidade implantada no interior da Região Amazônica? O que mudou com essa ação? Houve avanços ou retrocessos?** Como explicar essa visão de futuro, uma vez que pensar a implantação de uma Universidade no interior do Estado não é tão fácil como se espera? De imediato, podemos afirmar que o feito concretizado foi um avanço, principalmente para a qualidade do ensino público e privado. Mas importa entender qual a visão dos sujeitos da pesquisa e as perspectivas que se abrem a partir dessa ação.

Ao indagarmos Joana sobre como eles viam a UFPA na cidade de Castanhal naquela época, obtivemos a seguinte justificativa:

Olha era vista assim... eu penso assim, que era um projeto muito grandioso!, muito necessário! e foi um ato de coragem e um ato político correto, que ajudou demais e que houve assim, por parte da prefeitura, dos gestores, possibilidade de trabalhar em conjunto. Então isso facilitou, porque os diretores também eram nomeados pela prefeitura. Então, esse convênio entre a prefeitura, foi o que possibilitou esse ajuste aí. Agora era penoso, porque você pensa bem: uma biblioteca itinerante né? Então, o transporte era fundamental, existia motorista que tinha que fazer três turnos manhã, tarde, noite e não era fácil não! (2019).

Embora não tenhamos obtido as respostas sobre a interferência da UFPA na cidade de Castanhal, a entrevistada menciona a vinda da Universidade como uma iniciativa política extraordinária, um trabalho em conjunto, que beneficiou os cidadãos da região. Mesmo com todas as dificuldades e do trabalho penoso de transportar os livros acadêmicos para outros lugares, o Campus foi um empreendimento necessário e fundamental naquele momento.

O passado rememorado da história acadêmica narrado por Joana aclarou que a vinda da UFPA para a localidade, foi um progresso na educação. Nas suas lembranças, entendeu-se que a cidade, até aquele momento, não dispunha de uma universidade com construção própria. Para esse feito, a parceria foi necessária naquela ocasião.

Para entendermos determinados episódios que ocorrerem na história do passado, é fundamental ouvir os discursos que contenham outros contos, relatos e outras explanações dessa história. “Fazemos história porque somos históricos”. Isso justifica a necessidade de entender e, se possível, refazer a história, a partir das narrativas coletadas (RICOUER, 2007, p. 362).

Na fala de Francisca sobre o que se esperava da universidade no futuro, ela revela que não tinha a dimensão do significado da implantação do Campus. Observado em sua narrativa:

Para mim a universidade é como se fosse uma escola qualquer, eu não tinha essa visão que a universidade era uma coisa tão maravilhosa como ela é né? Aí a mamãe também, coitada, a mamãe tinha essa visão também, coitada. Aí ela passou a ver as pessoas

estudando e chegava em casa e dizia: *minha filha, vai estudar, é tão bom estudar, vai ser alguém minha filha, olha se a gente não estudar, a gente não é ninguém!* E aí eu não tinha essa visão toda que a mamãe começou a enxergar já trabalhando né? Ela se arrependeu muito de não ter estudado. Aí depois ela tentou passar para gente, mas eu também nem liguei. Hoje em dia me arrependo muito. Tô tentando passar para minha filha (...) tô tentando passar tudo isso para ela. A universidade foi uma coisa que veio para cá para Castanhal, uma coisa tão assim... que as pessoas não tinham essa visão, que quando a gente dizia assim: *A mamãe trabalha lá na Universidade. Como Universidade? Em Castanhal tem universidade? Tem!* E as pessoas não acreditavam que aqui em Castanhal tinha Universidade, uma coisa tão distante que as pessoas achavam que ia ser, que não acreditavam que ia ter uma Universidade aqui em Castanhal, mas graças a Deus ela já tá é com 40 anos aqui com nós (2019).

A sociedade atual vive em função do passado e está sempre buscando o sentido da existência humana e, conseqüentemente, procurando responder aos vários questionamentos que, ao longo da vida, vão surgindo. Dessa forma, utilizam-se relatos memoráveis de sujeitos que viveram os acontecimentos para que seja possível compreender uma história e seu passado e contestar a autenticidade dos fatos. Assim, “O que acontece é fazerem-se, em função do presente, releituras constantes do passado, que deve sempre poder ser posto em causa” (AUGÉ, 1977 apud LE GOFF, 2003, p. 227).

O passado rememorado por Francisca apresenta interesses específicos e recorda a sua experiência na Universidade. Tal experiência associa-se à figura de sua mãe. Assim, rememora os valores afetivos que lhes foram transmitidos. Nessa contemplação, a entrevistada informa que a Universidade na cidade de Castanhal era considerada um sonho distante de se tornar realidade.

A ex-aluna do curso de Pedagogia, lembra de seu passado relatando no presente:

Olha eu te digo com franqueza, meus filhos estudaram todos eles são formados, mas com muita dificuldade! A minha filha saía 4h da manhã daqui para pegar o primeiro ônibus para chegar no Guamá às 7h. Então, era aquele sacrifício, quando por aqui já seria mais fácil [...] E os outros municípios mais distante né? Já quando eles vinham de lá eles se alojavam, aqui tinham condições de ficarem. E aí com a vinda da UFPA e aproveitou tudo e qualificaram todos esses professores (MARIA, 2019).

Os primeiros cursos ofertados pela UFPA no Campus de Castanhal foram destinados para os professores e os diretores das escolas. Posteriormente, a Universidade ampliou seus serviços para atender à sociedade, mesmo disponibilizando poucos cursos e número de vagas limitado. Assim, o que restava para os outros candidatos era deslocarem-se de seus municípios e migrarem para a capital, em busca de formação superior. O estudo do passado requer uma atenção minuciosa aos fatos e aos acontecimentos, que só poderão ser compreendidos se estudarmos todo o contexto de sua história. Somente dessa forma saberemos, com clareza, detalhar os períodos e assim interpretá-los (BLOCH, 2002).

Prosseguindo o questionário perguntou-se à testemunha, que participou da etapa do processo de interiorização naquela época, qual a visão da Universidade para o futuro? A resposta mostrou uma história de lutas e entraves observado em sua explicação:

Aqui teve muita reação, muita gente não queria, muita gente dizia [...] teve um pró-reitor que disse para mim: *Se aqui a gente já não está bem, nós ainda vamos levar para o interior?* Entendeu? Mas muitos mudaram a sua visão depois de terem participado de uma etapa da interiorização. Muitos... E começaram a aderir à universidade. Eu tinha discussões homéricas aí na universidade, brigando por vagas para levar pro interior. Homéricas! Está certo? De não quererem que eu levasse os cursos de Pedagogia. Toda vez diziam: *Têm muitos pedagogos, têm muitos pedagogos*. E eu dizia: *E daí*. Tá certo? Criaram até sei lá quem que fala [risos] que onde tinha uma clareira no mato, eu ia lá e colocava o curso de Pedagogia e eu dizia: *coloco, mas com muita honra porque o homem do campo tem o mesmo direito que o homem da cidade*. Criaram até essa metáfora, né? Entendeu? Era uma luta muito grande, nunca esqueço que uma vez eu estava em Breves, ia ter uma reunião que iam decidir onde que ia ter os cursos de Pedagogia, os cursos. E aí começaram a me ligar: *professora venha, professora venha*. Eu peguei o avião, vim, fui direto para o CONSEPE né? Cheguei lá, sentei um pouquinho, vi como estava a reunião, pedi para falar e disse: *olha, quero avisar que o curso de Pedagogia* - eu era Diretora do Instituto do Centro de Educação - *quero avisar que o curso de Pedagogia vai ter em todos os campi*. Acabou a reunião, foi um bafafá que acabou a reunião! Era uma confusão, não foi fácil não no início, porque o pessoal via a dificuldade, mas se a gente não tivesse feito isso, teria ido, claro porque não é possível, mas teria retardado mais, provavelmente [...] (SOCORRO, 2019).

A própria integrante do programa de interiorização confessa as dificuldades de se trazer a universidade para o interior amazônico, e relata os momentos conflituosos que precisou suportar para garantir a qualidade da educação superior. Um dos pontos polêmicos evidencia a luta travada com integrantes da própria instituição para garantir uma educação digna. Para ela, assegurar o curso superior para essas regiões, era uma maneira de prosperar a vida das pessoas, proporcionando, acima de tudo, condições de igualdades sociais.

A memória e a história do passado do Campus, narradas pelos sujeitos, evidenciam o que Ricoeur (2007), apoiado em Aristóteles e Santo Agostinho, enfatiza quando afirma que o “presente” é a distribuição do passado e do futuro. O passado não existe, mas existe a memória do passado. O futuro também não existe, mas existe a espera das impressões. O que de fato existe é o presente, mesmo que em segundos. Eis a vontade de intensificar que a memória é do passado, porque constitui a primeira relação com ele.

Interpretar essa história para o futuro, parte da ideia de se compreender essas memórias do passado, esses confrontos que foram travados e as barreiras que foram derrubadas. Mesmo que as memórias sejam do passado, nós vivemos no tempo presente. É por meio desse tempo que interpretamos os contos do passado. Para (LE GOFF, 2003, p. 218) “Começa por apresentar o passado e o presente, como categorias idênticas e simultaneamente diferenciadas”. Com essa

observação percebemos que as histórias que sabemos e vivemos partiram das orientações passadas, contadas hoje, no presente. Então, buscamos focar e ouvir as narrativas no presente.

### 5.3 Análises dos resultados

Para facilitar a interpretação das entrevistas dos informantes cedidas para a pesquisa, com base na teoria de Bardin (1977), criamos o quadro 1- mostrando a formação dos quadros das questões norteadoras para análises. Nele está composto a: Organização das questões - os questionários; arranjo das questões- A,B,C, D e as categorias norteadoras para análise - criação do Campus, projeto institucional que impulsionou a UFPA para Castanhal, agentes que participaram do processo da implantação e período da Ditadura Militar. Observa-se no quadro a seguir:

**Quadro 1** - Formação dos quadros das questões norteadoras para análises

<b>ORGANIZAÇÃO DAS QUESTÕES</b>	<b>ARRANJO DAS QUESTÕES</b>	<b>CATEGORIAS NORTEADORAS PARA ANÁLISE</b>
1- Como se deu o início da história da UFPA em Castanhal? (Quais os primeiros cursos ofertados? e onde funcionavam esses cursos?) 2- Como se deu a nomeação para a coordenação do Campus naquela ocasião? (Tiveram dificuldade durante a gestão?) Explique/ Justifique. 3- Você conheceu o senhor David Maria de Amorim Sá? Pode nos falar um pouco sobre sua gestão? 4- Por que foi criado o Campus da UFPA em Castanhal e não em outro município vizinho? Explique/ Justifique.	A	<b>Criação do Campus</b>
5- Existiu algum projeto que impulsionou a ação para a Interiorização da UFPA em Castanhal? 6- Existiu algum jogo político de interesse para essa consolidação? Explique/ Justifique. 7- Existiu algum modelo padrão para a UFPA funcionar? 8- Como era o diálogo com o Campus de Belém naquela ocasião? 9- A construção da BR- 316 teve alguma influência para a implantação da UFPA em Castanhal?	B	<b>Projeto Institucional que impulsionou a UFPA para Castanhal</b>

10- Sua memória recorda de alguns sujeitos que participou e contribuiu para que ocorresse a interiorização da UFPA em Castanhal? 11- De onde vieram esses agentes? Como era a rotina deles no início da história da UFPA em Castanhal?	C	<b>Agentes que participaram do processo da implantação</b>
12- Existiu algum impacto (Positivo ou negativo) da política da Ditadura Militar para a criação do Campus? 13- Como estavam as universidades no final dos anos 70? (Em termos de reforma em espaço institucional e físico). 14- Como você via a universidade naquela época? E o que esperava de uma universidade implantada na cidade de Castanhal? (Para ter uma compreensão do passado e presente)	D	<b>Período da Ditadura Militar</b>

**Fonte:** Elaborada pela autora (2020).

O Quadro 2, mostra os sujeitos entrevistados, o arranjo da questão -A e a criação do Campus como categorias norteadoras para análise. No quadro é possível perceber as categorias de unidade de contexto e as unidades de sentidos (as respostas). Assim compreendemos de forma sucinta as aproximações e distanciamento nas respostas das testemunhas. Observado no quadro a seguir:

**Quadro 2 - A) Criação do Campus**

SUJEITO	1- Como se deu o início da história da UFPA em Castanhal?	2- Como se deu a nomeação para a coordenação do Campus naquela ocasião?	3-Você conheceu o senhor David Maria de Amorim Sá?	4-Por que foi criado o Campus da UFPA em Castanhal e não em outros municípios vizinho?
<b>Maria</b>	[...] uma das cidades mais desenvolvidas do Pará e que ela centralizava todas as outras	[...] a Nazaré coordenava ela com o David, agora como foram nomeados por quanto tempo eu não sei [...]	[...] ele foi uma pessoa fabulosa, muito bem, que ele conseguiu trazer [...]	[...] Por que? Por causa de muita briga viu?
<b>Francisca</b>	[...] pode ser pelo empenho de seu David com dona Nazaré [...] Porque eles lutaram muitos para chegar o Campus aqui para Castanhal.	[...] eu acredito que foi isso depois do seu David foi a dona Nazaré. E aí pelo conhecimento que ela já tinha.	Ele era uma pessoa extremamente maravilhosa [...]	[...] não foi fácil a vinda da universidade foi muita luta, muito mesmo!
<b>Joana</b>	[...]A visão do professor David de ter feito o projeto Gavião [...]	Primeiro ela (Nazaré) já era uma docente superior da	[...] ele que programou e	[...] Agora a grande o grande mérito também



		Universidade Federal. Então ela foi contratada para ser a primeira gestora.	fundou o Projeto Gavião.	foi da situação geográfica.
<b>Antônia</b>	[...] O professor David Maria de Amorim Sá tinha desenvolvido um trabalho de articulação com a UFPA na pessoa do magnífico Reitor Dr. Aracy Amazonas Barreto.	Não informado	[...] foi Secretário Municipal de Educação de Castanhal. [...] Mentor do projeto Gavião.	[...]o fato de Castanhal possuir um situação geográfica privilegiada que facilitaria o acesso aos municípios circunvizinho[...]
<b>Raimunda</b>	[...] foi em 78 que começou o Campos em Castanhal[...]	Quando eu entrei na universidade ela que era coordenadora[...]	Conheci	[...]tinha convênio com a prefeitura[...]
<b>Socorro</b>	Professor Camillo Vianna ele criou o CRUTAC [...] na década de 70, [...] o Ministério da Educação, por meio do DEF, e do MEC, fez um convênio com a UFPA por meio do Centro de Educação, pra que ele levasse Licenciatura Curta, nos diferentes pólos.	[...] porque eles moravam em Castanhal.	[...] eu não conheci muito bem [...] O professor David era responsável por um projeto chamado Gavião.	Castanhal é o segundo ou terceiro município mais desenvolvido.

**Fonte:** Elaborada pela autora (2020)

O seguinte quadro identifica os sujeitos entrevistados, os questionamentos, o arranjo da questão -B e o Projeto institucional que impulsionou a UFPA para Castanhal, como categorias norteadoras para análise. Segue o quadro 3:

**Quadro 3 - B) Projeto institucional que impulsionou a UFPA para Castanhal**

SUJEITO	5- Existiu algum projeto que impulsionou a ação para a Interiorização da UFPA em Castanhal?	6- Existiu algum jogo político de interesse para essa consolidação?	7- Existiu algum modelo padrão para a UFPA funcionar?	8- Como era o diálogo com o Campus de Belém naquela ocasião?	9-A construção da BR- 316 teve alguma influência para a implantação da UFPA em Castanhal?
---------	---	---	---	--	---

<b>Maria</b>	[...] tínhamos os cursos polivalente[...] O professor David [...]era muito envolvido com a educação [...] desejo dele era trazer pra Castanhal[...] foi quando ele fez esse projeto Gavião.	Eu acho que não teve nenhum político que se opusesse assim severamente sabe.	Não! Não me lembro disso, o modelo era tem as salas de aula adequadas né uma secretaria com uma secretária	Eu acredito que era mais negociável né [...] essa negociação era feita entre a coordenação e a reitoria né	Eu acho que sim,
<b>Francisca</b>	É olha parece que sim, não tenho bem certeza não, mas teve muitas! muitas! correrias sim[...]	Não! eu nunca vi [...]	Não sei te informar	Não sei te informar	[...] eu acredito que sim né?
<b>Joana</b>	Foi assim, espaços cedidos em convênio com o prefeito[...] E com essas instituições políticas aqui de Castanhal.[...] em especial o professor David, [...] e Nazaré, [...] e o Reitor.	Teve articulação política sempre teve.	[...] Eu acho que eles seguiam sim esse padrão.	[...] todos integrados [...] , a união entre as instituições que preservava essa preocupação com[...] a educação, do sócio político[...]	Nao informado
<b>Antônia</b>	Através de encontros de educadores, movimentos que possibilitou realizar um diagnóstico[...] a precariedade do professor leigo[...]	[...] essa realidade foi possível pela vontade política [...] para conduzir o projeto de ensino	Seguia-se o modelo em conformidade com os organismos institucionais: UFPA, SEDUC e SEMED	UFPA muito contribuiu na articulação dos trâmites legais, situação que se tornaram facilitadas e, de grande eficácia.	Não informado
<b>Raimunda</b>	Não informado	Tinham[...]	em 1981 só existia cursos intervalados que era janeiro, fevereiro e uma parte de março	[...] uma amizade muito boa[...] de Belém também	A BR sim
<b>Socorro</b>	Houve na década de 70 o projeto Rondon e eles criaram vários campi aqui no Estado do Pará[...] foi um projeto que ele trouxe pra	[...] Comigo não teve, os outros eu não sei te dizer.	[...] a gente fazia questão de levar o mesmo currículo [...] que era desenvolvido aqui.	Não informado	É facilitou

	reitoria, o Seix Lourenço [...] é preciso dizer que foi a sociedade civil que arrancou essa interiorização				
--	--	--	--	--	--

**Fonte:** Elaborada pela autora (2020).

O Quadro 4- especifica os sujeitos entrevistados, os questionamentos, o arranjo da questão-C e os agentes que participaram do processo da implantação, como categorias norteadoras para análise. Vejamos no quadro abaixo:

**Quadro 4 - C) Agentes que participaram do processo da implantação**

SUJEITO	10 - Sua memória recorda de alguns sujeitos que participou e contribuiu para que ocorresse a interiorização da UFPA em Castanhal?	11- De onde vieram esses agentes? Como era a rotina deles no início da história da UFPA em Castanhal?
<b>Maria</b>	[...] prefeitos do interior [...] As diretoras [...] Muitos professores do Lameira Bettencour [...] Tinha um movimentozinho também ajudavam bastante	Olha alguns prefeitos do interior esse interior assim [...] mais simples né, eles também fizeram um pouco de luta porque sabia que ia beneficiar os municípios deles.
<b>Francisca</b>	David com dona Nazaré [...] Almir Lima que na época era o Prefeito.	[...] Prefeito
<b>Joana</b>	Carlinhos Gripp [...] Hélio Leite, Titan [...] Graça Lago [...] Deuzarina, [...] Raimundinha [...] A gestão da Lúcia Marques.	[...] Universidade, Estado e Município juntos. [...] prefeito da época e o reitor certo [...] empresários,
<b>Antônia</b>	Carlos Gripp [...] Almir Lima [...] David Sá [...] Aracy Amazônas Barreto	O governo municipal, assessores e principalmente o Secretário Municipal de Educação [...] Reitor
<b>Raimunda</b>	A Dione [...] Tinha mais alunos [...] que também ia pra Belém reivindicar seus direitos [...] políticos [...] empresários [...]	[...] alunos de graduações, Prefeitura
<b>Socorro</b>	O Professor José Seix Lourenço [...] e Nilson Pinto de Oliveira [...] José Moreira Júnior [...] sociedade [...]	[...] era vereador, era prefeito, era as entidades as forças vivas da comunidade que vinham aqui em caravanas cansei de recebe [...] Professor [...] Reitor [...] Deputado Federal [...]

**Fonte:** Elaborada pela autora (2020).

Abaixo encontra-se o quadro 5. Nele pontuamos os sujeitos entrevistados, os questionamentos, o arranjo da questão-D e como categorias norteadoras para análise está o período da ditadura militar.

**Quadro 5 - D)** Período da ditadura militar

SUJEITO	12-Existiu algum impacto (Positivo ou negativo) da política da Ditadura Militar para a criação do Campus?	13- Como estavam as universidades no final dos anos 70? (Em termos de reforma em espaço institucional e físico).	14- Como você via a universidade naquela época? E o que esperava de uma universidade implantada na cidade de Castanhal? (Para ter uma compreensão do passado e presente)
<b>Maria</b>	Olha eu não sei te dizer porque eu acho que já estavam no final,	[...] abertura né para a democracia	E aí com a vinda da UFPA e aproveitou tudo e qualificaram todos esses professores.
<b>Francisca</b>	[...]Não, não, nunca, nunca, nunca	[...] a prefeitura dava os funcionários para a universidade pra universidade poder trabalhar aqui, em Castanhal.	[...] era uma coisa tão maravilhosa como ela é ne
<b>Joana</b>	Não, aqui em Castanhal não aconteceu[...]	universidade aqui, ja era uma coisa pensada [...] um processo muito difícil, mas um processo trabalhado entre as lideranças de Castanhal, os políticos daqui.	[...]foi um ato de coragem e um ato político correto[...]
<b>Antônia</b>	Pode se dizer que não	Atenta às necessidades da comunidade	Uma IES que se adapta aos novos tempos, atendendo às atuais vigências do contexto onde se acha inserida.
<b>Raimunda</b>	Olha que eu me lembre aqui não!	[...] era tudo normal tudo tranquilo vinha os professores normal de Belém, vinha estagiário de serviço social, fazer estágio aqui em Castanhal. Então aqui eles tinha um alimento, tinham café da manhã, tinham hospedagem	[...] uma universidade em Castanhal [...] beneficiava os alunos, tanto de Castanhal como de outros município.
<b>Socorro</b>	[...] era uma vigilância tremenda[...] tinha o 477 que caçava os alunos, professor e funcionários, que por acaso se achassem em qualquer tipo de manifestação, foi uma época muito dura, especialmente pra juventude que, queria um outro país, queria a reforma agrária, queria a reforma da educação,	[...] foi construído prédio, foram levados os cursos ja de licenciatura plena, entendeu?. Antes era sazonal[...]	[...] Eu sempre achei que a universidade tinha que ser expandir[...] é direito que eles tem de ter uma educação de qualidade[...]

**Fonte:** Elaborada pela autora (2020).

### 5.3.1 Resultados das Categorias Norteadoras para análise

Para propiciar uma leitura ainda mais resumida e interpretar a compreensão das respostas dos quadros citados acima sobre: Criação do Campus, Projeto institucional que impulsionou a UFPA para Castanhal, Agentes que participaram do processo da implantação e sobre o Período da ditadura militar, elaboramos os quadros 6, 7, 8 e 9 como resultado geral das categorias apresentadas. Isso viabilizou observar a aproximação de alguns discursos, como também, os embates. Segue a apresentação dos quadros abaixo:

**Quadro 6 - Resultados da Categoria A**

SUJEITOS	A - CRIAÇÃO DO CAMPUS
Maria	A cidades mais desenvolvidas
Francisca	Empenho de seu David com dona Nazaré
Joana	A visão do professor David de ter feito o projeto Gavião
Antônia	Projeto do professor David
Raimunda	Em 78 começou o Campus
Socorro	Com o professor Camillo Vianna ele criou o CRUTAC, o Ministério da Educação, por meio do DEF e do MEC, fez um convênio com a UFPA por meio do Centro de Educação, pra que ele levasse Licenciatura Curta, nos diferentes polos das Cidade mais desenvolvida

**Fonte:** Elaborada pela autora (2020).

**Quadro 7 - Resultados da Categoria B**

SUJEITOS	B - PROJETO INSTITUCIONAL QUE IMPULSIONOU A UFPA PARA CASTANHAL
Maria	Os cursos Polivalentes e projeto Gavião do professor David
Francisca	Teve muitas correrias
Joana	Com espaços cedidos em convenio com o prefeito junto com essas instituições políticas de Castanhal. Em especial o professor David e a professora Nazaré, o e Reitor.
Antônia	Encontros de educadores, com a participação do Professor David e movimentos que possibilitou realizar um diagnóstico a precariedade do professor leigo.
Raimunda	Não informado
Socorro	Com o projeto Rondon na década de 70 eles criaram vários <i>Campi</i> no Estado do Pará[...] foi um projeto que Seixa Lourenço trouxe pra reitoria [...] A sociedade civil participou da interiorização.

**Fonte:** Elaborada pela autora (2020).

**Quadro 8 - Resultados da Categoria C**

SUJEITOS	C- AGENTES QUE PARTICIPARAM DO PROCESSO DA IMPLANTAÇÃO
Maria	Prefeitos, diretores, professores e alunos
Francisca	David com dona Nazaré, Almir Lima que na época era o prefeito.
Joana	Carlinhos Gripp, Hélio Leite, Titan, Graça Lago, Deuzarina, Raimundinha , Lúcia Marques e Reitor.
Antônia	Carlos Gripp, Almir Lima, David Sá, Aracy Amazonas Barreto.
Raimunda	Dione (aluna), alunos, políticos e empresários.
Socorro	O Professor José Seixa Lourenço, Nilson Pinto de Oliveira, José Moreira Júnior e integrantes da sociedade

**Fonte:** Elaborada pela autora (2020).

**Quadro 9** - Resultados da Categoria D

SUJEITOS	D - PERÍODO DA DITADURA MILITAR
Maria	Não soube dizer acredita está no final já abertura né para a democracia
Francisca	Não nunca teve
Joana	Não aconteceu m castanhal
Antônia	Pode se dizer que não
Raimunda	Olha que eu me lembre aqui não!
Socorro	Lembra dos momentos terríveis do 477 que caçava os alunos, professor e funcionários, que fizesse qualquer tipo de manifestação.

**Fonte:** Elaborada pela autora (2020).

### 5.3.2 Temáticas analíticas

- a) Criação do Campus UFPA/Castanhal: concepção, implantação e implementação.

Podemos perceber que a interiorização da UFPA para o município metropolitano resultou da concepção de várias forças que, diretamente, implicaram nesse processo. Dentre muitas conjunturas, inclui-se convênio com a Prefeitura Municipal de Castanhal, que cedeu espaços para que ocorressem cursos de formação, bem antes de se cogitar a implantação do polo na cidade, os chamados cursos Polivalente, que capacitavam os professores em nível de segundo grau: “A ideia de polivalência surgiu com o intuito de firmar um núcleo comum nos currículos de formação docente, sendo que esta indicação fomentou a implementação das licenciaturas curtas como uma solução de suprimento à falta de professores habilitados para atuarem na docência” (RAMOS, CRUZ e SILVA, 2013, p. 02).

“O Decreto nº 65.880, de 16 de dezembro de 1969, que aprova o Plano de Reestruturação da UFPA, previa em seu Art. 3º, inciso III, como política básica da UFPA, “participar de maneira ainda mais direta da aplicação dessa diretriz relativamente à realidade Amazônica”(COSTA, 2014, p. 222). Foi um incentivo à consolidação dos cursos polivalentes nos interiores do Estado do Pará, chegando até a população de Castanhal, por meio da assinatura do convênio firmado entre a Prefeitura e a UFPA. A autora expõe sobre os cursos que, naquela época, a Universidade oferecia:

Cursos Especiais de Licenciatura Polivalente de 1º Ciclo” nas áreas de Letras, Estudos Sociais, Ciências Naturais e os de “Licenciatura Monovalente de 1º Ciclo”: Português, Francês, Inglês, Geografia, História, Matemática, Ciências e Artes Práticas (Artes Industriais, Técnicas Comerciais, Técnicas Agrícolas e Educação para o Lar) e o Curso de Pedagogia para o 1º Grau (Habilitações em Administração Escolar, Supervisão Escolar e Inspeção Escolar), intermediados pelos Núcleos de Educação, sediados em municípios do Estado do Pará (Costa, 2014, p.223):

A autora destaca, ainda, que a criação dos Núcleos de Educação, nos municípios, foi planejada seguindo a referência dos trabalhos do CRUTAC e do “Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional” (COSTA, 2014, p. 223).

Após esses cursos, na década de 1970, foi implantada a Licenciatura Curta, realizada por áreas. Era de nível superior, contudo, com uma menor carga horária. A Lei n. 5.692/71, de 1971 determinava que os professores que ministravam aulas possuísem formação na área afim e que essa formação deveria ser Curta e realizada num breve espaço de tempo. Assim, foi gerada a Licenciatura Curta. Na década de 1980, essa Licenciatura foi extinta e Castanhal é contemplada com a chegada da Licenciatura Plena, que proporcionou a formação de professores para atuarem na educação básica (EBENEZER TAKUNO DE MENEZES; THAIS HELENA DOS SANTOS, 2001).

As situações geográfica e econômica foram outros benefícios que agilizaram esse processo. Na época, Castanhal estava bem mais desenvolvida que as demais cidades da região, fato este percebido no Relatório de Infraestrutura e Saneamento Básico do município.

A população urbana da referida cidade cresceu demasiadamente a partir dos anos de 1984, 1994, e assim por diante. De fato, no início de sua colonização, sua população nucleava a BR-316, fazendo com que a cidade se tornasse um fluxo de convergência para os outros municípios (RIBEIRO, LISBOA, FONSECA, 2015, apud RELATÓRIO, INFRAESTRUTURA, 2017). Com isso, a construção da BR, na década de 1980, favoreceu não somente a situação geográfica, como também a situação econômica do município.

Outros fatores que também impulsionaram essa implantação foram os Projetos Institucionais. Nesse contexto, destaca-se que existiram políticas voltadas para a área da educação básica, como o Projeto Gavião. Segundo o autor o Governo do Estado – por meio da SEDUC – e a UFPA, preocupados com a formação de professores, planejaram os projetos Gavião I e II. Assim explica a iniciativa do projeto:

Projeto de responsabilidade da UFPA/PROEX, aprovado pela Resolução no 090/1984-CEE referente ao Curso de Magistério – 1ª a 4ª série fundamental, com o objetivo de promover a habilitação de Professores Leigos ao nível de Ensino Fundamental e Médio (Área de Magistério). De início, foi proposto e coordenado pelo Prof. David Maria de Amorim e Sá, a partir do município de Castanhal. Expandiu-se gradativamente atingindo mais de 50 (cinquenta) Municípios do Pará. Em 1992, por meio de convênio estabelecido com a SEDUC alcançou 107 dos 128 municípios do Estado, formando 10.070 professores leigos. As instituições envolvidas com o projeto são: UFPA/SEDUC e SEMECs, que trabalham no sistema de parcerias objetivando a qualidade do curso e o desenvolvimento local e regional (COSTA, 2014, p. 208).

A primeira etapa dos projetos foi realizada entre os anos de 1982 e 1990, com o projeto I buscando capacitação e o projeto II visando à habilitação. A finalidade era capacitar professores para a área de magistério. De acordo com Socorro, a escolha do nome Gavião foi pensada por se tratar de uma ave que voa longe e avista sua presa onde quer que ela esteja. Assim, o projeto buscava os professores leigos, onde quer que estivessem, para proporcionar-lhes formação. A iniciativa incluiu toda a área do Nordeste paraense.

O Projeto Rondon foi outro incentivo para implantação. Criado durante a Ditadura Militar, na década de 1960, tinha o objetivo principal de integrar os jovens aos valores do Regime Militar. O projeto ganhou grande repercussão pelos investimentos federais que as Universidades receberam (MOTTA, 2014). De acordo com Socorro, na década de 1970, o projeto Rondon veio para o Estado do Pará e implantou vários *campi* universitários. Assim, foi uma estratégia que o reitor da UFPA encontrou para expandir os cursos universitários para os interiores.

Também foi citado nas falas de Socorro o CRUTAC, como sendo um projeto regido pelas universidades, incentivador da ação de interiorização e apoiado pelo Ministério da Educação. Na década de 1970, o projeto foi coordenado pelo professor da UFPA Camillo Vianna, que estava ligado à educação na Amazônia. Para Costa o CRUTAC foi uma maneira de desvincular a UFPA da sede do Estado para garantir a educação para o interior, proporcionando, assim, a Extensão Universitária. Segundo a autora:

O Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária – CRUTAC - foi criado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), para desenvolver extensão universitária. Em função de seu pioneirismo, o modelo foi assumido pelo Governo Brasileiro e difundido para outras universidades do país, através da instalação de uma Comissão de Incentivo aos CRUTACs, sendo adotado nas primeiras experiências de expansão de Cursos de Graduação com o objetivo de formar professores para atuarem na Educação Básica, nas décadas de 1960 e 1970, como observado na Região Amazônica e no Estado do Pará (2014, p. 170).

Na implementação do Campus Universitário em Castanhal, foram mencionados alguns agentes que tiveram forças para consagrar a interiorização na cidade. Dentre eles encontra-se o professor David Sá. Nasceu no dia 18 de maio de 1923, na cidade de Belém do Pará. Era casado com a senhora Maria de Nazaré Espinheiro do Nascimento Sá. Coursou Seminários de Filosofia (1945); Teologia (1948); quatro semestres de Letras pela UFPA (1967) e Serviço Social pela UFPA (1971). Foi diretor da SEDUC, vice-diretor do Ginásio Arquidiocesano, professor de Sociologia, professor de Elementos da Religião, diretor da Escola Estadual Lameira Bittencourt, professor de Comunidade Escola de Serviço Social, diretor da Escola Estadual



Augusto Meira, secretário municipal de Educação de Castanhal, subsecretário Estadual de Educação, auxiliar de ensino da UFPA, professor assistente da UFPA, membro do Conselho de Promoção Social e membro do Conselho Estadual de Educação.<sup>31</sup>

Foram destacados, também, o Prefeito do município, Almir Tavares Lima e seus assessores, que desenvolveram um trabalho de articulação com UFPA, que tinha como Reitor, na época, o Dr. Aracy Amazônas Barreto.

Existiram outros sujeitos que intermediaram a implementação do Campus. De acordo com Socorro, na década de 1970, época da Ditadura Militar, o Ministério da Educação, por meio do DEF – Departamento de Ensino Fundamental, fez um convênio com a Universidade Federal do Pará – por meio do Centro de Educação –, para que se levassem cursos, especialmente de Licenciatura Curta, para os diferentes polos<sup>32</sup> que foram escolhidos na época, incluindo Castanhal. Ainda segundo a entrevistada Socorro, na década de 1980, mais precisamente quando o professor José Seixas Lourenço assume a Reitoria da UFPA, no dia de sua posse ele falou sobre o Projeto de Interiorização e apoiou a ida dos cursos de Licenciatura Plena para os municípios que já tivessem ofertado Licenciatura Curta.

Outros atores envolvidos nesse processo foram Nilson Pinto de Oliveira, que estava diretamente envolvido na política vigente da época e o professor José Moreira Júnior, como Diretor da Faculdade de Pedagogia do Centro de Educação, o qual, na década de 1970 levou cursos de graduação para a localidade de Castanhal. Para Socorro, tudo começou com Moreira Júnior. Nesse contexto, a entrevistada afirma que:

Na gestão do Reitor José Seixas Lourenço, eu precisei coordenar essa área da graduação. Então eu particularmente recebi junto com a reitoria inúmeras caravanas de tudo que era município, querendo a interiorização da universidade. É preciso dizer que foi a sociedade civil que arrancou essa interiorização. Claro que houve uma ressonância na reitoria, mas, que existiram lutas intensas solicitando a interiorização para os outros municípios. O clamor pela UFPA vinha de vereadores, prefeitos e de toda a força viva da comunidade que se aglomeravam em massa pressionando a interiorização da universidade (SOCORRO, 2019).

Para consolidar a interiorização da UFPA para a cidade metropolitana, aparece outro sujeito que teve forças para concretizar a ação: o empresário do ramo de construção, Carlos

---

<sup>31</sup> Currículo Lattes do Professor David, cedido por um sujeito entrevistado na pesquisa. (1999, p. 2, 3)

<sup>32</sup> Polo Universitário é o território de atuação da Universidade e identifica-se com a ideia de espaço que abriga certa identidade histórica e cultural dos seus habitantes e onde se desenvolvem atividades econômicas e serviços que retratam a projeção social e econômica comum a vários municípios/regiões. Pode constituir-se por Campus (i) e/ou Núcleo(s) Universitários (UFPA, 2002 In GURJÃO, 2003, p. 40, apud COSTA, 2014, p. 195).

Gripp, que doou a área onde foi construída a base física da universidade. Segundo Antônia, foi um compromisso financeiro assumido por esse empresário.

Da mesma forma, Joana afirma a existência de muitas pedras fundamentais sem êxito e sem compromisso com a sociedade educacional do município. E que a última pedra fundamental<sup>33</sup> do Campus de Castanhal foi lançada a partir da atitude do empreendedor Carlos Gripp, que cedeu parte de sua posse para a construção do prédio.

Ao interrogarmos o empresário Gripp sobre a sua participação na doação de um terreno para a construção do Campus UFPA, recebemos a informação de que ele participava das conversas políticas sobre a implantação de um Campus da UFPA em Castanhal. O entrevistado relembrou as pedras fundamentais que foram lançadas para a provável construção. A primeira pedra foi para a construção da UFPA em um terreno na BR 316, próximo à Polícia Militar, o que não se concretizou. A segunda pedra fundamental foi em uma área na estrada da Transcastanhal, nas proximidades do bairro Fonte Boa. Passaram-se anos, até que, em 1992, o empresário preocupou-se com a situação e cedeu a área para a UFPA numa conversa com o prefeito da época, José Soares e com o Governador Jader Barbalho. De acordo com o empresário, a área cedida mede 25ha, em torno de 250 mil metros quadrados. A área foi cedida para a prefeitura, a qual emitiu um título de aforamento para a UFPA naquele momento. Abaixo segue o registro do imóvel doado pelo empresário em cartório:

---

<sup>33</sup> CONSTR pedra (acp.2) que sela uma urna contendo documentos do dia (jornais, moedas etc.) e que assinala a solenidade, o início da construção de uma obra importante (HOUAISS, 2015)

Figura 15 - Registro de doação de imóvel pela empresa- Construtora Esquádrus- para a Prefeitura de Castanhal construir o Campus UFPA.

**1º Tabelionato de Notas e Registro de Imóveis da Comarca de Castanhal/PA**  
 Tabelliã e Oficiala: **Luisa Helena Cardoso Chaves**  
 CNPI:32.203.659/0001-31

293

**REGISTRO DE IMÓVEIS**  
 REGISTRO GERAL

LIVRO N.º 2 - AA

MATRÍCULA N.º 7.792 DATA 24 de Setembro de 1991

IMÓVEL: Nominalmente assim identificado: - **UMA PARTE** do lote de terras agrícola, em número, situado neste município de Castanhal, tendo essa parte a forma de um polígono irregular de cinco lados, medindo um perímetro de 2.282,49m., que envolve a superfície de 250.004,33m2., ou 25ha.00a.03ca., com seus alinhamentos orientados, extensões lineares e confrontações assim constituídos: Banda Oriental: formada por dois alinhamentos num total de 832,03m: o primeiro vai do marco I ao ponto A, limitando com os fundos dos lotes do bairro Jaderlândia no azimute 194º 01' 04", com 591,67m; o segundo vai do ponto A ao marco II, limitando ainda com os fundos dos lotes do bairro Jaderlândia, no azimute 192º 42' 37" com 240,36m. Banda Meridional: vai do marco II ao marco III fazendo face com a Av. Brasil, no azimute 281º 28' 52", com 298,87m. Banda Ocidental: vai do marco III ao marco IV, fazendo face com a Av. Projetada, no azimute de 193º 38' 52,1", com 852,78m. Banda Setentrional: vai do marco IV ao marco I, limitando com terras do Sr. Lino Honda, no azimute de 105º 27' 49", com 298,61m. Todos os azimutes estão referidos ao meridiano magnético, sendo a declinação magnética em agosto de 1991, igual a 18º 42'. Tudo de acordo com o Memorial Descritivo, apresentado, datado de 03 de setembro de 1991, e assinado pelo Técnico em Estradas Sr. Carlos Gaspar Freitas - CREA-2012TD-PA/PA, que ficará arquivado neste Cartório. **TRANSMITENTE DOADORA:** - CONSTRUTORA ESQUÁDRUS LTDA., estabelecida à Travessa Floriano Peixoto, número 1719, Centro, nesta cidade, inscrita no CCE/ME sob o nº 07.925.050/0001-29 e Inscrição Estadual nº 15.118.363-5, representada neste ato pelo sócio Diretor: **CARLOS JOÃO GRIPP**, brasileiro, comerciante, casado, residente e domiciliado nesta cidade, portador do CIO/ME nº 063.541.652-20 e da Carteira de Identidade nº PA/285.727-72 e da C.I. nº PA/285.727-72 emitida pela SEJUP. Registro Anterior: Livro nº 02, folhas 18 ao b o número 3.337, deste Cartório. Oficial substituto subscrevo e assino.

O Referido é verdade, para fé  
 Castanhal, 24 de Setembro de 1991

OFICIAL SUBSTITUTO SUBSCREVO E ASSINO

R.1.M.7.792-DATA.24.09.91 - **DOAÇÃO** - Por Escritura Pública de Doação sujeita a Encargos, datada de 23 de Setembro de 1991, lavrada às folhas 125 do livro número 70, das notas da Tabelliã Dra. Célia da Ascenção Campos de Araújo Meneses, desta cidade, a CONSTRUTORA ESQUÁDRUS LTDA., pessoa qualificada, DOOU o imóvel acima descrito à **ANCIENRETE DOADORA:** - PREFEITURA MUNICIPAL DE CASTANHAL, representada neste ato por seu representante legal Prefeito **JOSÉ SOARES DA SILVA**, brasileiro, casado, médico, residente e domiciliado nesta cidade, portador do CIO/ME nº 063.541.652-20 e da Carteira de Identidade nº 826.964 expedida pela SEJUP/PA, sendo a Doação subordinada às seguintes condições: - 1º) A Donatária se obriga a transferir de forma imediata para Universidade Federal do Pará, a fim de que seja construído um campus universitário. 2º) O cumprimento da condição ora imposta deverá ser no prazo de um ano, a terminar em 23 de setembro de 1992; 3º) Que o uso do imóvel doado para outras finalidades que não sejam as estipuladas da cláusula 1ª importará na devolução e reversão à Doadora sem que a donatária possa pleitear ressarcimentos ou vantagens por benfícios assim recebidos; 4º) Que, findo o prazo, se houver sido cumprida a condição estipulada ou se a doadora não receber o imóvel, o mesmo passará ao seu patrimônio, considerará-se-lhe a doação plena para todos os efeitos legais, independentemente de pagamento ou bem ora doado ao patrimônio da doadora que, só então, poderá dele dispor. Oficial substituto subscrevo e assino.

O Referido é verdade, para fé  
 Castanhal, 24 de Setembro de 1991

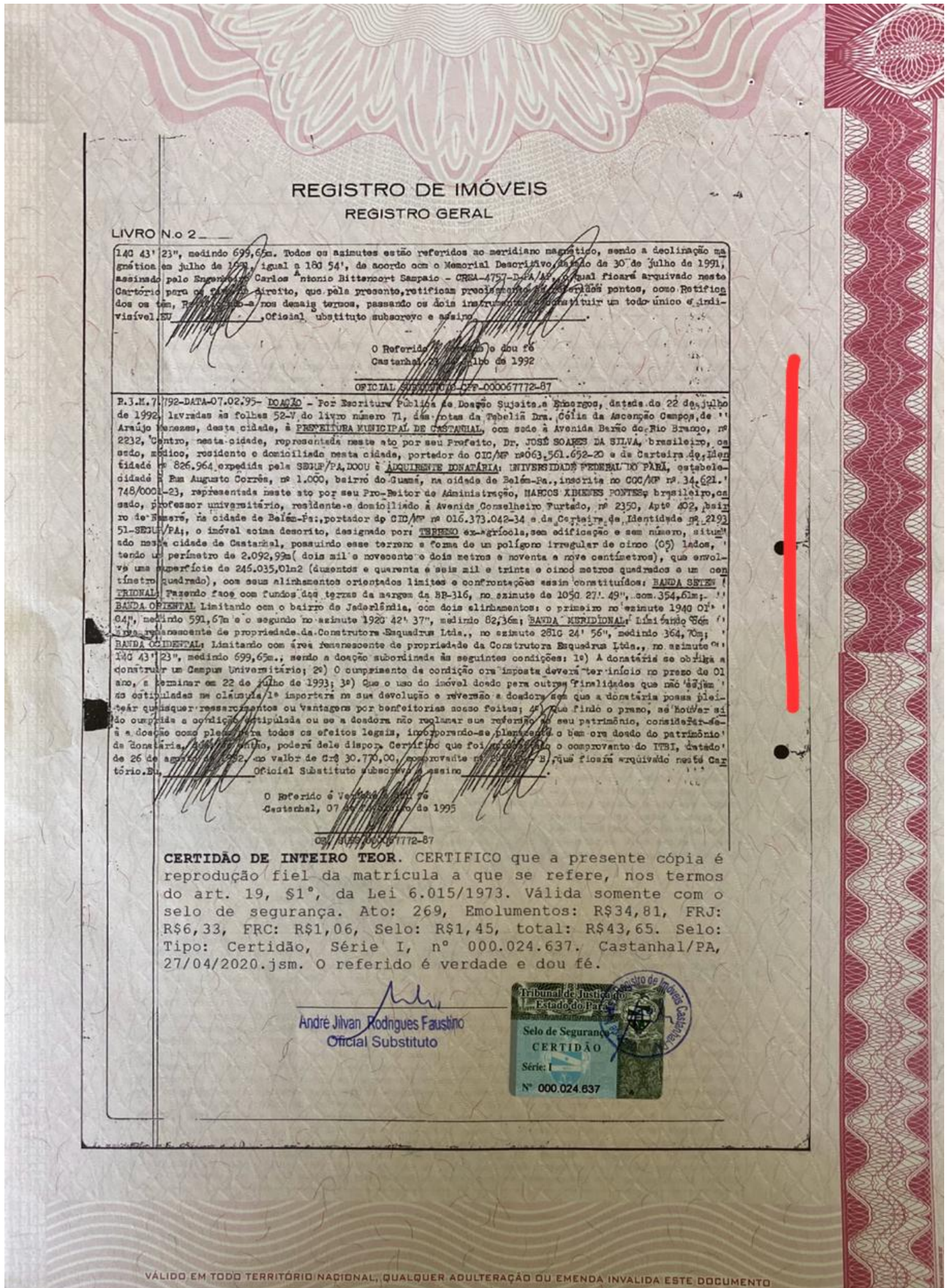
OFICIAL SUBSTITUTO SUBSCREVO E ASSINO

R.2.M.7.792-DATA.23.07.92 - **CERTIFICADO** - que por Escritura Pública de Doação e Ratificação, datada de 13 de julho de 1992, lavrada às folhas 51 do livro número 71, das notas da Tabelliã Dra. Célia da Ascenção Campos de Araújo Meneses, desta cidade, compareceram partes justas e corretadas, como Outorgante, CONSTRUTORA ESQUÁDRUS LTDA., estabelecida à Trav. Floriano Peixoto, nº 1719, Centro, nesta cidade, inscrita no CCE/ME sob o nº 07.925.050/0001-29 e Inscrição Estadual nº 15.118.363-5, representada neste ato por seu Diretor, **CARLOS JOÃO GRIPP**, brasileiro, casado, comerciante, residente e domiciliado nesta cidade, portador do CIO/ME nº 063.541.652-20 e da C.I. nº PA/285.727-72 e da C.I. nº PA/285.727-72 - SEJUP. E como Outorgada, PREFEITURA MUNICIPAL DE CASTANHAL, representada neste ato por seu representante legal, Prefeito **JOSÉ SOARES DA SILVA**, brasileiro, casado, médico, residente e domiciliado nesta cidade, portador do CIO/ME nº 063.541.652-20 e da C.I. nº 826.964 - SEJUP/PA. Que por Escritura Pública de Doação, datada de 23 de setembro de 1991, lavrada às folhas 125 do livro nº 70, das notas deste Cartório, e Registrada no R.1 desta Matrícula, a Outorgante acima qualificada fez Doação do imóvel acima descrito para Outorgada, que, entretanto na referida escritura verificaram-se os seguintes erros: área, perímetro, superfície, medições e confrontações; os quais possuem corretamente as seguintes características: polígono irregular de 05 lados, tendo um perímetro de 2.092,99m, que envolve uma superfície de 246,035,01m2., ou seja 24ha.60a.35ca. Seus alinhamentos orientados, limites e confrontações estão assim constituídos: **BANDA ORIENTAL:** Fazenda face com fundos das terras da margem da BR-116, no azimute 105º 27' 49", com 354,61m; **BANDA MERIDIONAL:** Limitando com o bairro Jaderlândia com dois alinhamentos: o primeiro no azimute 194º 01' 04", medindo 591,67m e o segundo no azimute 192º 42' 37", medindo 82,36m; **BANDA SETENTRIONAL:** Limitando com área remanescente de propriedade da Construtora Esquádrus Ltda., no azimute 281º 28' 52", medindo 364,70m; **BANDA OCIDENTAL:** Limitando com área remanescente da propriedade da Construtora Esquádrus Ltda., no azimute de 143

Travessa Primeiro de Maio, nº 2411 - Centro - Castanhal-PA - CEP 68.743-040  
 Fone (91) 3721-3592 - E-mail: 1oficiocastanhal@gmail.com  
 VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL, QUALQUER ADULTERAÇÃO OU EMENDA INVALIDA ESTE DOCUMENTO

17531

Figura 16 - Registro de doação de imóvel do Empresário para a Construção do Campus UFPA/ Castanhal.



Fonte: Arquivo cedido por Carlos Gripp

- b) O Período da Ditadura Militar: Re/existência de ontem e de hoje nas falas dos sujeitos entrevistados.

Na maioria das falas foi destacado o fato de que a Universidade Federal do Pará, nos anos 1970, estava aberta para uma democracia e os relatos, quase que em sua totalidade, apontaram para a inexistência da Ditadura Militar na política da Universidade na cidade de Castanhal, mesmo contradizendo-se às negociações políticas para a implementação do polo e aos movimentos que estiveram à frente, lutando para a consolidação. Assim, foram enfatizadas apenas as negociações que ocorriam entre a coordenação do Campus e os movimentos militantes. Logo, foi construído o prédio da UFPA e passou a atender às demandas da clientela.

Para os entrevistados, na academia da cidade não houve quaisquer movimentos que atrapalhassem o andamento das atividades. Poucos souberam informar sobre o período da Ditadura Militar ou é possível que resistiram em lembrar-se dos fatos e dos acontecimentos da política agressiva que as UF's estavam enfrentando.

Coincidentemente, a Universidade Federal do Pará, mesmo não dispondo de um acordo firmado, desenvolvia cursos de formação na localidade desde o ano de 1965. Esses cursos estiveram sob a coordenação dos professores David Sá e Nazaré Sá, que residiam no município. Em 1973, a UFPA oferta cursos Polivalentes na cidade. Em 1978, é concretizado o convênio para as instalações do polo. Em 1994, é inaugurado o seu próprio prédio. Até esse período, o Campus ficou itinerante, funcionando em escolas cedidas e casas alugadas pela Prefeitura.

Na década de 1960 (1960 a 1968), período em que a UFPA já atuava no município de Castanhal e que coincide com o Regime Militar, a reitoria da UFPA Belém era ocupada por José Rodrigues da Silveira Neto.

Na fala de Socorro, é possível perceber o medo e a insegurança que a UFPA viveu durante esse percurso. Ela ressalta a vigilância acirrada que ocasionava o decreto 477, caçando os alunos, professores e funcionários que, por acaso, se achassem em qualquer tipo de manifestação. Reforça a época severa que a UFPA enfrentou, destaca o projeto MEC Usaid e cita vários professores, da UFPA na sede do Guamá, que foram expulsos e tiveram seus direitos caçados.

Na revista “Tempos e Argumentos” publicada em julho de 2013, na Universidade do Estado de Santa Catarina. Apresentou um discussão da UFPA e os anos de Chumbo no tempo da Ditadura, destacando-se, nesse percurso, relatos de sujeitos que vivenciaram o período da Governo Militar no contexto da UFPA e das perseguições sofridas pelo reitor Silveira Neto.

Através do SNI (Serviço Nacional de Informação), foram denunciados, expulsos, presos e ameaçados vários professores militantes, considerados subversivos e que foram castigados nos decretos da lei 477. Assim, os sujeitos lembraram-se das reformas administrativas e acadêmicas pelas quais a Universidade passou, bem como dos momentos tensos de lutas e resistências que os movimentos precisaram travar para adquirir a autonomia das disciplinas e a melhoria na educação superior (FONTES, ALVES, 2013).

Os períodos de lutas que se firmaram na Universidade na década de 1960 não se distanciam do contexto atual vivido pelas universidades no ano de 2020. Atualmente, é preciso lidar com declarações claras do Governo Federal, que autoritariamente impõe subserviência aos alunos, professores e a todos que buscam uma educação superior pública gratuita e de qualidade.

Em pleno século XXI, lutamos por liberdade de cátedra, fato que já está previsto na Constituição 1988, e pela autonomia das universidades, também incluída na lei de 1996. O atual governo impõe suas diretrizes, passando por cima das leis e decretos já firmados e adquiridos ao longo da história, fazendo com que as universidades se tornem desvalorizadas e desacreditadas no seu ensino e na pesquisa, cortando verbas e prejudicando as atividades acadêmicas. Além disso, desfere discursos ofensivos dirigidos aos alunos e professores.

Há de se considerar o desapontamento no discurso de Socorro, quando fala da Universidade no presente com a visão para futuro. Nessa concepção segue sua narrativa:

[...] olha o que está acontecendo hoje, quem tem coragem de falar contra esse senhor que está lá [...]? . Não está diferente não, é a mesma coisa. Eu não quero saber de política, mas a política interfere na tua vida. Ainda não estão prendendo, como na época da ditadura militar. Eu espero que esse cenário mude. Foi uma época muito dura, quantos professores não tiveram as suas casas invadidas e levados os livros? Eles eram tão intelectuais que bastava ter a capa vermelha para levarem o livro [risos] (2019).

O discurso da entrevistada clama por ser ouvido, para que não tenhamos que voltar às mesmas condições do passado, quando se viveu numa conjuntura de cerceamentos e que deixou marcas na história. Não há dúvida de que estamos novamente vivendo mais um período ditatorial na história da Universidade. Contudo, os momentos transitados de lutas e resistência que ocorreram no passado servirão de incentivo para nortear e garantir o presente.

Na atualidade, é visível a repressão que as Universidades Federais brasileiras estão passando por parte do Governo Bolsonaro, que se declarou adversário político das UF's. Nesse contexto, avança-se a distribuição de *fake news* alegando condutas inapropriadas no interior

das universidades. O mesmo governo opõe-se à autonomia das instituições federais, acusando os seus integrantes e os próprios órgãos como centros de balbúrdia<sup>34</sup>.

O cenário político atual também busca indicar o provável Reitor para assumir as Universidades, uma atitude que confirma a total rejeição da democracia e da autonomia das academias.

---

<sup>34</sup> Algazarra, silêncio, situação confusa (HOUAISS, 2015,p. 118).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como artista visual envolvida diretamente no projeto documental sobre a história do Campus da UFPA em Castanhal, foi possível comparar o processo da pesquisa, da escuta das narrativas contadas pelos sujeitos que experimentaram o momento da Interiorização da Universidade, suas memórias vividas e lembradas às histórias oficiais registradas em documentos, ambas associadas ao processo de criação de uma pintura em tela, uma vez que exige estudo, técnica, observação, forma, desenho e mistura de cores. E tudo isso para expressar sentimentos que podem variar da tristeza à alegria. Nesta pesquisa, expressou-se a ansiedade em terminar a obra que, por dois anos, ficou em processo criativo de construção.

De fato, pesquisar sobre a história do Campus-UFPA na cidade de Castanhal exigiu uma simetria de desconstruções de outras histórias, com sinopses de experiências diferentes, a partir de um dado estudado. A história da Universidade, associada a uma obra artística, proporcionou diversas maneiras de apreciar e de identificar os elementos da “estética da arte”, uma vez que não se quer provar o que é belo ou feio, falso ou verdadeiro e, sim, interpretar uma história pela visão de sujeitos constituintes dos acontecimentos.

É fato que o modo de ver interfere na concepção da visão como um todo. A princípio, aprendemos a não considerar só o que vemos, mas ir além do olhar, analisar melhor o ambiente, olhar de maneira crítica, de forma minuciosa e tentar, com esse novo olhar, desvendar outras possibilidades de vida, de mundo e de existência, tendo a imagem desse novo olhar, não como mera verdade absoluta, mas como razão para outras verdades que, por meio desses registros, apareceram (SANTOS, 2017).

A visão de um conjunto de imagens que estão ao nosso redor, colabora para que todos possamos ver e sentir de acordo com a nossa percepção: “Embora todas as imagens corporizem um modo de ver, a nossa percepção e a nossa apreciação de uma imagem dependem também do nosso próprio modo de ver” (BERGER, 1972, p. 14). Com essa filosofia, a história do referido Campus motiva o nosso olhar sob outro ponto de vista, provocando mudanças no nosso modo de ver determinados elementos que fizeram a diferença na abordagem da história. Assim, com percepções diferentes, desenvolvemos capacidades de ter o olhar diferenciado para uma determinada narrativa.

Considerando que, para Berger (1972), cada indivíduo determina seu modo de ver, a história da UFPA representa o recorte de cenas que registram e subliminarmente guardam em



si o desejo de eternizar o momento. Por conseguinte, esses registros estão ligados às memórias humanas, que atribuem sentidos e significados à essa história.

Dessa forma, compreendemos que as memórias lembradas pelos informantes se mostraram subjetivas em relação a certos acontecimentos. De fato, mostraram-se bem diferentes das histórias que por muitos anos ficaram registradas sobre a academia da UFPA na região metropolitana.

Nesse sentido, é notória a distinção entre história e memória, pois a primeira são registros de documentos encontrados nos livros oficiais, e não há dúvida de que essas histórias registradas permanecem inesquecíveis. Já a segunda são os acontecimentos lembrados por um grupo de sujeitos, ou mesmo por uma pessoa individualmente, são relatos vivos e íntegros dos primeiros sujeitos que presenciaram os fatos e as situações (HALBWACHS, 1990).

Assim, pontua-se a história da UFPA em Castanhal, vista pela percepção de ambos os lados: tanto pelas histórias registradas nos jornais, nas atas, nos arquivos, quanto por meio das lembranças individuais e coletivas dos sujeitos.

Desse modo, utilizamos a história oral narrada por seis sujeitos denominadas de Maria, Antônia, Raimunda, Francisca, Joana e Socorro, que relataram o período da Interiorização do Campus UFPA na cidade de Castanhal, rememorando elementos que não estavam registrados sobre a implementação do polo universitário. Logo, os relatos propostos pela história oral devem ser respeitados na sua íntegra, de acordo com a opinião dos informantes, porque são essas visões específicas que estabelecem significados a certos acontecimentos e orientam na constituição de novas interpretações para as histórias, fazendo um contraponto aos documentos que encontram-se catalogados (ALBERTI, 2005).

Com base nas histórias contadas pelos informantes da pesquisa, compreendeu-se o presente pelo passado da história da Universidade. Assim, fomos capazes de entender que através do presente, o exposto Campus teve um passado, marcado por falhas e contradições na sua história. É importante conhecer o presente para entender o passado e vice e versa, pois existe uma ligação entre eles, uma vez que “Temas do presente condicionam e delimitam o retorno, possível, ao passado (...) a história faria com que o passado retornasse, porém não de maneira intocada e ‘pura’” (BLOCH, 2002, p.07).

O passado da instituição acadêmica em Castanhal foi desconstruído à medida que evocamos sujeitos que não apareceram na escrita da história da Universidade, porque foram excluídos e ficaram subalternos. Para compreender o processo histórico da implantação, foi

essencial escutar todos aqueles que foram ativos e que contribuíram de forma positiva para a implementação da Universidade. A história vista de baixo muda todo um contexto histórico, porque ela atribui outros significados diferentes da história oficial, principalmente quando aparecem outros sujeitos que não estavam registrados e seus relatos proporcionam outros pontos de vista sobre um determinado tema (BURKE,1992).

Além disso, a história da Universidade como polo, evidenciou a existência de interações entre pessoas, tanto dos moradores do município quanto de moradores dos interiores circunvizinhos, que migraram para a cidade com o intuito de cursar o nível superior. A interação entre os sujeitos firmaram relações antrópicas no contexto da UFPA na cidade reportada, moldando os comportamentos dos próprios sujeitos e do ambiente universitário.

Outros aspectos a serem estudados foram os processos históricos da Interiorização das Universidades brasileiras. Por vezes, percebeu-se que o início das implantações das UF's foi marcado por períodos de resistências às imposições do Governo Militar e que as lutas travadas contra o governo eram para garantir a autonomia política e educacional.

Na região Amazônica, a interiorização da Universidade Federal do Pará iniciou-se na década de 1970, mediante o Decreto nº 65.880/1969. Assim, as universidades passaram a se organizar em “Centro de Estudos Básicos e Profissionais” e tinham como objetivo formar professores nos cursos de Pedagogia (COSTA, 2014, p. 222).

No ano de 1985, aconteceram vários seminários e encontros, que discutiam a melhoria da educação superior, além de estratégias para intensificar e expandir os cursos acadêmicos da UFPA para os interiores da região Amazônica. Dessa forma, criaram o I Projeto Norte de Interiorização (I PNI), que funcionou nos anos de 1986 a 1989 e que tinha como prioridades, ações voltadas à formação de professores de primeiro e segundo graus, como também intensificar o ensino e a pesquisa para outros *Campi* (COSTA, 2014).

As primeiras discussões ensaiadas sobre o processo de interiorização da Universidade Federal do Pará iniciaram com a ES (Educação Superior). A primeira Faculdade foi instalada no Estado do Pará em 1902 e era intitulada de “Faculdade Livre de Direito”, que, a princípio, foi administrada pelo Governo do Estado. Somente no ano de 1950 é que se tornou Federal: “Faculdade de Direito do Pará”. E, no ano de 1957, passou a ser designada como “Universidade Federal do Pará” (COSTA, 2014). Esse fato comprova o atraso da implantação da UFPA na região metropolitana frente a outros Estados brasileiros.

Há de se considerar que esse atraso também se refletiu na interiorização da UFPA, quando da expansão de seus cursos para os interiores da região. Tendo em vista essa demora foi que se discutiu o processo de interiorização da UFPA para território castanhalense na década de 1970. Tal ação foi movida por muitas contrariedades relatadas pelos sujeitos da pesquisa. Na interiorização, a referida cidade foi o segundo município da região escolhido para comportar um polo da UFPA e funcionar como Campus Universitário da Federal.

Com a análise dos resultados, fez-se a interpretação histórica sobre o processo de interiorização da UFPA como Campus Universitário na cidade de Castanhal. Percebemos que esse movimento foi concretizado por diversos sujeitos, que se entusiasmaram para que a interiorização ocorresse na localidade. Assim, participaram de reuniões e encontros sobre a Interiorização do polo, estabelecendo relações de parceria entre os Governos Municipais, Estadual e Federal, engajando-se, assim, em projetos, como por exemplo o projeto Gavião, que impulsionou a tomada de decisão para a vinda da UFPA.

Assim, os objetivos da pesquisa foram alcançados a partir dos discursos e das narrativas dos sujeitos que vivenciaram o momento da concepção, da implementação e da implantação do polo acadêmico da UFPA na região amazônica.

Diante do exposto, compreendemos que a sociedade local atribuiu, através de suas memórias, o protagonismo da concepção do Campus UFPA no município castanhalense a um único sujeito, embora houvesse relatos da interferência de outros agentes e forças governamentais como os prefeitos de vários municípios, vereadores, professores, alunos e empresários. Somente uma entrevistada especificou a existencia de outros projetos que beneficiaram a interiorização da UFPA, dentre eles estão: o Centro Rural Universitário de Treinamento de Ação Comunitária -CRUTAC, Ministério da Educação, e o Departamento de Ensino- DEF, que assentiram um convênio com a UFPA para implantar cursos de Licenciatura Curta nos diferentes polos das cidade mais desenvolvida.

Outro aspecto abordado na pesquisa foi a compreensão dos discursos sobre o período do Regime Militar e os impactos na UFPA/Campus Castanhal. A maioria dos entrevistados relatou a inexistência de interferência da política militar na referida academia, mesmo entendendo que a Ditadura Militar, nesse período, era existente em todas as regiões brasileiras. Assim, as falas eram dirigidas para uma negação da política autoritária e adentrar neste tópico foi desafiador, porque muitos se recusaram a falar sobre o tema, e quando falavam demonstravam muita cautela nas palavras. Contudo, uma informante, que não reside na referida localidade, lembrou detalhadamente dos movimentos que a UFPA-Guamá enfrentou no

período da Ditadura Militar para garantir seu direito de ensinar. Assim, relatou todas as agressões ditadas pela política vigente na época.

Por fim, analisamos o processo de implementação a partir da relação passado e presente da história da UFPA no recinto, segundo os documentos escritos e as narrativas dos sujeitos entrevistados. Consideramos que há falhas na maioria dos documentos registrados, que pontuam a interiorização da universidade na região por intermédio de poderes políticos da gestão Federal, Estadual e Municipal. Entretanto, os discursos dos informantes confrontam os documentos registrados e mencionam a existência de projetos institucionais que impulsionaram a vinda da UFPA para região metropolitana de Belém.

A experiência de estudar a Interiorização das universidades brasileiras, especificamente a concepção, a implantação e a implementação da UFPA no município de Castanhal, pôde me conduzir a um novo olhar sobre a instituição, a partir dos relatos dos sujeitos esquecidos e, também, a partir da leitura dos documentos oficiais.

A pesquisa comprovou a existência de muitos discursos a respeito da Interiorização da UFPA. Assim, no enredo dessa história, muitas ficaram ocultas. É perceptível que a história da Interiorização está associada a uma construção de um projeto de poder. Isso é fato, pois uma das características das universidades públicas brasileiras é a existência de projetos de relações poder.

Por fim, compreendemos, através das memórias dos sujeitos locais, como foi interpretada a Interiorização do Campus UFPA para a cidade de Castanhal. Contudo, para um melhor aprofundamento sobre o tema, seria fundante conhecer o processo de Interiorização da UFPA em todos as regiões do Estado do Pará.

Com essa análise, poderemos aprofundar a pesquisa em nível de doutorado, uma vez que buscaremos outras experiências de estudo, outras memórias, com possíveis histórias silenciadas de pessoas que experimentaram a Interiorização da Universidade nas suas cidades e, dessa forma, promover, a partir das narrativas, outras interpretações do processo de Interiorização da UFPA nas diversas regiões Amazônica.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro, Ed. FGV. 2005.
- ARAÚJO, Carlos. **Síntese da História Antiga de Castanhal**. Castanhal: Ed. Printed in Brasil. 2000.
- BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo**. Livraria Martins Fontes, São Paulo. 2001.
- \_\_\_\_\_, Laurence. **Análise do conteúdo**. Livraria Martins Fontes, São Paulo. 1977.
- BARROS, O. S. **A cidade modelo: reforma urbana, conflitos sociais e o discurso de progresso em Castanhal (1960-1987)**. 273 f. Dissertação (História Social da Amazônia) Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- BASTOS, Max. Universidade vai implantar cursos. **O Estado do Pará**, Belém, [n.p], 11 mar 1978.
- BERGER, John. **Modos de ver**. Ed. Edições 70. Lisboa Portugal, 1972.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Editor Ltda Jorge Zahar, 2002.
- \_\_\_\_\_, Marc. **Introdução a la Historia**. Librairie Amand Colin, Paris: 1949.
- BORGES, Jorge Luis. **Obras completas**. São Paulo: Globo, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais: por uma sociologia clinica no campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.
- BRASIL. **Livro Ata, n.** Castanhal, [s.n], 1977.
- \_\_\_\_\_. **Livro Ata, n.** Castanhal, [s.n], 1978.
- \_\_\_\_\_. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p.
- \_\_\_\_\_. **Os novos Estatuto e Regimento Geral da UFPA e o desafio da contemporaneidade**. ed. Gráfica Universitária UFPA, Belém, Pará, 10 de jul. 2006.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CATANI, Afrânio Mendes; OLIVEIRA, João Ferreira de. **Educação Superior no Brasil: reestruturação e metamorfose das universidades públicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre :Artmed, 2000.

COSTA, Maria José Jackson (Org.). **Avaliação institucional e o desafio da Universidade diante de um novo século**. Belém, 1997.

COSTA, Maria Raimunda Santos. **As repercussões da Interiorização da UFPA no trabalho dos docentes da rede estadual de ensino das décadas de 1880 a 1990**. Belém, 2014.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DENYS, Cuche. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC; 1999.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DINIZ, Cristovam Wanderley Picanço. **Universidades da Amazônia Brasileira: o pecado e a penitência**. 2. ed. EDUFPA. Belém, PA: UFPA, 1999.

ENCONTRA PARÁ. **Tudo sobre a cidade de Belém**. Disponível em: <http://www.encontrapara.com.br>. Acesso em: 03 fev. 2019.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Interculturalidade e Etnossaberes**. Porto Alegre, 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes. FERNANDES, Tania Maria. Alberti. Verena. **História Oral: desafios para o século XXI**. (org). Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz, 2000.

FLICK, Uwe. **Desenho da Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre. Ed. Artmed, 2009.

FONTES, Edilza Joana Oliveira; ALVES, Davison Hugo Rocha. **A UFPA e os Anos de Chumbo: A administração do reitor Silveira Neto em tempo de ditadura (1960-1969)**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 5, n.10, jul./dez. 2013. p. 258 - 294.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_, Michel. **Conceitos essenciais** / Judith Revel; tradução Maria do Rosário. São Carlos: Claraluz, 2005. 96.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturais**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Ed. Revista dos tribunais. São Paulo. 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. Ed. DP&A, 1998.

\_\_\_\_\_, Stuart. **Da diáspora: Identidade e Mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOUAISS. **Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.  
 IBGE. Portal de mapas. **Portal do IBGE voltado para a educação**, 2017. Disponível em:  
<https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 03 mar. 2019.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL E DA BIODIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ. Diretoria de gestão administrativa e financeira – daf. **Criação de UC municipal em Castanhal-PA relatório de infraestrutura e saneamento básico**. Belém, 2017. Disponível em: [https://ideflorbio.pa.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/9.Relatorio\\_Infraestrutura.pdf](https://ideflorbio.pa.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/9.Relatorio_Infraestrutura.pdf). Acesso em: 17 fev. 2020.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Editora: Cultrix. São Paulo.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ed, São Paulo. Atlas, 2010.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. México: FCE, 2003.

LE GOFF, Jacques, **História e memória**. Ed. Unicamp. Tradução Bernardo Leitão ... [et al.] – 5ª ed, Campinas, SP. 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 5ª ed. – Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEITE, Denise. MOROSINI, Marília. **Universidade Flutuante: Produção do ensino e inovação**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós: Ensaio sobre a alteridade**. Tradução Pergentino Stefano, Evaldo Antônio, José Nedel, Luiz Pedro, Marcelo Pilizolli. Petrópolis: Vozes, 1997.

LIOTOU, Eirini; TSOLKAS, Dimitris; PASSAS, Nikos; MERAKOS, Lazaros. 2015 (Artigo.). Quality of Experience management in mobile Cellular Networks: Key Issues and Design Challenges. **Network and Service Management**. Communications Magazine, 145, jul. 2015. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/7158278/>. Acesso em: 10 ago. 2019.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Projeto História, São Paulo, PUC-SP, n. 17, nov. 1998.

MATE, Reyes. **La razón de los vencidos**. 1. ed. Anthropos. Barcelona, 1991. 238 p.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. **Uma outra invenção da Amazônia**. Belém: Cejup, 1999.

MAZZOTTI, Alda Judith. GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Qualitativa e Quantitativa**. Ed: Segmento & Co. Pioneira. 2002.

MELLO, Alex Fiúza de. **Para construir uma universidade na Amazônia: realidade e utopia**. Belém: EDUFPA, 2007.

MENESES, Paulo. **“Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões”**. In Revista Symposium. Ano 3, Número Especial, dezembro, 1999.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbetes licenciatura curta. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <https://www.educabrazil.com.br/licenciatura-curta/>. Acesso em: 17 de fev. 2020.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica**: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Artigo originalmente publicado na Revista Gragoatá, n. 22, p. 11-41, 1º sem. 2007 e traduzido por Ângela Lopes Norte.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 1. ed. DP&A. Rio de Janeiro, 2006. 248 p.

MORIN, Edgar. **A religião dos saberes**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 2007.

MOTTA, Rodrigo P. Sá. **As universidades e o regime militar**: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MOURA, Karla Raquel Silva. **O curso de pedagogia e mercado de trabalho no município de Castanhal**. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Pedagogia, Universidade Federal do Pará. Castanhal, 2003.

NASCIMENTO, Evando Batista. **Derrida**. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 2004.

NERY, João Elias. **As universidades no regime militar**. São Paulo, Brasil: Escola de Artes, Ciências e Humanidades. V. 9 - Nº 1. 2015.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**: a problemática dos lugares. São Paulo, 1993.

NÚCLEO Educacional da UFPA com várias atividades. **A Província do Pará**, Belém, [n.p], 1986.

PAUL, Thompson. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PINHEIRO, Maria Helena Mano. **Subjectividade Plural**: Trajectos do Sofrimento em Emmanuel Lévinas. Porto: Campo das Letras, 2001.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro. 1992.

\_\_\_\_\_, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro. v.2. 1989.

RAMOS, João Batista Santiago. **Por uma Utopia do Humano**: Olhares a partir da ética da libertação de Enrique Dussel. Edições Afrontamento, 2012.

RAMOS, Nathália Barros; CRUZ, Shirleide Pereira da Silva; SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da. **Regulação da formação e do exercício do professor polivalente**: uma análise dos documentos educacionais dos anos 1990 até os dias atuais. In: JORNADA DO HISTEDBR, 11., 2013, Cascavel. Anais. Cascavel, 2013. p. 1 - 18. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada11/artigos/7/artigo\\_simposio\\_7\\_1022\\_nathaliabarros@hotmail.com.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/7/artigo_simposio_7_1022_nathaliabarros@hotmail.com.pdf). Acesso em: 17 fev. 2020.



RIBEIRO, M. T. J. **Traduções. História Oral como Gênero.** São Paulo, ano 22, n. 14, jun. 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade.** São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revisado.** São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Maria José Conceição. **Conhecendo os monumentos da cidade de Castanhal através da fotografia: Uma experiência de ensino de Artes na Escola Lameira Bittencourt.** Castanhal, 2014.

SILVA, João Batista Corrêa da. **A dissertação clara e organizada.** 1. ed. EDUPFA. Belém, 2007. 128 p.

SILVEIRA, Éder da Silva. “História Oral e Memória: pensando um perfil de historiador etnográfico”. *Métis: História e Cultura-* v.6(12). p. 35-44, 2007.

SIQUEIRA, José Leôncio Ferreira de. **Trilhos: O caminho dos sonhos, Memorial da Estrada de Ferro de Bragança.** Bragança: ed. Marques. 2008.

SOUZA, Hugo Luiz de. **Castanhal e suas raízes: Evolução de uma cidade.** Castanhal: Ed. Graf- Set, 2010.

TAVARES, Hilda de Lima; PINHO, Vera Lúcia Fernandes de; CABRAL, Danilo do Carmo Quadros. **Projeto Gavião.** Universidade Federal do Pará, 2002. Disponível em: [http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbeu\\_anais/anais/educacao/projetogaviao.pdf](http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbeu_anais/anais/educacao/projetogaviao.pdf). Acesso em: 17 fev. 2020.

TOLEDO, Edilene. “**O silêncio de Marx” e a historiografia: marxismo renovado, antropologia, classe e consciência de classe na obra de Edward Thompson**”. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 48, 2013.

TRUSEN, S. M; VOLOBUEF. K; PANTOJA. T.S. **Tradução cultural e memória: estudos multidisciplinares.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

UFPA assinou convênio para implantar núcleo: Castanhal. **O Estado do Pará**, Belém, [n.p], 15 abr 1978.

UFPA chega a Castanhal. **O Estado do Pará**, Belém, [n.p], 31 mar 1978.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Campus Castanhal. Disponível em: <https://www.campuscastanhal.ufpa.br/>. Acesso em 24 jun.2018.

\_\_\_\_\_. **Plano de desenvolvimento do Campus Universitário de Castanhal**, Castanhal, PA, 2017/ 2020.

\_\_\_\_\_. **Organogramas**. Belém, 2019. Disponível em: <https://www.portal.ufpa.br/index.php/organograma>. Acesso em: 03 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. **Projeto Gavião**. I – II 1982 a 1994, Castanhal, 1994.

\_\_\_\_\_. **Projeto Gavião I – II**. Belém, PA, [s.n.], 1994. 02 p.

WEBER, Regina; PEREIRA, Elenita Malta. **HALBWACHS, e a memória**: contribuições à história cultural. In Revista Território e Fronteiras. V.3(1) 2010.

ZEA, Leopoldo. **Discurso desde la marginación y la barbarie**. 1. ed. Anthropos . Barcelona, 1992. 255 p.

## APÊNDICE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS - GRADUAÇÃO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA  
(PPGEAA)

Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) da célula de identidade número \_\_\_\_\_ fui informado (a) sobre a pesquisa: **VOZES SILENCIADAS: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE OUTRAS INTERPRETAÇÕES DO PROCESSO DE INTERIORIZAÇÃO DO CAMPUS UFPA NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL- PA A PARTIR DE 1970.** como parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Pós – Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, realizado pela discente Maria José Conceicao dos Santos, matriculada na Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Castanhal, com o número de matrícula 201875570009 e sob orientação do Professor Dr. João Batista Santiago Ramos. Esta pesquisa possui como objetivo: Compreender a história da implantação do Campus Universitário da UFPA na cidade de Castanhal, a partir dos documentos que tratam do tema escrito e dos discursos das narrativas dos sujeitos que vivenciaram o momento da implementação na década de 1970. Consciente que os riscos da pesquisa estão relacionados a não aceitação do assunto proposto, abalo emocional, constrangimento por não compreender a eventuais questionamentos. Ainda sim, aceito participar da pesquisa proposta. Estou ciente que os dados fornecidos serão sigilosos e que a divulgação dos resultados em meios científicos, visará mostrar como foi interpretada pela sociedade local, a concepção do Campus/UFPA na cidade de Castanhal; as narrativas dos sujeitos participantes do processo de construção e implantação do Campus; os discursos relacionados ao período do governo militar e análises de documentos, Atas e Jornais escrito e redigidos sobre o processo de implementação do Campus a partir da relação passado e presente da história UFPA/Castanhal. Sei também que, poderei solicitar informações quando assim desejar, inclusive após a publicação da pesquisa. Por se tratar de um estudo sem interesse financeiro, ou seja, sem fins lucrativos, minha participação será voluntária e não terei direito a nenhuma remuneração e poderei me retirar da mesma quando for de minha vontade.

Castanhal, de 2020.

Assinatura do Voluntário (a) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Maria José Conceição dos Santos

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos

#### **Endereço dos Responsáveis pela Pesquisa**

Endereço: Condomínio Santa Lídia. Bloco 09. Ap 602.

Bairro: Jaderlandia CEP: 68746 269: PA Município: Castanhal **Telefone:** (91) 9 99089840.

**E-mail:** mjcmara@hotmail.com



## ROTEIRO PARA ENTREVISTA ORAL



### Identificação do Agente Social da Pesquisa

Nome: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_ Contato \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_ Gênero: ( )M ( )F Escolaridade: ( ) Analfabeto ( ) Ed. Infantil ( )  
 Ens. Fun ( ) Ens. Médio ( ) Ed. Superior Profissão: \_\_\_\_\_  
 Ocupação atual: \_\_\_\_\_

Você esta de acordo em deixar que suas respostas sejam exploradas para fins de pesquisa? \_\_\_\_\_

**Questões norteadoras: (A)- Criação do Campus. (B)- Projeto institucional. (C)- Os agentes que participaram. (D)- Períodos da ditadura.**

#### a) CRIAÇÃO DO CAMPUS

- 1) Como se deu o início da história da UFPA em Castanhal? Quais os primeiros cursos ofertados? E onde funcionavam esses cursos?
- 2) De que forma se deu a nomeação para a coordenação do Campus naquela ocasião? Qual a dificuldade encontrada durante a gestão? Fale-nos um pouco sobre a gestão da professora Nazaré
- 3) Você conheceu o senhor David Maria de Amorim Sá? Pode nos falar um pouco sobre sua gestão?
- 4) A gestão da professora Nazaré Sá foi concluída no ano de 1996. No ano de 1997 foi realizada a primeira eleição direta para coordenação do Campus de Castanhal. Como se deu essa transição?
- 5) Como você via a universidade naquela época? E o que esperava de uma universidade implantada na cidade de Castanhal?

#### b) INSTITUCIONAL (Entender o projeto institucional que trouxe o Campus para Castanhal)

- 6) Por que foi criado o Campus da UFPA em Castanhal e não em outro município vizinho? Porque Castanhal foi escolhido como Polo?
- 7) Como se deu o processo da Interiorização da UFPA em Castanhal?
- 8) Existiu algum jogo político de interesse para essa consolidação?
- 9) Como foi estruturada a questão dos cursos?
- 10) Existiu algum modelo padrão para a universidade funcionar?
- 11) Como era o diálogo com o Campus de Belém naquela ocasião?
- 12) A construção da BR- 316 teve alguma influência para a implantação da UFPA em Castanhal?

**c) OS AGENTES QUE PARTICIPARAM**

13)- Quais agentes estavam aqui na época e participaram do processo de implantação do Campus? De onde vieram esses agentes? Como era a rotina deles no início da história da UFPA em Castanhal? (Prefeito, vereadores, movimento estudantil etc...)

**d) PERÍODOS DA DITADURA**

14) O Campus de Castanhal foi implantado no final da ditadura militar. Existiu algum impacto (Positivo ou negativo) dessa política para a criação do Campus?

15) Como estavam as universidades no final dos anos 70? (Em termos de reforma em espaço institucional e físico).



## FICHA TÉCNICA UTILIZADA PARA AS TRANSCRIÇÕES

TIPO DE ENTREVISTA: Temática

ENTREVISTADORA: Maria José C. Santos

LEVANTAMENTO DE DADOS: Maria José C. Santos

PESQUISA E ELABORACAO DO ROTEIRO: Maria José/ João Batista/ Túlio Chaves

CONFERENCIA DE TRANSCRICAO: Maria José Santos

TECNICO DE GRAVACAO: Maria José Santos

LOCAL: Castanhal- Pa- Brasil

DATA: \_\_\_\_\_

DURACAO: \_\_\_\_\_

MATERIAL: \_\_\_\_\_

PÁGINA: \_\_\_\_\_

Entrevista realizada no contexto da pesquisa: Vozes silenciadas: história e memória de outras intepretações do processo de interiorização do Campus UFPA no município de Castanhal- Pa a partir de 1970.

Entrevistada: \_\_\_\_\_

Função: \_\_\_\_\_

## ANEXOS

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** VOZES SILENCIADAS: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE OUTRAS INTERPRETAÇÕES DO PROCESSO DE INTERIORIZAÇÃO DO CAMPUS UFPA NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL- PA A PARTIR DE 1970.

**Pesquisador:** Maria José Conceição dos Santos

**Versão:** 1

**CAAE:** 30645319.8.0000.0018

**Instituição Proponente:** Campus Universitário de Castanhal **Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER:

**Número do Parecer:** 4.157.290.

Ata da 5ª Sessão ordinária da Câmara Municipal de Bastauhal, realizada no dia: 20 de abril de 1979.

Aos vinte dias do mês de abril do ano de mil novecentos e setenta e nove, na sala das sessões da Câmara Municipal de Bastauhal, nesta cidade do mesmo nome, reuniram-se em sessão ordinária, os seguintes Vereadores: José Ribamar Gira de Souza, Miguel Alves de Lima, Alvaro Menezes da Silva, Raimundo Câmara de Lima, Rivaldo Santos de Oliveira, e Francisco Carlos de Magalhães Filho. Precisamente às vinte horas e trinta minutos, o senhor Presidente Vereador Valdir Espinheiro Samuel, deu por aberta a sessão solicitando que a Diretora de Secretaria fizesse a leitura da Ata da última sessão, e em seguida a (loc) Presidência colocou em discussão e votação no plenário, sendo aprovada por unanimidade. - Logo a seguir o senhor Presidente solicitou a leitura do expediente que constou de: Recebido do Exmo Sr. Prefeito Municipal de São João do Rio Preto, o projeto lei n.º 11/79, encaminhando o projeto lei n.º 11/79, Recebido da Câmara Municipal de Marapanim, Itaituba e Capangema, comunicando à esta Câmara a lição e posse da nova Mesa Executiva. Recebido do Senhor

José Espinheiro de Oliveira, acusando recebimento de circular desta casa, recebido da Associação Brasileira de Municípios o ofício circular n.º 1/79, comunicando a realização de cursos de Administração Municipal. Expediu ao Diretor do ARREMAN ao Sr. Paulo Sérgio Rodrigues Titari, ao Sr. Pedro Smit, do Amaral e aos Senhores de "A Província do Pará". Logo após a leitura do expediente, o senhor Presidente colocou a palavra à disposição dos senhores Vereadores, dela fez uso o senhor Vereador José Ribamar Gira de Souza, Diretor da Bancada da ARENA, apresentando requerimento de sua autoria de voto de profundo pesar ao senhor Francisco Lima Lago, pelo falecimento de sua esposa Senhora Maria da Penha Lago. Seguiu a Presidência usou da palavra anunciando que estava de posse de um projeto de Lei, n.º 12 de 1979, de autoria do Senhor Deputado Jorge Abagel, autorizando o Poder Executivo a instituir a mudança da Universidade Federal de Bastauhal, no estado do Pará, esclarecendo que o título do Deputado, está demonstrando que realmente quer trabalhar em prol de nosso Município e por esse motivo solicitou votos de congratulações ao ilustre Deputado, como incentivo pelo trabalho que vem efetuando. Logo após o senhor Presidente encamin-

Ata



Ata da 4ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Castanhal, realizada no dia 07 de Abril de 1978.

Nos sete dias, do mês de Abril, do ano de mil novecentos e setenta e oito, na sala das sessões da Câmara Municipal de Castanhal, presente os Senhores Vereadores: Alípio Alves de Lima, renunciando Câmara de Lima, Ricardo Santos de Oliveira, Valdir Espinheira, umel, Alvaro Menezes da Silva e José Ribamar Lira de Souza, que sob a Presidência do Vereador Francisco Alves de Magalhães, verbe, que verificando haver uº legal de Vereadores, precisamente às vinte horas e trinta minutos, deu por aberto o trabalho, solicitando ao Sr. Secretário que fizesse a leitura da Ata da última sessão, que foi feita em discussão e votação no Plenário, sendo aprovada por unanimidade. A seguir fez a leitura do seguinte expediente. Expedido: Telegrama do Senador Cathete Bampi no, comunicando que foi aprovado pelo Senado Prefeito lei de sua autoria referente à Suspeito sobre serviço, ofício nº 89/78, do Sr. Prefeito Municipal, encaminhando o Prefeito - lei nº 08/78, ofício nº 701/78, do presidente do Tribunal de Contas do Estado do Pará, encaminhando cópia da Resolução nº 8.204, de 31.03.78. - Expedido: Ofício nº 021/78, ao Governador do Estado, encaminhando cópia da proposição do Vereador Valdir Espinheira Binuel; ofício nº 022/78, ao Secretário

da Fazenda, encaminhando cópia da proposição de distorção do Vereador Valdir Binuel, of nº 023/78, ao Sr. Prefeito, encaminhando proposições do Vereador Valdir Binuel, of nº 024/78, ao Diretor do Juval A Província do Pará, encaminhando cópia da proposição de autonomia do Vereador Valdir, of nº 025/78, aos Diretores do Jara, encaminhando requerimento do Vereador Valdir Binuel, of nº 026/78 ao Dr. João de Souza e demais auxiliares; of nº 027/78 a Prof. Ivete Ferreira Soares, of nº 028/78, ao governador Alípio da Costa Chaves, of nº 029/78, ao Dr. Fernando Coutinho Jorge, tendo de votos de agradecimento pelo tratamento dispensado aos Vereadores, durante o Sessão realizado de 27 a 31 de Março p. passado, of 030/78, ao Sr. Antonio Luis Albuquerque que e Ofício nº 031/78 à Sr. Juza Albuquerque que Jouveira, enviando votos de pesar, pelo falecimento do Sr. Francisco Gouveira, Ofício nº 032/78, ao Diretor da Rádio Cultura do Pará, enviando votos de parabéns pela passagem do 5º aniversário de fundação, de autoria do Vereador José Ribamar Lira. Em seguida o Sr. Presidente convidou o Professor David Sá, Secretário Municipal de Educação, juntamente com dois de seus auxiliares, para comporem a Mesa. A seguir o Sr. Presidente pediu a palavra ao Vereador Valdir Binuel, que agradeceu a boa vontade do Secretário de Educação em comparecer pela 2ª vez à nossa sessão em nossa Casa, dizendo também

que talvez por sermos ainda um povo sub-desenvolvido, mas que lutamos para deixar de sê-lo, e como as metas principais de nosso governante é a da Educação e saúde e, por esse motivo é que concedemos o dinâmico Secretário de Educação, para nos dizer o que a Educação em 1977 e o que será em 1978. Neste momento o Sr. Presidente colocou a palavra à disposição do Professor David Amorim Sá, que primeiramente dirigiu-se aos Vereadores, Diretores, Secretários, professores e pais de alunos que se encontravam presentes. Continuando, o Sr. Secretário declarou que o trabalho foi e é realizado por uma equipe e não apenas pelo Secretário, salgando que Educação se faz com carinho e inteligência. Disse também o Sr. Secretário, que aqueles que representam o povo, são os administradores, que eles existam na Secretaria de Educação, um trabalho feito em prol de todo o Município, dizendo-se reconhecido pelo apoio que vem recebendo do Sr. Prefeito e pela cooperação ilimitada. Prosseguindo, referiu-se ao ano de 1977, declarando que ao tomar posse, traçamos um roteiro no qual tínhamos como preocupação não a quantidade mas a qualidade do ensino, afirmando que de respeito tudo foi cumprido: 1º - Coluna de férias, realizada no mês de julho, com a participação de quase 500 crianças. 2º - Chamada à escola, com o objetivo de desobrigar quantas matrículas poderiam fazer em 1978. 3º - Preocupação com o Magistério - para que dentro de pouco tempo, não teriam mais na Rede de Edu-

cação o prof. leigo, afirmando que, no próximo ano, Castanhal não terá mais prof. leigo, não só Castanhal, como toda a Região Bragantina. Em seguida, apresentou um album tirado, visando vários dados sobre: total de alunos por séries, quantidade de prédios, salas e turmas, ressaltando a grande evasão escolar. Sobre Educação integrada, mantida pelo MOPRE, funciona de 2ª a 5ª série em 12 meses. Zona Rural - formada de 41 prédios, 41 salas e 53 turmas, propozendo um total de 1.466 alunos de 1ª a 4ª série. A seguir, fez distribuir aos Vereadores e demais presentes, a programação para o ano letivo de 1978, da Secretaria de Educação. Já para o ano de 1978, declarou que também elaborou um roteiro contendo: 1º - Zona Urbana, em o pessoal de apoio, formado de Diretor e Vice-diretor, 1 Secretário, 1 colaborador de turmas, 2 aux. de secretaria, 3 inspetores, 7 revisores e 1 vigia, funcionando em cada escola, visando qualidade e não quantidade, formou a comissão técnica Pedagógica - Orientação Educacional - Assistência Social - e supervisão de ensino. Como profeta, apresentou dois: O Projeto Capela e pro. municipal, falando também do curso de suplementar de Educação Geral na Zona Rural, declarou que há 51 professores, onde apenas um é professor pedagógico; reabriram as Escolas: Boa Vista, 3ª Antônia, Nossa Senhora das Conceição, Campina e 3 de Outubro, todas atendendo pedidos de moradores da localidade. Enquanto que na cidade, será inaugurada no próximo mês de maio, a Escola Municipal Prof. Encarnação, e também a Escola São João Bosco, que fica no posto Florestal. Nesse momento pediu permissão para apresentar em 2ª mão, ou melhor como usaria, o Madrigal de nossa cidade, sob regência do Maestro da Escola Técnica do Pará. Falou também da programação para 1978, da Casa da Cultura e

quais Boyca Passarinho, para tal também, distribuiu no  
 terno e fez divisações explanação. Seguiu, falou sobre a im-  
 plantação da Universidade Federal do Pará em Castanhal  
 adquirida através do grande esforço do Sr. Prefeito, falo  
 sobre Educação, disse que sentia com muita alegria o que  
 o Sr. Prefeito vem fazendo: 1º - Os professores receberam sa-  
 cumentos fixos. 2º - Professor de licença repouso, hoje fa-  
 zem direito em vencimento. 3º - o aumento em boa feitura, sa-  
 zendo elogios ao governo Alcyon Chaves, pelo apoio à Edu-  
 cação. Seguiu, agradeceu a gentileza em especial do Vere-  
 ador Valdir Rosmel pelo convite, e prometendo estar aqui qua-  
 tas vezes por convidado. Seguiu, falou o Vereador Valdir, agra-  
 deando a bonita explanação, fazendo merecidos elogios ao Ma-  
 rquês, à pessoa do Sr. Aguiar, que em tão pouco tempo, vem  
 tornando esse nº de pessoas, para tão bem representarem  
 a cidade. Ordem do dia: - Ainda o Vereador Valdir, solicitando  
 informações sobre: 1º Qual a área prioritária a ser implantada  
 da pelo UFPA, Esporte: Área de Educação e Esporte, quem  
 Prof. David, volta a falar desta vez referindo-se ao curso de  
 Pré-vestibular, que está sendo realizado nesta cidade. Seguiu  
 o Vereador R. Câmara, pediu a palavra e fez requeri-  
 mento de sua autoria de voto de parabéns ao general  
 de Divisão do Exército, Major do Exército. Logo após o Sr. Pre-  
 sidente colocou em discussão e votação no Plenário sendo  
 aprovado por unanimidade, ainda com a palavra, o Sr. Presi-  
 dente, dizendo ser uma reunião como esta, que se sente  
 como cidadão Presidente, pois até a galera era ocupada  
 por pessoas, além de assistir a reunião, ao contar com  
 a presença do Divinico Secretário de Educação, a quem de-  
 clarou em a Câmara composta de 7 Vereadores, homens de Casta-  
 nhal e não 7 Vereadores. Logo após, deu por encerrada  
 a sessão, agradeceu a presença de todos.

Sala das sessões da Câmara Municipal de Castanhal, aos 21  
 dias do mês de Abril de 1978.

Em Tempo: Também foram aprovados por unanimidade,  
 O projeto-lei, nº 01/78, concedendo personalidade de pessoa  
 jurídica de direito público, às fazendas Botum Tavares, im-  
 muneza São Lourenço, Virgílio Souza Costa, Antônio Pavia da  
 Aguiar, Naveira Pinheiro Holanda. Projeto-lei nº 02/78, que con-  
 cede aforamento de terrenos pertencente ao Patrimônio  
 Municipal, nesta cidade à Casa do Juizado. Projeto-  
 lei nº 03/78, autorizando a abertura de crédito especia-  
 l no valor de Cr\$ 132.052,49 (cento e trinta e dois  
 mil, cinquenta e dois cruzeiros e quarenta e nove centavos),  
 e da outras providências. O Plenário também aprovou  
 por unanimidade, o processo nº 36.856, referente à  
 prestação de contas, da Prefeitura Municipal de Cas-  
 tanhal, exercício de 1976, sob responsabilidade do  
 Prefeito José Espinheira de Oliveira.

Sala das sessões da Câmara Municipal de  
 Castanhal, aos 21 dias do mês de Abril  
 de 1978.

*[Handwritten signatures and initials]*

Universidade Federal do Pará poderia  
 vir à Castanhal, como em Pordônia  
 Macapá. Nesse momento usou a pa-  
 larava o Senhor Presidente pergunten-  
 do ao Prof. David, qual seria a área  
 que se tinha com mais facilidade.  
 Respondeu o Prof. David em termo gerais  
 a área de Educação, dizendo o Senhor  
 Presidente que preferia Enfermagem,  
 pois na área de Educação, Castanhal  
 já está muito bem servido. Solicitando  
 para que quando houvesse oportuni-  
 dade não esquecessem de fazer suas re-  
 vindicações para o nosso Castanhal,  
 em seguida o Prof. David já agradeceu  
 a boa vontade de todos em escutá-lo  
 por muitos minutos e que estava dis-  
 posto a recebê-lo para qualquer  
 esclarecimento a respeito do assunto.  
 Em seguida usou a palavra o Vereador  
 Câmara que após saber do número  
 exato de crianças em idade escolar  
 não matriculadas, disse que estava  
 bastante satisfeito com a explanação  
 do Prof. David, dizendo que acha  
 muito importante a criação de  
 uma Colônia de Férias em Casta-  
 nhal, citou Januário e achou bastante  
 a atitude do Prof. David, em deter-  
 minar que nenhuma criança deixaria  
 de estudar por não possuir registro de  
 nascimento ou taxa de matrícula.  
 Agradecendo finalmente e desejando

57

muito êxito em seu brilhante traba-  
 lho. Em seguida o Senhor presi-  
 dente colocou em discussão e votação  
 no Plenário o seguinte: Projeto-lei nº 19/  
 77 que concede aforamento de terrenos  
 pertencente ao Patrimônio Municipal, no  
 ta cidade recebe votação unânime.  
 - Projeto-lei nº 20/77, dispõe sobre a in-  
 corporação de área de terra ao Centro  
 Social Urbano, aprovado por unani-  
 midade. - Requerimento de autoria do  
 Vereador Raimundo Câmara de Bina  
 de Condolências ao Cônego Manoel Teixeira,  
 aprovado por unanimidade. - Requi-  
 rimento do Vereador José Ribamar Lou-  
 de Souza de Telegrafias de Condolências  
 ao Arcebispo D. Alberto Ramos pelo  
 falecimento do Senhor José Maria  
 do Lago, aprovado por unanimidade.  
 - Requerimento de autoria do Vereador  
 Valdir Rosmel solicitando telegrama  
 ao Presidente da CELPA, aprovado por  
 unanimidade. Em seguida usou  
 da palavra o Senhor Presidente, di-  
 zendo que esta foi a mais proveitosa  
 sessão já realizada. Dizendo não fazer  
 perguntas, pois tudo ficou explicado  
 e que o Secretário David pode contar  
 com o apoio total desta Casa, da ma-  
 neira como quis se dirigir, que esta  
 Câmara o recebeu de braços abertos e  
 o receberá tantas e quantas vezes se  
 tiver presente nesta sessão. E como

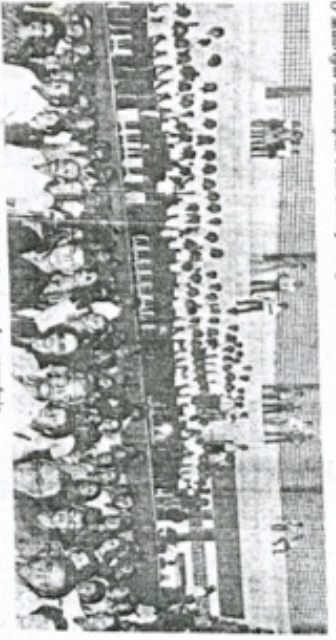
# UHPa. assinou convênio para implantar núcleo: Castanhal

A Universidade Federal do Paraná completou na manhã de ontem, em Castanhal, mais uma etapa, e talvez a mais importante, do processo de implementação do novo espaço de ensino e pesquisa: o convênio assinado com a Prefeitura Municipal de Castanhal, através do Núcleo de Educação Superior mediante o qual se implantará o núcleo de ensino superior para atuar no ensino de 1ª e 2ª graus, nos municípios das zonas rurais, São João do Caiçara, englobando 32 municípios.

A assinatura do documento foi realizada no Ginásio "Teresa Pimenta", com a presença do reitor Aracy Amazzoni Barreto, prefeito Almir Lima, representante do governador, coronel Francisco Ribeiro Machado, deputado Antônio Teixeira, presidente da Assembleia Legislativa do Estado e Maximiano Furquim, presidente do Conselho Municipal, presentes das cidades anexas para, proporem, das cidades anexas, a implantação de escolas primárias e secundárias, com a implantação de cursos de ensino médio e técnico. A assinatura ocorreu às 10h30, em um ambiente agradável, com a presença de autoridades locais e estaduais, além de representantes das instituições envolvidas. O documento assinado prevê a criação de um núcleo de ensino superior em Castanhal, com o objetivo de atender às necessidades de ensino superior das cidades anexas. O núcleo será implantado em um prédio de 10 mil metros quadrados, com capacidade para 100 alunos. O convênio prevê também a criação de cursos de ensino médio e técnico, com o objetivo de atender às necessidades de ensino médio e técnico das cidades anexas. O convênio prevê também a criação de cursos de ensino superior, com o objetivo de atender às necessidades de ensino superior das cidades anexas. O convênio prevê também a criação de cursos de ensino superior, com o objetivo de atender às necessidades de ensino superior das cidades anexas.



O Município Municipal Vitor Rios prestigiou também o ato



Muita gente compareceu ao ato de assinatura do convênio

menor o alcance dos objetivos. Além disso, a implantação se dará ainda este ano, com a apresentação inicial do diagnóstico das necessidades pedagógicas das regiões.

No falar sobre a implantação do Núcleo de Educação em Castanhal, o reitor Aracy Barreto, mencionou a importância do documento assinado e pediu "unidade e esforços da comunidade" para o alcance dos objetivos, enfatizando que a Universidade não se propõe a resolver os problemas da comunidade, mas junto com esta lutar em busca das soluções. Mais adiante, o reitor Aracy Barreto fez um paralelo com o trabalho desenvolvido em Sertãozinho, onde a comunidade apresentava uma mentalidade muito diferente da atual.

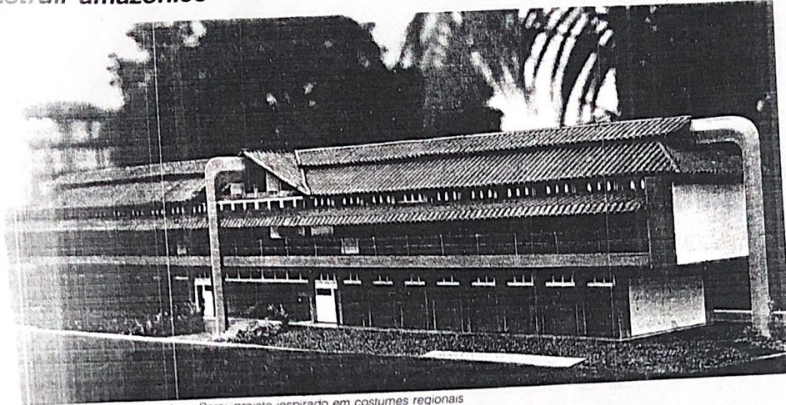
Ao final agradeceu as homenagens prestadas afirmando que a "Universidade é reconhecidamente pobre economicamente, mas rica em recursos humanos e precisa a prestar seus serviços, junto com estudantes, professores e companheiros de trabalho".

A cerimônia de assinatura do documento que implantou o Núcleo de Educação contou também com pronunciamentos do prefeito de Castanhal, Almir Lima, saudando por um representante da comunidade, professor Laurento Francisco Alves de Melo, saudando da juventude do município à Universidade Federal do Paraná, através da estudante do 2º grau Maria Ivete Marquês, apresentações do Município Municipal Vitor Rios, encerrando com o canto do Hino Nacional Brasileiro por todos os presentes. Ao final da cerimônia foi servido um coquetel.

“Estados Unidos”

ano Geral

onstruir amazônico



do campus de Castanhal, no Pará: projeto inspirado em costumes regionais

planos de estender sua atuação às cidades além da capital. A Universidade Federal do Pará tem um programa de implantação de campus nas oito microrregiões em que o estado está dividido. Para elaborar os projetos contratou o arquiteto João Castro Filho, criando uma linha de trabalho que já recebeu várias premiações, pautada na harmonização do espaço urbano com o clima e o ambiente amazônicos. No momento, a Universidade dá andamento às obras do segundo campus - o de Castanhal, inaugurado há cerca de dois anos. Este reflete o pensamento do arquiteto, que afirma pretender recriar a universidade com "valores e odores, enfim, com a sabedoria e os saberes milenares da Amazônia".

A 70 km de Belém, o campus de Castanhal é considerado um dos mais prósperos do estado em agropecuária e com um amplo parque industrial. A cidade representa aquilo que João Castro Filho descreve como a Amazônia firme, distante dos rios e fora do leito da antiga estrada de Belém-Bragança, hoje transitada na rodovia Belém-Brasília. A ferrovia representa um símbolo nostálgico da região. Por isso o projeto desse campus tenta relacionar e representar o pavilhão como um trem, sendo a sala de aula um vagão.

dos 20 a serem construídos, o pavilhão em obras comporta dois pavimentos, 16 salas de aula e uma área de recreação. Sua concepção retoma o costume local de instalar os vagões de modo a que as peças recebam ventilação natural. "Inspirado nessa ideia,

surgiu então o varal de concreto, que suspende o conjunto de salas de aula como se fossem roupas a favor do vento, ou seja, o vento entra de um lado e sai do outro", afirma Castro Filho. Num clima quente e úmido esta solução aumenta o nível de conforto.

Outros hábitos regionais também foram incorporados ao projeto, com as necessárias transformações. Um desses elementos foi inspirado na versão amazônica do abanico espanhol e do leque francês, o abano, feito com talas de mirim - palmeira que chega a ter 30 m de altura - e usado pelas pessoas para aumentar a ventilação. A forma desse abano foi utilizada na divisão das salas de aula: enormes abas, em concreto, reforçam a captação do vento e servem, ao mesmo tempo, de anteparo para o barulho entre as salas, melhorando a acústica no interior delas.

O referencial amazônico sobre arquitetura, que na opinião de João Castro Filho se preocupa em proporcionar equilíbrio permanente entre o homem e o meio ambiente, também foi aplicado no primeiro campus regional construído - o de Baixo Tocantins, na cidade de Abaetetuba. Só que, enquanto o de Castanhal representa a Amazônia de terra firme, o outro reflete a Amazônia aquática. Um exemplo são os captadores de vento sobre o torço dos prédios, inspirados nas velas coloridas dos barcos do rio Tocantins.

O campus de Castanhal está sendo erguido em uma área de 20 ha, doada por fazendeiros da região. Na obra do pavilhão pioneiro, que deverá ser inaugurado ainda este ano, estão sendo aplicados recursos do governo do estado do Pará, em convênio assinado com a universidade.

Edifício "verde" no centro de Berlim

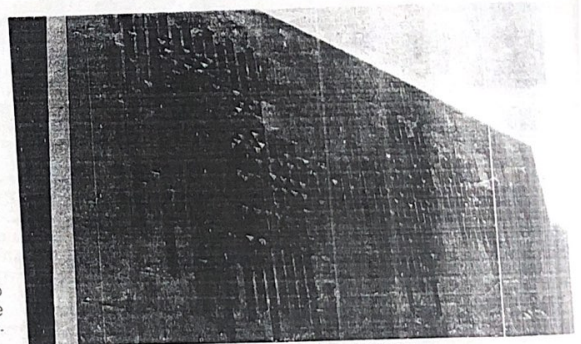
Uma proposta de Louisa Hutton e Matthias Sauerbruch (LHMS Architects, de Londres) foi vencedora de concurso para projetar a ampliação do edifício de 16 andares que desde os anos 50 é a sede do GSW, o organismo habitacional do governo de Berlim, situado no bairro de Kreuzberg. A ampliação, com área bruta de 19 000 m<sup>2</sup> destinada a lojas e escritórios, é uma das primeiras pro-

postas pós-unificação para o centro histórico da cidade. A obra deve começar no segundo semestre de 1992.

A denominação do anteprojeto vencedor - Arquitetura Verde - reflete o desejo de seus autores de debater o uso de tecnologia e recursos convencionais. Ele facilita a ventilação e maximiza o uso da luz natural, estimulando economia de energia e reduzindo a emissão de clorofluorcarboneto (CFC).

O projeto utiliza uma dupla cortina de vidro de maneira que o ar interior funcione como isolamento térmico. No verão, a corrente de ar ascendente aumenta com a incidência direta da luz solar e assim favorece as aberturas em cada pavimento, no lado oposto à cortina de vidro, garante a ventilação cruzada. O frio da noite pode passar através do espaço entre o piso elevado e a laje, refrescando os ambientes. No inverno, com o aquecimento central ligado, a corrente serve de proteção de extração de ar.

Além de responsável pela construção de novas moradias, o GSW faz também a manutenção das antigas, incluindo os mundialmente famosos Siedlungen, conjuntos habitacionais das décadas de 20 e 30 que colaboraram com a participação de Mies van der Rohe, Gropius, Scharenow e outros arquitetos de renome.



Peças de granito: desenhos variam com a incidência da luz solar

Revoada

É do arquiteto Jamil Kfourri o projeto paisagístico que mudou a fachada de um prédio de escritórios na avenida República do Líbano, vizinha ao parque Ibirapuera, em São Paulo. Inspirado na natureza que habita o parque, ele criou projeto escultórico, programado em computador, que dá a ideia de uma revoada de passaros. Com fundo em arenito vermelho e peças de granito preto polido, o painel forma de-

senhos que se modificam durante o dia, em função da incidência da luz solar. Outra criação de Kfourri pode ser vista no Hospital Sírio-Libanês, onde ele usou peças de granito rústico para compor um painel no hall de recepção. Na obra de República do Líbano, executada pela empresa Pedras Requite, já teve como colaboradores Magalhães Netto e Danilo Trazi.

## UFPa vai implantar Núcleo de Educação em Castanhal a 14

No próximo dia 14 às 9 horas será instalado no município de Castanhal um Núcleo de Educação da Universidade Federal do Pará, como parte do programa de interiorização dessa entidade. A cerimônia terá lugar no Ginásio Loyola Passarinho, na sede do município, com a presença do reitor Aracy Barreto, sub-reitores de Ensino, Extensão e Planejamento, e cerca de 32 prefeitos municipais das Zonas do Salgado, Bragantina e Guajarina, áreas de influência da universidade.

A implantação dessa unidade é resultante de convênio assinado entre a UFPa. e a Prefeitura local, cujos estudos iniciais foram feitos em outubro do ano passado. A professora Maria de Nazaré Sá vai ficar encarregada do desenvolvimento das atividades do Núcleo de Castanhal.

A Associação de Pais e Mestres do curso de 1o. grau da UFPa. vai se reunir em assembléia geral no próximo dia 5, às 18:00 horas, na sede do estabelecimento, à Avenida Perimetral, para discutir vários assuntos entre os quais a aprovação do Estatuto da associação, que tem por objetivo uma eficiente integração escola-família.

Essa entidade espera o comparecimento de todos os pais ou responsáveis pelos discentes à referida reunião.

A partir de hoje até o dia 4 próximo estão abertas as inscrições para estudantes universitárias que quiserem participar de uma pesquisa sobre aleitamento materno, a ser desenvolvida em Belém e Icoaraci pelo Projeto Rondon.

O projeto firmou convênio com a Secretaria de Saúde Pública para coletar dados sobre o assunto, com mães de crianças de menos de 1 ano de idade, nos Centros de Saúde 1,3 (Belém) e 5 (Icoaraci).

Desta pesquisa participarão apenas universitários do sexo feminino, por ser o problema abordado diretamente relacionado às mulheres, e ainda porque o questionário contém perguntas que poderiam embaraçar as senhoras, caso feitas por universitários".

As inscrições estão abertas na sede do Projeto Rondon (Rua Gama Abreu, 137), podendo inscrever-se universitárias dos cursos de Ciências Sociais, Direito, Serviço Social, Pedagogia, Comunicação Social, Psicologia, Enfermagem, Nutrição, Medicina, Administração, Letras, Economia, Ciências Contábeis, Educação Artística e Turismo.

## UFPa. chega a Castanhal

Dentro da política de interiorização para a qual está voltada a Universidade Federal do Pará, visando à expansão do ensino em toda a região amazônica, será instalado no município de Castanhal, em cerimônia a ocorrer no próximo dia 14, às 09 horas, na sede do Ginásio Loyola Passarinho, um Núcleo de Educação da própria UFPa., a exemplo do que já existe em Santarém.

A implantação da referida unidade de ensino mantida por nossa Universidade naquele município decorre de convênio celebrado com a Prefeitura local, cujos estudos iniciais datam de outubro do ano passado, quando ali esteve o reitor Aracy Barreto, acompanhado de seu assessor especial, Prof. Meirevaldo Paiva, em demorado contato com o prefeito Almir Tavares Lima. Naquela oportunidade, os estudos básicos para a instalação do Núcleo de Educação foram realizados, o que culminará com a solenidade do próximo dia 14, quando a UFPa. será definitivamente instalada naquele progressista município paraense.

O ato será presidido pelo reitor Aracy Barreto, devendo ainda contar com a presença dos sub-reitores de Ensino, Extensão e de Planejamento, além de cerca de 32 prefeitos das zonas do Salgado, Bragantina e Guajarina, áreas de influência da Universidade.

*anda vai acontecer*

## Núcleo da Universidade em Castanhal

Dentro da política de interiorização para a qual está voltada a Universidade Federal do Pará, visando à expansão do ensino em toda a região amazônica, será instalado no município de Castanhal, em cerimônia a ocorrer no próximo dia 14, às 9 horas, na sede do Ginásio Loyola Passarinho, um Núcleo de Educação da própria UFPa., a exemplo do que já existe em Santarém.

A implantação da referida unidade de ensino mantida por nossa Universidade naquele município decorre de convênio celebrado com a Prefeitura local, cujos estudos iniciais datam de outubro do ano passado, quando ali esteve o reitor Aracy Barreto, acompanhado de seu assessor especial, prof. Meirevaldo Paiva, em demorado contato com o prefeito Almir Tavares Lima. Naquela oportunidade, os estudos básicos para a instalação do Núcleo de Educação foram realizados, o que culminará com a solenidade do próximo dia 14, quando a UFPa. será definitivamente instalada naquele progressista município paraense.

O ato será presidido pelo reitor Aracy Barreto, devendo ainda contar com a presença dos sub-reitores de Ensino, Extensão e Planejamento, além de cerca de 32 prefeitos das zonas do Salgado, Bragantina e Guajarina, áreas de influência da Universidade.



*31-03-1978*

*Aracy Barreto*

*do Pará*

*31-03-1978*



O madrigal Villa-Lobos, durante sua apresentação.

## Convênio marca a interiorização da UFPa. em Castanhal

Foi assinado ontem em Castanhal o convênio entre a Universidade Federal do Pará e a Prefeitura Municipal de Castanhal, pelo qual aquela entidade se compromete a instalar nesse município um Núcleo de Educação e de Atividades Extensionistas, para a formação de recursos humanos que deverão ser um fator de desenvolvimento econômico para toda a zona bragantina, guajarina e do Salgado.

O convênio, firmado em sessão solene a que compareceram o reitor Aracy Barreto, outras autoridades universitárias, e representantes do Executivo e Legislativo estadual, evidencia a posição de Castanhal como polo de desenvolvimento de uma região carente de recursos humanos qualificados para promover seu desenvolvimento.

O ato foi iniciado pelo secretário de Educação do município, David Sá, que em seguida passou a palavra ao prefeito Almir Lima. Em sua breve alocução, gestor castanhalense mostrou a importância do convênio, concretização de uma velha aspiração local.

Após a assinatura do documento pelo reitor Aracy Barreto e prefeito Almir Lima, houve apresentação do madrigal Villa-Lobos, seguindo-se o discurso de Laureno Melo, que falou em nome da comunidade local. Maria Ivete Marques, a seguir, falou em nome dos estudantes de Castanhal, agradecendo a iniciativa da Universidade e da prefeitura, que vai marcar o início de uma nova etapa na educação local.

Na ocasião foram entregues plaquetas comemorativas ao reitor, e aos professores Cônego Apio Campos, Diniz Ferreira e Jussie Gonçalves.

O ato foi encerrado pelo reitor Aracy Barreto, que declarou ser a universidade uma entidade pobre, que luta com poucos recursos, compensados pela boa vontade.

# Secretários Municipais de Educação

O Independente 13 a 19 de abril de 1989.



No dia 20 de abril, a professora Maria de Nazaré Sá, coordenadora do Campus Universitário de Castanhal e o prof. David Sá, realizaram uma reunião com os Secretários Municipais de Educação dos municípios que integram o referido campus. O objetivo era discutir quais as prioridades da educação nestes municípios.

Da discussão, resultaram as seguintes ações:

- a) Reativação dos Projetos Gavião I (capacitação de professores leigos) e Gavião II (habilitação a nível de magistério);
- b) Realização do Curso de Estudos Adicionais para a implantação do 1o. grau maior, na zona rural dos municípios;
- c) Reativação dos encontros de educadores das três microrregiões: Bragantina, Guajarina e Salgado.

Ao final da reunião, foi ventilada a possibilidade de realizar-se uma excursão ao Nordeste, com o objetivo de tomar-se conhecimento das experiências educacionais que vêm sendo feitas na citada região.



## Núcleo Educacional da UFPa. com várias atividades

A pró-reitoria de extensão da UFPa. distribuiu para a imprensa e para a comunidade o cartel de atividades que o Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão sediado em Castanhal está desenvolvendo na comunidade. As atividades de extensão estão com os seguintes cursos: Análises Clínicas; Eletrônica; Instalações elétricas; sabão caseiro e conservação de alimentos, contando o núcleo com oito professores para estes cursos. O núcleo ainda conta com oito alunos de pedagogia, um professor que desenvolve três vezes por semana sua atividade nas escolas municipais e estaduais, dando uma enorme colaboração didático-pedagógica aos professores, supervisores e alunos, já a SAJS que vem funcionando há algum tempo em nossa comunidade com um excelente serviço conta atualmente com sete alunos de direito, um professor e nove funcionários que prestam serviços à comunidade a pessoas carentes que necessitam de amparo jurídico. No campo de Assistência Social é desenvolvido um trabalho no bairro da Piraposa, onde cinco alunos e um professor desenvolvem o trabalho duas vezes por semana, da mesma forma como o curso de Nutrição vem desenvolvendo projetos de Assistência e Educação Nutricional da Comunidade de Castanhal e incentivo ao aleitamento materno, através de três alunos e um professor, três vezes por semana. No campo de atividade de ensino, está sendo ministrado o Curso de Pedagogia, Supervisão Escolar (Complementação) atendendo às diversas zonas pertencentes ao Estado do Pará, sendo realizados no núcleo de segunda a sexta-feira em tempo integral. Na realidade o núcleo da UFPa. que tem como coordenadora a professora Nazaré Espinheiro Sá, vem desenvolvendo um grande trabalho e só vem merecendo os elogios da comunidade.

A Financieira do Pará no Jornal de Castanhal  
Dia 18-05-86